

CLÁUDIA LIMA AYER DE NORONHA

Quais os efeitos da economia étnica sobre a empregabilidade e os rendimentos dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro?

BELO HORIZONTE

FAFICH/ UFMG

2013

CLÁUDIA LIMA AYER DE NORONHA

Quais os efeitos da economia étnica sobre a empregabilidade e os rendimentos dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Meire Vilela

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Cláudia Lima Ayer de Noronha

Quais os efeitos da economia étnica sobre a empregabilidade e os rendimentos dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestrado.

Profa. Dra. Elaine Meire Vilela – Orientadora

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor André Brás Golgher
Faculdade de Ciências Econômicas
Universidade Federal de Minas Gerais

Professor Doutor Jorge Alexandre Barbosa Neves
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

Professora Doutora Elaine Meire Vilela
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Essa não é uma dissertação de uma só pessoa! No meu caminho, durante o mestrado, fui acompanhada por amigos queridos aos quais devo meu muito obrigada!

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe, meu pai e a Flávia, pelo apoio e incentivo incondicional.

Ao Bernardo, pelo companheirismo, carinho e conselhos preciosos durante essa jornada.

À Elaine, que nos anos de convivência tão agradáveis, muito me ensinou e contribuiu imensamente para meu crescimento acadêmico.

Aos amigos do Laboratório de Pesquisa em Estratificação Social e Trabalho (LAPEST), pelos momentos de debate, companheirismo e amizade.

Aos professores André Golgher e Jorge Alexandre Neves, pela leitura atenta ao projeto e valiosas contribuições para este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus grandes amores: Tânia, Luiz, Flávia e Bernardo.

RESUMO

Este estudo analisa a economia étnica no mercado de trabalho brasileiro para 13 grupos de imigrantes internacionais, tendo como propostas centrais: a) avaliar o impacto da inserção em tal economia sobre a empregabilidade e sobre os rendimentos salariais dos estrangeiros; b) analisar se esses efeitos são homogêneos entre as diversas origens nacionais/étnicas. Para tanto, a economia étnica é definida como o conjunto de empresas que empregam em números significativos estrangeiros da mesma origem nacional ou que estão na posse de imigrantes, independentemente do tipo de negócio, da dimensão e localização espacial da empresa. Para investigar essas questões, utilizo abordagem quantitativa, a partir de uma amostra de microdados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do ano de 2010, por meio da aplicação de técnicas estatísticas, quais sejam: Modelo Hierárquico de Regressão Logística Binomial e Modelo Hierárquico de Regressão Linear. Os resultados indicam a existência de economia étnica no mercado de trabalho brasileiro para todos os grupos de imigrantes analisados, com maior tendência entre paraguaios, bolivianos, chineses e uruguaios, grupos de imigrantes que pesquisas anteriores indicam serem discriminados negativamente no mercado de trabalho brasileiro. Por outro lado, os imigrantes com menor proporção de trabalhadores em negócios étnicos são os espanhóis, chilenos, portugueses, alemães e norte-americanos. Esses achados sugerem que trabalhadores estrangeiros com maior dificuldade de entrada no mercado local devido, por exemplo, à discriminação tendem a se inserir em empresas do mercado étnico. Ainda é encontrado que esses trabalhadores estão em pior situação no mercado em comparação aos seus compatriotas inseridos no mercado aberto, na medida em que eles têm menores chances de se manterem empregados, e a permanência em tal economia reduz as médias salariais dos estrangeiros. Essa pesquisa, portanto, lança luz sobre a economia étnica brasileira, evidenciando a existência de um mercado em que os imigrantes se encontram em pior situação quanto à empregabilidade e aos rendimentos, em comparação aos estrangeiros no mercado comum.

PALAVRAS-CHAVE: imigrantes internacionais, mercado de trabalho, economia étnica.

ABSTRACT

This study examines the ethnic economy in the Brazilian labor market considering 13 groups of international migrants, and minding the following objectives: a) to analyze the impacts of inclusion in such an economy, concerning employment and wage incomes of those foreigners; b) to verify whether these effects are the same among the different national backgrounds / ethnicities or not. The ethnic economy can be defined as the set of companies that are possessed by immigrants or that employ a significant number of people of that same foreign origin workers, regardless the type of business, size or location of the company. In order to investigate these issues, I make use of a quantitative approach researching the data from a sample of “*Relação Anual de Informações Sociais*” (RAIS) of 2010, throughout the application of the following statistical techniques: Hierarchical Logistic Regression Model and Hierarchical Linear Regression Model. The results indicate the existence of an ethnic economy in the Brazilian labor market, considering all the groups analyzed, with a greater tendency among Paraguayans, Bolivians, Chinese, and Uruguayans – immigrant groups that had already been discriminated in the Brazilian labor market, according to previously made research. On the other hand, the lowest proportion of workers in ethnic businesses consists of Spanish, Chilean, Portuguese, Germans and Americans immigrants. These findings suggest that foreign workers with greater difficulty in entering the local market due to discrimination or other reasons tend to apply for jobs in the so called ethnic companies. It’s also found that these workers are in a worse condition, when, comparing to their compatriots who were hired in the open market. Moreover, as they are less likely to remain employed this situation reduces the average remuneration of those foreigners. This research, in conclusion, sheds light on the Brazilian ethnic economy, showing the existence of a market in which some immigrants are in a worse condition of employability and income, comparing to other foreigners in the common market.

KEYWORDS: international immigrants, labor market, ethnic economy.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1- Distribuição total de imigrantes paraguaios | 57 |
| Tabela 2- Distribuição total de imigrantes bolivianos..... | 58 |
| Tabela 3- Distribuição total de imigrantes chineses..... | 59 |
| Tabela 4- Distribuição total de imigrantes uruguaios..... | 60 |
| Tabela 5- Distribuição total de imigrantes italianos..... | 61 |
| Tabela 6- Distribuição total de imigrantes japoneses..... | 62 |
| Tabela 7- Distribuição total de imigrantes franceses..... | 63 |
| Tabela 8- Distribuição total de imigrantes argentinos..... | 64 |
| Tabela 9- Distribuição total de imigrantes norte-americanos..... | 65 |
| Tabela 10- Distribuição total de imigrantes alemães..... | 66 |
| Tabela 11- Distribuição total de imigrantes portugueses | 67 |
| Tabela 12- Distribuição total de imigrantes chilenos | 68 |
| Tabela 13- Distribuição total de imigrantes espanhóis..... | 69 |
| Tabela 14- Distribuição da origem do imigrante por tipo de empresa | 70 |
| Tabela 15- Resultados das equações hierárquicas logísticas binomiais para análise da probabilidade dos imigrantes manterem-se empregados | 79 |
| Tabela 16- Resultados das equações hierárquicas lineares do logaritmo do salário mensal do trabalho principal no mercado brasileiro | 80 |
| Tabela 17- Resultados das equações hierárquicas lineares do logaritmo do salário mensal do trabalho principal por grupo de origem | 81 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Distribuição de frequência de imigrantes por país de origem..... | 39 |
| Gráfico 2 - Número de funcionários por tipo de empresa em economia aberta ou economia étnica | 54 |
| Gráfico 3 - Setor da economia por tipo de empresa em economia aberta ou economia étnica | 55 |
| Gráfico 4 - Distribuição da origem do imigrante por tipo de empresa em economia aberta ou economia étnica | 56 |
| Gráfico 5 - Distribuição da origem do imigrante por tipo de empresa | 71 |
| Gráfico 6 - Distribuição total dos imigrantes por tipo de empresa | 72 |
| Gráfico 7 - Distribuição de imigrantes por grupo de ocupação..... | 71 |
| Gráfico 8 - Distribuição de imigrantes na economia étnica por grupo de ocupação..... | 72 |
| Gráfico 9 - Distribuição de imigrantes na economia aberta por grupo de ocupação..... | 73 |
| Gráfico 10 - Média salarial dos imigrantes por tipo de economia..... | 75 |
| Gráfico 11 - Distribuição de trabalhadores ocupados | 76 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|---|----|
| Mapa 1 – Mapa com distribuição da frequência de empresas por estados do Brasil | 52 |
| Mapa 2 – Mapa com distribuição dos imigrantes no mercado étnico pelos estados do Brasil | 53 |
| Mapa 3 – Mapa com distribuição dos imigrantes paraguaios | 57 |
| Mapa 4 – Mapa com distribuição total de imigrantes bolivianos | 58 |
| Mapa 5 – Mapa com distribuição total de imigrantes chineses | 59 |
| Mapa 6 – Mapa com distribuição total de imigrantes uruguaios..... | 60 |
| Mapa 7 – Mapa com distribuição total de imigrantes italianos..... | 61 |
| Mapa 8 – Mapa com distribuição total de imigrantes japoneses..... | 62 |
| Mapa 9 – Distribuição total de imigrantes franceses..... | 63 |
| Mapa 10 – Distribuição total de imigrantes argentinos..... | 64 |
| Mapa 11 – Distribuição total de imigrantes norte-americanos..... | 65 |
| Mapa 12 – Distribuição total de imigrantes alemães..... | 66 |
| Mapa 13 – Distribuição total de imigrantes portugueses | 67 |
| Mapa 14 – Distribuição total de imigrantes chilenos | 68 |
| Mapa 15 – Distribuição total de imigrantes espanhóis..... | 69 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Critérios para classificação das empresas em economia étnica ou aberta.... | 36 |
| Quadro 2 – Quadro das variáveis dependentes utilizadas para as estimações..... | 41 |
| Quadro 3 – Quadro das variáveis independentes de teste utilizadas para as estimações | 42 |
| Quadro 4 – Quadro das variáveis independentes de controle..... | 43 |
| Quadro 5 – Quadro com a síntese dos modelos estimados e as hipóteses correspondentes | 45 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Revisão teórica | 4 |
| 2.1. A inserção de imigrantes no mercado de trabalho hospedeiro | 4 |
| 2.2. Economia étnica..... | 23 |
| 2.3. Características das pesquisas brasileiras sobre imigrantes internacionais | 28 |
| 2.4. Fatores que ajudam a explicar a situação socioeconômica do imigrante no mercado de trabalho..... | 29 |
| 2.5. Objetivos e hipóteses do trabalho | 35 |
| 3. Considerações metodológicas | 36 |
| 3.1. Delimitação do estudo..... | 36 |
| 3.2. Delimitação dos dados | 37 |
| 3.3. Delimitação dos modelos | 40 |
| 4. Análise descritiva dos dados | 51 |
| 5. Resultados | 78 |
| 6. Considerações finais | 82 |
| 7. Referências bibliográficas | 87 |
| APÊNDICES – Tabelas dos resultados dos modelos de regressões rodados..... | 97 |

1. Introdução

São muitos os estudos, internacionais e nacionais, que buscam compreender o processo de inserção dos imigrantes na sociedade hospedeira e, especificamente, a integração desses indivíduos no mercado de trabalho de destino (Bonacich, 1973; Piore, 1979; Portes e Bach, 1985; Jong e Madamba, 2001; Van Tubergen, Maas e Flap, 2004; Sala, 2005; Silva, 2006; Piore e Safford, 2007; Illes, Timóteo, Pereira, 2008; Souchaud e Baeninger, 2008; Batista, 2009; Kesler e Hout, 2010; Guanais, 2010; Villen, 2011; Vilela, 2008, 2011; Vilela *et al.* 2012, Baeninger, 2012, para citar alguns exemplos). Inicialmente, nessas pesquisas, predominam a ideia de que os imigrantes ocupam posições de baixa qualificação e remuneração no mercado local (Piore, 1979; Piore e Sabel, 1984). No entanto, com o desenvolvimento dos estudos, outra abordagem teórica é difundida. Por esse viés, nem todos os imigrantes estão em uma situação permanente de exploração, mas, dependendo da qualificação de cada trabalhador, eles podem também se inserir em posições no topo da hierarquia ocupacional (Sassen, 1990, 1998). Atualmente, com o aprofundamento dos estudos, um novo modelo de incorporação dos imigrantes no mercado de trabalho de destino vem sendo consolidado na literatura, principalmente internacional. Nessa última abordagem, afirma-se que os estrangeiros se inserem em um mercado de trabalho paralelo ao mercado aberto, constituindo uma economia própria, definida como *economia étnica*.

Nesse modelo de incorporação, baseado em redes sociais (Portes e Bach, 1985; Kesler e Hout, 2010), a economia étnica é definida como o conjunto de empresas que estão na posse de imigrantes ou que empregam membros da comunidade étnica¹, em números significativos, independentemente do tipo de negócio, dimensão da empresa e localização espacial (Zhou, 2004:1043). Demarca-se, portanto, a economia étnica a partir do critério da concentração de trabalhadores ou da propriedade de empresas por estrangeiros; isto é, pode ser entendido como o caso das empresas onde se concentra uma proporção significativa de trabalhadores de um mesmo grupo étnico/nacional ou se observa a presença de proprietários imigrantes (Light *et al.*, 1994; Light e Karageorgis,

¹ Por grupo/comunidade étnica defino como indivíduos da mesma origem nacional, visto que Aldrich e Waldinger (1990) assumem que pessoas que compartilham da nacionalidade e experiência migratória podem ser agregadas em um mesmo grupo étnico. Essa mesma perspectiva é adotada por Vilela e Xavier (no prelo), que assumem por grupo étnico “os membros que tenham uma consciência de grupo e uma crença em origem e cultura comum, ou que os ‘outros’ acreditem na existência dessa consciência” (p. 10, no prelo).

1994; Light e Gold, 2000). Quanto aos efeitos da participação em economias étnicas sobre a empregabilidade, os rendimentos e o *status* sócio-ocupacional dos imigrantes, há divergências entre vários autores.

Alguns pesquisadores argumentam que o efeito da participação na economia étnica sobre o rendimento e sobre o *status* sócio-ocupacional do imigrante é negativo, uma vez que: a) a entrada na economia étnica é apenas uma fuga ao desemprego; b) a permanência em tal economia dificulta a assimilação de imigrantes, diminuindo a taxa de aquisição de capital humano (por exemplo, a linguagem) e acarretando em perdas salariais e de mobilidade social (Sanders e Nee, 1987; Chiswick, 1999; Nee, Sanders e Sernau, 1994; Nee e Sanders, 2001).

Outros estudos afirmam que os efeitos não são consistentes, podendo tanto dificultar quanto promover vantagens socioeconômicas no mercado de trabalho para os imigrantes. O efeito dependeria do acesso a outras informações que circulam fora do grupo, das normas sociais da comunidade, do sucesso das empresas étnicas e da própria demanda pelos produtos e serviços étnicos (Coleman, 1988; Borjas, 1990; Chiswick, 1999; Friedberg, 2000; Kesler e Hout, 2010).

Já alguns autores argumentam que trabalhadores imigrantes inseridos na economia étnica têm retornos superiores do que aqueles inseridos no mercado aberto, sendo, nesse caso, uma rota alternativa para a mobilidade ascendente de imigrantes que podem ser penalizados por barreiras linguísticas e culturais no mercado de trabalho principal (Portes e Bach, 1985; Kesler e Hout, 2010).

No Brasil, nos diversos estudos que se têm notícia, tanto na temática de estratificação social quanto de imigração internacional, não foram ainda exploradas pesquisas sobre os efeitos na economia étnica sobre a inserção socioeconômica do imigrante no país. Sobre a situação do imigrante internacional no mercado de trabalho brasileiro, encontram-se, também, poucos estudos (Melo *et al.*, 2003; Sala, 2005; Vilela, 2008, 2011; Vilela *et al.*, 2012) que adotam uma perspectiva comparativa e quantitativa.

Com intuito de contribuir com esse debate e sanar algumas lacunas existentes na literatura brasileira, pretendo responder neste trabalho as seguintes perguntas: Há

economia étnica no Brasil? Se sim, qual o efeito da participação em economias étnicas para a empregabilidade e o rendimento dos trabalhadores imigrantes internacionais no Brasil, em comparação aos trabalhadores estrangeiros inscritos na economia aberta, isto é, em uma economia não étnica? Esses efeitos são homogêneos para as diversas etnias/origens nacionais presentes no Brasil?

Para analisar tais pontos, utilizo uma abordagem quantitativa, por meio da aplicação de modelos estatísticos a partir de microdados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do ano de 2010. A seguir, apresento a revisão bibliográfica sobre o assunto, com o intuito de construir as hipóteses a serem testadas neste estudo.

2. Revisão teórica

O enfoque no mercado de trabalho é fundamental para análise da imigração internacional na sociedade de destino, visto que, por definição, um imigrante é essencialmente uma força de trabalho (Abdelmalek, 1998). Segundo Abdelmalek Sayad (1998:55), “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”. É, sobretudo, o trabalho que promove a imigração, já que os indivíduos optam em sair de sua terra natal em busca de melhores condições de vida².

Um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante é, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para vida (e para imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida, no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável, a qualquer momento (Abdelmalek, 1998: 54).

Sob essa perspectiva, apresento nesta seção as principais correntes teóricas que investigam esse processo de integração de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho de destino. Na literatura existem, fundamentalmente, quatro abordagens que buscam analisar o tema, quais sejam: a) *a teoria do mercado de trabalho segmentado ou dual* (Piore, 1979; Piore e Sabel, 1984); b) a releitura crítica, realizada por Sassen (1998), dessa corrente do mercado segmentado, denominada por *teoria dos sistemas mundiais*; c) a teoria das classes intermediárias – *middleman*, de Bonaicich (1973); d) a *teoria da economia étnica* (que engloba as abordagens de enclave étnico e empreendedorismo étnico). Destaco que a última corrente, isto é, da economia étnica, é a fonte inspiradora deste trabalho.

2.1 A inserção de imigrantes no mercado de trabalho hospedeiro

Sobre as formas de inserção do trabalhador estrangeiro na estrutura econômica local, a literatura pode ser dividida em diferentes abordagens. A primeira diz respeito às ideias dos teóricos do mercado segmentado ou dual (Piore, 1979; Piore e Sabel, 1984), que

² Vale esclarecer que, embora existam diversos motivos para um indivíduo migrar, tais como acompanhamento de familiares, fuga de perseguições políticas ou religiosas, caráter ideológico, desastres naturais, entre outros, a imigração econômica perpassa por todas essas formas de imigração, sendo a inserção no mercado de trabalho uma questão presente para grande maioria dos imigrantes, conforme acentuado por Abdelmalek (1998) e Chiswick (1999).

afirmam que a entrada do imigrante no mercado de trabalho de destino ocorre majoritariamente nas posições pertencentes ao mercado secundário³, apresentando, dessa forma, *status* socioeconômico e rendimento inferiores aos dos nativos.

De acordo com essa abordagem, o diferencial de rendimentos e *status* entre imigrantes e nativos têm origens: a) na dificuldade de encontrar imigrantes altamente qualificados, visto que a maioria dos trabalhadores seria de países menos desenvolvidos (Piore, 1979); b) no capital humano obtido no país de origem, normalmente menos valorizado que a educação e a experiência adquiridas no mercado de trabalho da sociedade anfitriã; c) fruto do próprio mercado, em razão da discriminação (Piore, 1979; Piore e Sabel, 1984) e do caráter segmentado e imperfeito do mercado (Borjas, 1986).

Sobre a discriminação desses trabalhadores estrangeiros, alguns autores explicam que os empregadores ou consumidores levam em consideração atributos não produtivos, como raça, gênero e origem nacional, no momento que realizam as trocas econômicas (Borjas, 1986; Piore, 1979; Piore e Sabel, 1984). Além disso, a discriminação é também explicada pelo que os economistas denominam como discriminação estatística, processo no qual os empregadores projetam nos indivíduos algumas características observadas no grupo em geral. Esse comportamento, comum entre grupos minoritários como mulheres, negros e, no caso, trabalhadores estrangeiros, ocorre em razão da dificuldade do empregador em obter informações necessárias sobre os potenciais empregados, acabando por generalizar algumas concepções e características (Jacinto, 2005).

A teoria do mercado dual ou segmentado ainda explica a existência de uma dependência estrutural entre os mercados primário e secundário, na medida em que os profissionais inseridos no primário teriam suas necessidades de consumo (alimentos, vestuário etc.) atendidas pelos trabalhadores do secundário, onde se encontra a maioria dos imigrantes (Piore, 1979). Nessa perspectiva, segundo Piore (1979), os nativos, originários da sociedade hospedeira, rejeitam as ocupações do mercado secundário, as quais acabam

³ Segundo a teoria do mercado segmentado ou dual, há uma polarização na estrutura ocupacional, formando dois mercados distintos, o primário e o secundário. O mercado primário é o que apresenta empregos estáveis, com segurança, qualificados, bem remunerados e com abertura para mobilidade ascendente. Ao contrário, o mercado secundário apresenta empregos instáveis, desqualificados, com baixos salários, benefícios limitados e baixa mobilidade (Piore, 1979).

sendo preenchidas pelos imigrantes que têm dificuldade de inserção em melhores posições no país hospedeiro.

Entretanto, Piore (1979) acrescenta que os migrantes não se espalham uniformemente sobre os setores da economia, concentrando-se em algumas indústrias de construção e manufatura, em empresas e ocupações específicas. Nesse sentido, o autor (1979) traz uma contribuição importante para a teoria do mercado segmentado, tendo em vista que ele aponta a existência de postos de trabalho próprios dos imigrantes. Ele ainda demonstra que os traços característicos desses empregos não são suficientes para o entendimento da dinâmica do mercado de trabalho migrante. A partir de experiências nos Estados Unidos e na Europa, com trabalhadores de linha de montagem automotiva, o autor verifica que empregadores de regiões desenvolvidas recrutam ativamente força de trabalho de países subdesenvolvidos para preenchimento de tipos específicos de ocupações. Nesse ponto, o autor investiga a entrada de trabalhadores porto-riquenhos nos Estados Unidos em meados de 1970 e identifica que os empregadores instruem esses trabalhadores imigrantes a retornarem as suas origens e recrutarem seus familiares para trabalharem nas empresas americanas. Dessa forma, Piore (1979) desconstrói a ideia de que são os trabalhadores imigrantes que descobrem e sentem-se atraídos pelos postos de trabalho estrangeiros, mas demonstra que são os próprios empregadores, no caso, norte-americanos que recrutam a mão de obra barata dos porto-riquenhos. Essa lógica do recrutamento ativo resolve o paradoxo do processo de migração, no contexto da teoria do mercado segmentado, explicando o porquê de algumas áreas desenvolverem significativos fluxos de imigração e outras, com nível socioeconômico parecido, não atraírem trabalhadores estrangeiros. É nesse ponto também que Piore (1979) fundamenta o princípio básico da teoria do mercado dual, afirmando que as migrações internacionais se produzem pela demanda estrutural de mão de obra inerente à estrutura econômica das sociedades industriais avançadas.

Nessa perspectiva, destacam-se alguns estudos de pesquisadores que investigam a inserção de trabalhadores brasileiros no mercado norte-americano, a partir de dados do final do século XX (Sales, 1991, 1992, 1995; Patarra, 2005). Esses estudos evidenciam que a entrada de trabalhadores brasileiros nos Estados Unidos ocorre, sobretudo, por meio de ocupações secundárias, como de balconistas, garçons e serviços domésticos, ou seja, postos de trabalho rejeitados pelos nativos. Esses resultados, portanto, corroboram

com os argumentos apresentados pela teoria do mercado segmentado. Nesse sentido, Patarra (2005) ainda acrescenta que a maioria desses trabalhadores são jovens de classe média que se sujeitam a um rebaixamento do *status* social, uma vez que, no Brasil, a falta de oportunidade de emprego e períodos de recessão econômica recorrentes no século XX dificultariam a ascensão social.

Com essa mesma motivação, de manter ou elevar o padrão de vida, Sasaki (2006) descreve o fluxo expressivo de um contingente de brasileiros para o Japão nas duas últimas décadas do século XX. Com a crise econômica no Brasil e a concomitante prosperidade do Japão, vários brasileiros, de origem japonesa, vão para o país de seus ancestrais à procura de emprego, fortalecendo um movimento migratório denominado *dekassegui*. Esse grupo de trabalhadores se insere em ocupações de baixa qualificação e em pequenas empresas, não havendo perspectiva de ascensão social, principalmente no setor manufatureiro. Mais uma vez, confirmando os argumentos de Piore (1979), segundo Sasaki (2006), esses postos de trabalho são recusados pelos japoneses que não veem nessas vagas oportunidades viáveis de mobilidade social, preferindo as empresas maiores, mais competitivas e com maior possibilidade de ascensão profissional.

Os argumentos de Piore (1979) também se aproximam dos resultados obtidos por Ripoll (2008) e Solé (1995) na análise da inserção de imigrantes brasileiros na Espanha, a partir de dados de 1998 a 2005 do mercado de trabalho espanhol. Observa-se a entrada da população brasileira e de demais estrangeiros nos estratos mais baixos e desvalorizados da estrutura ocupacional, formando o que os autores denominam por “etnoestratificação” do mercado de trabalho, ou seja, a inclusão dos imigrantes em posições do mercado secundário, caracterizados por empregos precários, que não requerem qualificação nem especialização profissional. Nesse cenário, segundo os dados do *Informe sobre la migración y el mercado de trabajo en España* (2004), os setores de atividade econômica com maior concentração de população imigrante são o serviço doméstico, a agricultura, a hotelaria e a construção (Ripoll, 2008).

Por outro lado, quando o enfoque de pesquisa passa a ser o próprio mercado de trabalho brasileiro, observa-se que a maioria dos resultados encontrados não se adéqua aos argumentos da teoria do mercado segmentado. Apesar de existirem ainda poucos estudos nessa área, o que irei discutir com mais detalhes a seguir no item 2.3 relativo à

discussão específica sobre a literatura brasileira, os trabalhos já desenvolvidos têm demonstrado que os imigrantes se inserem tanto em ocupações qualificadas como nas desqualificadas; isto é, enquanto a teoria do mercado segmentado apresenta uma perspectiva homogênea sobre a inserção do imigrante na estrutura ocupacional, afirmando ocorrer a entrada apenas em ocupações precárias, de baixa remuneração e qualificação, os estudos brasileiros dão ênfase à existência de uma forte heterogeneidade na inserção dos imigrantes.

Outra dimensão verificada por esses estudos brasileiros refere-se à evidência de que o *status* de migrante tem impacto positivo no mercado de trabalho (Santos Junior *et al.* 2005; Golgher, 2006; Santos e Ferreira, 2007; Vilela, 2011); ou seja, esses estudos brasileiros, assim como outras pesquisas internacionais (Chiswick, 1999; Aydemir, 2003), fundamentam-se no pressuposto de que os indivíduos que migram são selecionados positivamente⁴, na medida em que seriam, em geral, pessoas mais talentosas, ambiciosas, competitivas e educadas do que indivíduos que escolhem permanecer em seus lugares de origem.

A partir dessa perspectiva, Vilela (2011) verifica, por meio dos dados do censo de 2000 e da análise dos rendimentos e das posições de classe de oito grupos de imigrantes⁵, em comparação aos trabalhadores brasileiros, que os imigrantes internacionais tendem a ser beneficiados ou estarem em condições iguais às dos nativos. Os benefícios são heterogêneos e tendem a ser maiores para os argentinos, chineses e coreanos, seguidos, em menor grau, para os chilenos. Já para os demais grupos de bolivianos, paraguaios, peruanos e uruguaios, observa-se uma tendência de ocuparem posições similares a dos brasileiros. No entanto, esses não apresentam vantagem em termos de ganhos salariais. Além da comparação com os trabalhadores nativos, a autora ainda realiza análise com um grupo de referência de trabalhadores brasileiros imigrantes interestaduais. Nessa situação, os grupos de latinos e asiáticos tendem a manter suas vantagens quanto às posições ocupacionais; porém os resultados alteram-se no que diz respeito aos rendimentos. Para argentinos, coreanos e chineses, as vantagens salariais ainda se mantêm, porém em menor grau. Já os chilenos perdem suas vantagens, passando as

⁴ Destaco que essa abordagem está focada na análise apenas de imigrantes trabalhadores e não em imigrantes refugiados ou de reunificação familiar, visto que Chiswick (1999) afirma que a seletividade positiva é menos intensa entre os imigrantes motivados por razões diferentes da realização econômica.

⁵ A saber: argentinos, bolivianos, chilenos, paraguaios, peruanos, uruguaios, chineses e coreanos.

diferenças a não serem mais estatisticamente significativas. Para bolivianos, paraguaios e peruanos, a situação piora, ou seja, eles passam a demonstrar um impacto negativo da variável “origem” sobre seus rendimentos. Por fim, para os uruguaios, nota-se um aumento no impacto negativo sobre seus rendimentos.

Outro estudo importante que investiga o mercado de trabalho brasileiro refere-se à análise de Melo *et al.* (2003) de uma indústria cervejeira no Rio de Janeiro do início do século passado, que verifica que trabalhadores brasileiros (negros e brancos) são discriminados negativamente comparado aos outros trabalhadores estrangeiros, assim como os portugueses, em menor grau, em comparação aos outros imigrantes⁶. Os autores baseiam-se em uma amostra de 567 registros de empregados da empresa Brahma, contratados entre 1900 e 1947, e realizam análises de regressão multivariadas, por meio de equações mincerianas⁷. Os resultados levam a conclusões contrárias aos argumentos de Piore (1979), pois é observada discriminação em razão da nacionalidade na atribuição de empregos e de salários contra os brasileiros; ou seja, os imigrantes, com exceção dos portugueses, apresentam vantagens quanto à inserção ocupacional e salarial na fábrica estudada.

Nota-se, portanto, que esses estudos apresentam outra perspectiva sobre a inserção dos trabalhadores imigrantes na estrutura ocupacional brasileira, contradizendo os argumentos apresentados pelos teóricos do mercado segmentado ou dual, que afirmam que a entrada de trabalhadores estrangeiros ocorre em posições instáveis, com baixos salários e com baixa mobilidade. Os resultados acima evidenciam a existência de uma heterogeneidade quanto às posições ocupadas pelos imigrantes, podendo o trabalhador estrangeiro estar em maior vantagem econômica que os nativos, em alguns casos, ou em maior desvantagem, em outros. Isso dependeria de fatores como o grupo/origem analisado, o nível de escolaridade médio do imigrante, nível de renda do país de origem etc.

A partir desses resultados, destaca-se a segunda abordagem teórica existente na literatura sobre a situação econômica do imigrante no mercado de trabalho hospedeiro,

⁶ Destaco que a pesquisa de Melo *et al.* (2003) é um estudo de caso e tem limitações acerca da abrangência e generalização de seus resultados.

⁷ Ver Mincer (1974).

denominada por alguns autores como *teoria dos sistemas mundiais* (Soares, 2002). A ideia central dessa abordagem é de que há outros modos de incorporação no mercado de trabalho e que nem todos os imigrantes recém-chegados estão em uma situação permanente de exploração e inferioridade, conforme defendido por Piore (1979). Sassen (1998) afirma que os trabalhadores estrangeiros tendem a ocupar posições no extremo da estrutura ocupacional, inserindo-se tanto em empregos muito bem remunerados ou muito mal remunerados, devido, sobretudo, à organização da economia mundial, em que há circulação de força de trabalho altamente qualificada e outras desqualificadas. Portanto, essa abordagem traz à luz a necessidade de tratar a migração internacional mais recente como parte de um sistema mais amplo de reorganização da economia mundial, afirmando a existência de diferentes fluxos⁸ de imigrantes e distintos processos de adaptação desses trabalhadores influenciados pela qualificação e experiências profissionais (Massey, 1993; Sassen, 1998).

Um exemplo da incorporação de estrangeiros no topo da pirâmide sócio-ocupacional ocorre com o fluxo de trabalhadores altamente escolarizados, denominado por “*brain drain*” ou “fuga de cérebros”. Atualmente, nota-se a fuga de profissionais e técnicos de países como Índia, Coreia do Sul, Filipinas e Taiwan para o mercado primário da América do Norte (Portes, 2008). Esses trabalhadores, conforme definidos por Docquier e Markfouk (2006) e Özden (2006), são considerados mão de obra qualificada, na medida em que têm, no mínimo, graduação acadêmica ou posteriores especializações, como mestrado ou doutorado. Esse fenômeno é favorecido pela falta de perspectivas profissionais desses trabalhadores em seus países de origem (fatores de expulsão) e pelas políticas imigratórias atrativas com boas ofertas econômicas nos países de destino (fatores de atração)⁹ (Portes, 1976; Portes e Manning, 2008).

Nos países em desenvolvimento, a “fuga de cérebros” também pode ocorrer por meio da saída de estudantes que se qualificam nos centros universitários dos países desenvolvidos e, por ora, optam em não voltar a seus países de origem (Docquier e Markfouk, 2006; Özden, 2006; Accioly, 2009). Sobre esse fluxo de saída de estudantes, também conhecido como “fuga de talentos”, foi realizada uma grande pesquisa mundial

⁸ Vale lembrar que a literatura indica que quanto mais distante o país de origem do imigrante, mais positivamente selecionado é o fluxo de migrantes (Chiswick, 1999; Aydemir, 2003; Santos Junior *et al.* 2005; Golgher, 2006; Santos e Ferreira, 2007; Vilela, 2011).

⁹ No caso de migrantes qualificados, predominam os fatores de atração (Portes e Manning, 2008).

para levantamento de dados sobre esse grupo e avaliação da tendência desses estudantes de retornarem ao país de origem ou, ao contrário, de emigrarem definitivamente (Schwartzman, 1978). No Brasil, essa pesquisa foi denominada como Projeto Retorno e coordenada por Simon Schwartzman em meados da década de 1970. Os resultados da pesquisa demonstram que, em geral, os estudantes de países subdesenvolvidos que se mudam para países desenvolvidos tendem a voltar às suas origens. No entanto, isso varia conforme o país de origem. Os estudantes dos países africanos são os que têm mais chances de retornar e, na América Latina, o Brasil é o país que tem estudantes com mais altas probabilidades de regresso. Os motivos, segundo Schwartzman, são relacionados tanto com a adaptação ao país hospedeiro quanto ao contexto do país de origem. Por exemplo, os fortes laços com o país de origem parecem ser particularmente importantes para os estudantes da África Negra, que são os que mais se queixam de isolamento e saudades dentre os grupos pesquisados. Diferenças de padrões educativos e dificuldades com a língua são sentidos por brasileiros, tailandeses, venezuelanos, coreanos e iranianos. A discriminação, por sua vez, é uma presença importante para estudantes negros e asiáticos nos Estados Unidos e na França.

A fuga de cérebros também é investigada por estudos mais recentes, como o desenvolvido por Ramos e Velho (2011). Sob a perspectiva do *brain drain*, os autores investigam a formação de doutores no Brasil e no exterior e o engajamento desses indivíduos nos fluxos migratórios internacionais. Em um contexto de grande circulação internacional de talentos, Ramos e Velho (2011) afirmam que o Brasil posiciona-se de forma relativamente diferente dos demais países do mundo, em razão das políticas estabelecidas pelas agências brasileiras de fomento à pesquisa como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao contrário da tendência mundial, observa-se que o Brasil tem enviado um número cada vez menor de estudantes de doutorado ao exterior para formação plena¹⁰, indicando que o sistema de formação de doutores no país ainda não absorveu os conceitos mais modernos sobre a importância e os potenciais benefícios da circulação internacional de talentos científicos.

¹⁰ Realização do curso de forma integral no exterior.

Ainda com relação à abordagem defendida pela teoria dos sistemas mundiais, alguns pesquisadores brasileiros defendem as ideias de Sassen (1998) por meio de evidências de que o fluxo de imigrantes no Brasil apresenta uma clara polarização entre trabalhadores qualificados e não qualificados (Sales, 1994; Baeninger, 1996; Fazito, 2008; Villen, 2011). No entanto, esse desenho polarizado apresenta heterogeneidade de acordo com o país de origem, isto é, há regiões onde predomina o fluxo de trabalhadores qualificados, enquanto em outros países observa-se o envio de indivíduos menos escolarizados. Por exemplo, entre os países do Mercosul, Fazito (2008) demonstra que a Argentina, o Uruguai e o Chile são as regiões que enviam profissionais mais qualificados para o Brasil, enquanto a Bolívia e o Paraguai remetem trabalhadores de baixa qualificação.

Sobre a entrada de trabalhadores qualificados, Baeninger (*et. al.*, 2001) demonstra, a partir da análise das autorizações de trabalho concedidas ao longo da década de noventa – 1993 a 2000 –, que imigração legalizada apresenta tendência de entrada de profissionais escolarizados no Brasil, distribuídos em particular nos territórios de concentração da indústria e da alta tecnologia em São Paulo e no Rio de Janeiro. Sugere-se que essa demanda por força de trabalho estrangeira tem ligação com as multinacionais e pelos pólos tecnológicos existentes no país. Em contrapartida, alguns estudos, principalmente realizados em São Paulo e com a abordagem qualitativa, evidenciam a existência de outro perfil de imigrante, muito diferente dos profissionais com empregos em setores de ponta e de alta tecnologia e condições de trabalho legalmente protegidas (Silva, 1997, 2006; Illes, Timóteo, Pereira, 2008; Guanais, 2010; Villen, 2011; Baeninger, 2012). Esse outro perfil de imigrante tem baixa qualificação e são provenientes de países como Bolívia, Paraguai, Peru, Angola, Moçambique, China e Haiti. Esses imigrantes exercem atividades sobretudo na indústria têxtil, setores domésticos, construção civil, comércio ambulante, serviços em geral, ou seja, um trabalho essencialmente de caráter manual. A informalidade também marca o trabalho desses imigrantes nos diferentes âmbitos de atuação no mercado de trabalho brasileiro.

Nesse contexto de entrada de trabalhadores na base da hierarquia ocupacional, merecem destaque os trabalhos sobre os bolivianos no Brasil que apresentam uma grande gama de estudos. Entre eles, Sidney Silva (1997, 2006), por exemplo, realiza grande esforço para descrever o processo de inserção dos imigrantes bolivianos em São Paulo, publicando uma das primeiras pesquisas na área (ver Silva, 1997) em que o autor foca

as dificuldades enfrentadas pelos bolivianos em suas trajetórias na cidade, como discriminação racial e social, bem como as estratégias de mobilidade econômica e de reconhecimento social. Já nos anos 2000, observa-se a multiplicação de trabalhos acadêmicos sobre esse grupo populacional (Buechler, 2004; Cacciamali, Azevedo, 2006; Cymbalista, Xavier, 2007; Gall, 2001; C. F. D. Silva, 2008; S. A. D. Silva, 2003, 2005, 2007; Souchaud, 2011) que, ao mesmo tempo, torna-se também um tema de interesse para a imprensa brasileira. Esse interesse se deve ao aumento no ritmo de crescimento de imigrantes bolivianos no país (Souchaud, 2011)¹¹; e um aspecto que também chama atenção da imigração boliviana em São Paulo reside na sua especialização profissional, já que grande parte dos imigrantes ativos e ocupados, 44,1% (IBGE, 2010), trabalha na “confecção de artigos do vestuário e acessórios”, segundo a designação do IBGE.

Por fim, vale esclarecer que a abordagem apresentada pela *teoria dos sistemas mundiais* pressupõe a inserção do trabalhador como determinada apenas pela qualificação, desconsiderando variáveis socialmente significativas – raça/cor, posição de classe, país de origem – que podem interferir diretamente e/ou indiretamente no alcance e na realização do trabalhador estrangeiro no mercado de trabalho. Nesse sentido, uma terceira abordagem existente na literatura traz contribuições para essas limitações teóricas.

Um terceiro modo de incorporação consiste na abordagem defendida por Bonacich (1973) e denominada por *middleman minorities*¹², termo introduzido por Blalock para designar as minorias étnicas que, histórica e culturalmente, se concentram em posições intermediárias da hierarquia social, sobretudo no setor do comércio de sociedades pré-capitalistas. Outros autores também se referiram a esses grupos intermediários como *middle-man trading peoples* (Becker, 1956), *migrant intermediation* (Schermerhorn, 1970), *marginal trading peoples* (Stryker, 1959). O que converge todas essas denominações expostas e que merece destaque refere-se à identificação de que certos grupos étnicos, ao redor do mundo, têm ocupado mais uma posição intermediária na

¹¹ Segundo o Censo de 2000, a população nascida na Bolívia aumentou em 2,95% ao ano em média no período. Somente os contingentes de imigrantes peruanos (7,1%), paraguaios (4,73%) e angolanos (3,38%) superaram esse ritmo de crescimento. No censo de 2010, verifica-se o aumento também no contingente de bolivianos que chegam a, aproximadamente, 39.053 imigrantes.

¹² Utilizo neste trabalho a tradução de *middleman minorities* como minorias intermediárias.

estrutura social do que a base da hierarquia. Segundo essa abordagem teórica, esses grupos desempenham o papel de intermediário entre produtor e consumidor; empregador e empregado; proprietário e locatário, ou seja, entre as elites e as massas.

Quanto às causas da inserção dos imigrantes em posições intermediárias de classe, Bonacich (1973) explica que a migração de caráter temporário é o fator que melhor explica tal fenômeno. Nesse sentido, a autora relativiza outros dois argumentos, até então apresentados na literatura como sendo as principais causas da formação desses grupos de *middleman* entre os estrangeiros. O primeiro argumento refere-se a uma possível reação hostil da sociedade hospedeira, tendo em vista as diferenças culturais (como, por exemplo, religião e hábitos) e as diferenças raciais entre nativos e imigrantes; ou seja, esses grupos seriam impelidos a ocupações intermediárias e forçados a uma vida marginalizada.

Uma segunda explicação refere-se à natureza das sociedades em que esses grupos intermediários são encontrados. Essas sociedades seriam caracterizadas por uma lacuna ou divisão estrutural entre as elites e as massas. Por exemplo, nas sociedades feudais existiria uma divisão entre camponeses e aristocracia rural, e as sociedades coloniais apresentariam um *gap* entre o poder imperial e os nativos. Já nas sociedades mais recentes, segundo um estudo de Makabe (1981) sobre os japoneses no Brasil e no Canadá no início do século XX, os grupos intermediários se localizariam entre os poucos proprietários de latifúndios e os ex-escravos ou indígenas.

Revisando esses dois argumentos, Bonacich (1973) constrói um modelo explicativo que leva em consideração tanto os efeitos da existência de um *gap* estrutural quanto da hostilidade da sociedade hospedeira, mas a autora defende que o principal aspecto que explica a formação de grupos étnicos/nacionais inseridos em posições intermediárias de classes consiste na migração de caráter temporária dos trabalhadores e consequente desejo de retorno ao país de origem. Nessa situação, esses grupos se alocam em ocupações autônomas ou sem vínculo empregatício formal no mercado, facilitando o retorno à terra natal. Alguns exemplos são os judeus, na época medieval, e indianos e chineses, na época colonial (Truzzi e Neto, 2007).

Nesse sentido, no Brasil, um estudo recente (Vilela e Xavier, no prelo) investiga a existência de imigrantes com maiores chances de ocuparem estratos ocupacionais intermediários e ainda procura verificar qual o efeito do tempo de residência na sociedade hospedeira para inserção desses trabalhadores em posições intermediárias de classe, aspecto esse tão destacado pela teoria de *middleman* (Bonacich, 1973).

Nesse estudo de Vilela e Xavier (no prelo), por meio da análise do Censo demográfico de 2000, as autoras comparam oito grupos de imigrantes¹³ com uma amostra de brasileiros migrantes interestaduais. Como metodologia, é utilizada a regressão logística multinomial, sendo a variável dependente a posição de classe construída por seis diferentes categorias: capitalista, pequeno empregador, conta própria, especialista ou qualificado, gerente ou supervisor, empregado especialista ou qualificado e trabalhadores em geral, sendo esta a categoria de referência para a comparação. Para tanto, são utilizados dois modelos estatísticos: 1º) é estimada a probabilidade de os indivíduos pertencerem a uma posição de classe, controlando variáveis sociodemográficas indicadas pela literatura¹⁴; 2º) são estimadas oito equações, separadamente, para cada origem nacional, sendo a variável de teste o tempo de residência dos imigrantes no Brasil e a variável dependente a inserção em posições intermediárias de classe ou não.

Os resultados encontrados no primeiro modelo confirmam a hipótese da teoria do *middleman* (Bonacich, 1973) de que são nas localizações intermediárias que há maior probabilidade de os imigrantes internacionais estarem quando comparados aos brasileiros migrantes. Entretanto, os achados do segundo modelo não confirmam os argumentos apresentados pela teoria do *middleman* de que o tempo de residência é um fator importante e determinante das localizações intermediárias ocupacionais dos imigrantes internacionais. Os dados mostram que, para aqueles grupos de imigrantes em que o tempo de residência é estatisticamente significativo, quanto maior o tempo de residência, maiores as chances de inserção nas localizações intermediárias de classe e na posição de capitalista, isto é, no topo da hierarquia sócio-ocupacional. Esse estudo, portanto, contraria parcialmente os argumentos construídos por Bonacich (1973).

¹³ Argentinos, bolivianos, chilenos, paraguaios, peruanos, uruguaios, chineses e sul-coreanos.

¹⁴ Discutirei no item 2.5 dessa pesquisa os fatores apresentados pela literatura que afetam a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho e, portanto, devem ser considerados e controlados nos modelos estatísticos.

Light e Karageorgis (1994) também apontam críticas à aplicabilidade da teoria do *middleman*. Eles argumentam que a teoria tende a focar em minorias com uma forte tradição comercial, sendo os gerentes, por exemplo, que desenvolvem outro tipo de atividade, ficando fora do âmbito do conceito de *middleman*. Aldrich e Waldinger (1990) apontam também fragilidades nos argumentos de Bonacich (1973). Segundo os autores, não se sustenta a afirmativa de que os imigrantes temporários preferem se tornar pequenos empresários a empregados, na medida em que a criação de uma empresa é uma ação muito mais arriscada e com menores garantias de sucesso. Dessa forma, um indivíduo que não quer se estabelecer permanentemente em uma região deveria, teoricamente, preferir ser empregado a, como afirma Bonacich (1973), se envolver em novos negócios. Para tais afirmações, Aldrich e Waldinger (1990) se baseiam em pesquisas realizadas por Ward (1987, *apud* Aldrich e Waldinger (1990), na Inglaterra, que verificam que os imigrantes só investem em negócios próprios quando nas cidades onde eles residem não há disponibilidade de emprego.

A partir da teoria do *middleman* surge uma quarta abordagem sobre a adaptação econômica dos imigrantes que se sustenta em três conceitos-chave: enclave étnico, empreendedorismo étnico e economia étnica. Essa abordagem, assim como o *middleman*, indica a existência de um mercado paralelo ao mercado dual, em que os imigrantes se inserem principalmente por meio da formação dos negócios e de empresas étnicas. Sob essa perspectiva, os mercados primário e secundário, em geral, coexistem com outro mercado, o da *economia étnica*, em que os imigrantes trabalham como empregados de coétnicos, como trabalhadores autônomos ou como empregadores, ou ainda em nichos econômicos¹⁵.

O primeiro conceito inscrito nessa abordagem, o de enclave étnico, é desenvolvido inicialmente por Alejandro Portes e Bach a partir da análise do desempenho econômico dos cubanos em Miami (Portes e Bach, 1985). Como eles definem, enclave étnico

¹⁵ Por nichos econômicos, utiliza-se a definição de Waldinger (2001), que reconhece a presença de um nicho econômico quando se observa a concentração significativa de imigrantes da mesma origem em determinada ocupação.

consiste de um agrupamento, espacialmente concentrado¹⁶, de empresas cujos proprietários, funcionários e clientela são coétnicos¹⁷ e, em muitos casos, os fornecedores são, também, imigrantes da mesma origem. O conceito, cunhado após a análise da experiência cubana, é aplicado a outras concentrações empresariais de imigrantes, tais como Chinatown, em Nova York, Koreatown, em Los Angeles, e Little Saigon, em Orange County (Zhou, 1992; 2004); bem como grandes comunidades da classe trabalhadora, como imigrantes mexicanos na área de Chicago (Raijman e Tienda, 1999).

Nessa perspectiva, os enclaves étnicos são interpretados como um modo de incorporação alternativo no mercado de trabalho, resultante, em parte, de uma atitude reativa dos imigrantes às limitações de acesso e mobilidade ao mercado primário e como forma de atender à demanda de consumo do grupo de imigrantes de mesma etnia. Para alguns autores (Portes e Zhou, 1996), os enclaves criam oportunidades de trabalho, baseadas numa relação de etnicidade, que não são encontradas disponíveis no mercado *mainstream* da sociedade de acolhimento. Dessa forma, estrangeiros menos qualificados e recém-chegados têm acesso a formas de mobilidade social e econômica dentro do enclave étnico. Portes e Zhou (1996) defendem que a participação em enclaves étnicos tem importantes efeitos positivos líquidos nos ganhos entre os imigrantes, mesmo após o controle de capital humano e características demográficas.

Bailey e Waldinger (1991) definem também, com base em experiências econômicas de imigrantes em Nova York, o enclave étnico como um "sistema de formação", onde o exemplo e as competências dos empresários de sucesso facilitam e incentivam o surgimento de novas empresas que, por sua vez, produzem novas oportunidades de emprego. Nessa perspectiva, os enclaves são, também, entendidos como incubadoras empresariais, que fomentam os trabalhadores assalariados a se tornarem autônomos e, esta característica, por sua vez, os levaria a melhores circunstâncias econômicas (Portes e Bach, 1985; Bailey e Waldinger, 1991). Zhou (1992) também aplica o conceito de enclave étnico em seu estudo etnográfico da Chinatown de Nova York, descobrindo que o enclave apresenta efeitos positivos tanto para os empresários, sob a forma de

¹⁶ Sanders e Nee (1987) criticam a definição de enclave com base na localização geográfica das empresas e sugerem o critério por meio do local de residência dos trabalhadores. A informação de moradia, porém, dificulta a operacionalização do conceito, ponto que será melhor discutido a seguir.

¹⁷ Coétnicos referem-se a imigrantes do mesmo país de origem/etnia.

rendimentos mais elevados, quanto para os funcionários imigrantes, na forma de incentivo e motivação para abrirem novas empresas como conta própria.

Em contrapartida, uma série de estudos questiona os benefícios do enclave étnico e a própria existência dessas conformações empresariais. Borjas (1990), por exemplo, categoricamente afirma que não há nenhuma evidência de que as experiências de empresários imigrantes em enclaves são bem-sucedidas. Segundo ele, “a presunção de que muitos empresários imigrantes começam com pequenas lojas e, através de suas habilidades e trabalho duro, acumulam riqueza substancial é um mito”¹⁸ (*ibidem*, p. 163-164). Da mesma forma, Bates e Dunham (1991) afirmam que o enclave é apenas a reflexão “das dificuldades de linguagem que restringem as alternativas de emprego”¹⁹ (*ibidem*, p. 12). Bates (1989) conclui que, devido à pouca fluência dos imigrantes na língua local e, conseqüentemente, menores retornos a esses trabalhadores no mercado aberto, o caminho empresarial aparece como a única alternativa possível; ou seja, a participação em enclaves, segundo esses autores, seria apenas uma alternativa para saída de uma situação de desemprego.

Destaca-se, porém, que um problema comum em tentativas de medir os efeitos do enclave nos resultados econômicos é a dificuldade de operacionalização do próprio conceito (Portes e Shefer, 2006). Wilson e Portes (1980) e Portes e Bach (1985) definem o enclave como empresas situadas em zonas geograficamente circunscritas com altas concentrações de empresas coétnicas. Entretanto, garantir o recorte preciso dessas empresas é tarefa extremamente difícil (Portes e Shefer, 2006). Um estudo desenvolvido por Logan e colaboradores (1994), a partir dos dados do censo industrial americano, é um exemplo dessa dificuldade de seleção apenas de empresas localizadas em uma região geograficamente delimitada. Os autores evidenciam a possibilidade de existirem empresas nessa mesma região com trabalhadores de diferentes etnias, não sendo, portanto, caracterizadas como pertencentes a um enclave, visto que trabalhadores da mesma origem étnica/nacional é um critério essencial para definição do conceito de enclave. Mais problemática ainda é a mensuração de Sanders e Nee (1987) de enclave com base na informação de moradia dos funcionários.

¹⁸ “The presumption that many immigrant entrepreneurs begin with small shops and through their ability and hard work accumulate substantial wealth is a myth” (Borjas, 1990, p. 163-164).

¹⁹ “it may reflect in part the language difficulties that restrict employment alternatives” (Bates e Dunham, 1991, p. 12).

Outra tentativa não precisa de testar a hipótese do "enclave" encontra-se no estudo de Gilbertson (1995) que analisa todas as empresas de propriedade latino-americana em Nova York para avaliar a situação socioeconômica das mulheres empregadas nessas empresas. Nesse contexto, a falha do autor está em associar todas as imigrantes de diferentes países da América Latina em um só grupo (Portes e Shefer, 2006). O autor deveria realizar a análise separadamente para mulheres de cada país de origem.

Uma tentativa semelhante se aplica ao estudo de Hum (2000) que, também, objetiva testar a hipótese do enclave étnico nos Estados Unidos. Inicialmente, de forma adequada, este autor classifica a inserção dos trabalhadores em mercados "primário", "secundário" e "étnico" com base nas características de cada posto de trabalho. No "enclave étnico", são classificados aqueles trabalhadores de empresas de até cem funcionários que têm um supervisor coétnico e colegas de trabalho que são, em sua maioria, da mesma origem nacional. São incluídas quatro nacionalidades²⁰: chinesa, sul-coreana, mexicana e outra referente aos imigrantes oriundos da América Central. A criação desse último grupo, com a junção de vários países da América Central, reside na primeira limitação desse estudo. Com base nessa operacionalização, Hum (2000) conduz uma série de análises multivariadas e conclui que as oportunidades de mobilidade são limitadas para situações de enclave étnico. Segundo ele, o enclave facilita a assimilação de novos imigrantes, mas geralmente não oferece alternativa de mobilidade.

Apesar de Hum (2000) utilizar um conjunto de dados importantes, uma segunda limitação da pesquisa do autor exemplifica a confusão teórico-metodológica frequentemente presente nesta área de estudo. O autor discute extensivamente a teoria do enclave étnico, mas realiza todas as suas análises com base em experiências de *economia étnica* e não de enclave étnico, devido à forma de mensuração do fato. Vale esclarecer que ambos os conceitos dizem respeito a empresas onde há concentração, em números significativos, de trabalhadores estrangeiros da mesma origem nacional, mas, em uma situação de enclave étnico, essas empresas também devem estar espacialmente concentradas em uma mesma região. Ressalto que o conceito de economia étnica será

²⁰ Destaco que, nesse caso, o autor não considera a questão da concentração das empresas em um espaço geográfico comum.

detalhado na próxima seção. Ainda sobre a diferença entre os dois conceitos, de acordo com Portes e Shefer (2006):

[...] trabalhadores mexicanos ao lado de outros mexicanos pode ser uma “economia étnica”, mas não necessariamente um enclave. Para ser assim, a empresa tinha de ser de propriedade de mexicanos e localizada em área de concentração geográfica de empresas desse tipo (2006:12).²¹

Dessa forma, segundo Portes e Shefer (2006, p.10), “um problema comum em tentativas de medir os efeitos do enclave nos resultados econômicos de imigrantes é a dificuldade de operacionalização do conceito”²². Em contrapartida, o termo economia étnica mostra-se mais aplicável aos estudos empíricos, devido a sua melhor operacionalização e abrangência conceitual.

Além do conceito de enclave étnico, outro termo-chave para entendimento da inserção do imigrante no mercado de trabalho é o de empreendedorismo étnico. Esse termo refere-se a estrangeiros que são empresários, autônomos e proprietários de negócios. Esse conceito é, portanto, um recorte ainda *menos* abrangente do que é definido por enclave étnico e, conseqüentemente, por economia étnica; isto é, uma empresa em que o dono é estrangeiro, mas os funcionários são nativos ou não são do mesmo país de origem do proprietário, pode ser classificada como sendo um caso de empreendedorismo étnico. No entanto, se além do proprietário, os funcionários, a clientela e, em muitos casos, os fornecedores são, também, imigrantes da mesma origem, e a empresa se encontra localizada em um espaço geográfico com alta concentração de outras empresas com essas mesmas características, temos um caso de enclave étnico, conforme classificado por Portes e Bach (1985). E esses dois conceitos, de enclave e empreendedorismo étnico, compreendem de forma mais ampla a economia étnica que será definida na seção seguinte desse trabalho e que é foco de interesse da minha pesquisa.

Sobre os efeitos do empreendedorismo étnico, Kesler e Hout (2010) chamam atenção para a análise do impacto positivo de empreendimento de coétnicos sobre a melhora de

²¹ “Mexican workers laboring next to other Mexicans and with a Mexican supervisor may be part of an ‘ethnic economy’, but they are certainly not part of an enclave. To be so, the firm had to be owned by Mexicans and located in an area of geographic concentration of such firms” (Shefer, 2006, p. 12).

²² “A common problem in attempts to measure effects of enclave employment on economic outcomes is the difficulty of operationalizing the concept”.

salários dos empregados imigrantes, comparados com os nativos. Alguns autores observam, também, que índices mais elevados de empreendedorismo são associados a taxas mais aceleradas de mobilidade social e melhoria das condições de vida de comunidades imigrantes (Halter, 1995; Light e Gold, 2000; Wilson e Portes, 1980). Contudo, Kesler e Hout (2010) mostram que esse efeito existe, mas ele varia substancialmente com as características dos empresários e empregados, já que as vantagens são para as comunidades que têm empresas étnicas de sucesso²³. Para aquelas comunidades com mais alta taxa de empreendedores étnicos sem sucesso, o empreendedorismo é apenas uma alternativa para fugir do desemprego, acarretando em desvantagem para os grupos de imigrantes.

No Brasil, ainda são poucos os estudos que tratam a imigração por meio da análise dos conceitos de enclave e empreendedorismo étnico e utilização de abordagem quantitativa, conforme a literatura internacional apresentada acima. É mais comum, nos estudos nacionais, a discussão sobre a concentração de imigrantes em determinadas atividades econômicas, formando nichos étnicos no mercado local. Os nichos econômicos podem ser entendidos como a concentração significativa de imigrantes da mesma origem em determinada ocupação, como exposto por Waldinger (2001).

Sylvain Souchaud (2012), por exemplo, investiga a concentração de bolivianos no setor de confecção em São Paulo e a concentração residencial desse grupo em bairros como Bom Retiro, Brás e Pari. A autora objetiva verificar se, de fato, os bolivianos detêm o monopólio do trabalho nessas oficinas de costura e se vivem em bairros onde seriam os únicos imigrantes, formando, dessa maneira, espaços residenciais monoétnicos e nichos econômicos fechados. Através de entrevistas em profundidade com imigrantes, realizadas entre 2009 e 2010, Souchaud (2012) descobre que o segmento da indústria da confecção não é um nicho apenas de bolivianos, mas um nicho para imigrantes de várias origens, na medida em que é verificada também a entrada significativa de paraguaios no mesmo ramo de negócio. Nesse sentido, Souchaud (2012) ressalta a necessidade de os estudos sobre a inserção de imigrantes no mercado de trabalho adotarem uma perspectiva comparativa entre os diversos grupos étnicos; isso porque, ao focalizar apenas em um grupo de análise, pode-se estabelecer um viés nos resultados e o

²³ O empreendedorismo de sucesso é mensurado pelo maior percentual de empregado autônomo nos grupos de imigrantes, pela média salarial dos autônomos e por um termo interativo entre os dois.

pesquisador acabar atribuindo características existentes em vários grupos de imigrantes a apenas uma parcela da população.

Essa abordagem, ao focalizar um grupo étnico, traz com ela um risco de viés que é a tendência de, ao identificar as características da organização social de uma população específica (por sua origem geográfica, por exemplo), considerar que essas características são específicas. Em consequência, ao isolar o grupo do resto da sociedade, tornamo-lo diferente por essência e, ao mesmo tempo, tendemos a negar a possibilidade que os caracteres supostamente específicos desta população existam em outros grupos, sejam de migrantes ou não (Souchaud, 2012, p. 77)

Ainda sobre estudos brasileiros que evidenciam a existência de nichos comerciais no mercado local, Grun (1992) e Kechichian (2000) observam a expressiva participação de trabalhadores armênios no ramo calçadista. Esse grupo étnico se estabelece, sobretudo, em São Paulo e inicia a atividade no segmento de calçados a partir de 1920. Em seguida, imigrantes armênios, recém-chegados, empregam-se nessas sapatarias de seus conterrâneos e, como forma de pagamento, recebem moldes de coleções anteriores e matérias-primas rejeitadas. Dessa forma, conseguem fabricar seus próprios calçados, comercializá-los e, posteriormente, tornarem-se empresários autônomos no ramo calçadista. Nesse ponto, os dados brasileiros aproximam-se das afirmações de Portes e Bach (1985) e Bailey e Waldinger (1991) de que experiências de empresários imigrantes de sucesso facilitam e incentivam o surgimento de novas empresas que, por sua vez, produzem novas oportunidades de emprego.

A formação de nichos econômicos também é verificada entre os imigrantes sírios e libaneses que chegam no Brasil, principalmente no final do século XIX até os anos de 1920 (Truzzi, 2001; Vilela, 2011). Estabelecidos predominantemente em áreas urbanas, a grande maioria dos imigrantes árabes vai para São Paulo, onde forma uma comunidade de comerciantes ambulantes, tendo sua trajetória econômica marcada pelo trabalho autônomo na ocupação como mascates. Esses pequenos negócios começam no varejo, chegam ao atacado e, em alguns casos, atingem até o estágio industrial. Nesse contexto, Truzzi (2001) afirma que os árabes acabam construindo uma rede de negócios baseada no vínculo étnico; em muitas situações, os patrícios acabam fazendo negócios entre si.

Sobre a inserção dos sírios e libaneses no comércio, formando um nicho econômico, Vilela (2011) ainda explica que a inserção ocupacional em massa desse grupo no ramo

de comércio é explicada pelos vínculos estabelecidos entre esses estrangeiros. Ela ressalta, também, que a inserção no comércio, no caso dos pioneiros, vem da falta de opção de trabalho, na medida em que esses imigrantes não são bem-aceitos no setor da agricultura e, não tendo recursos suficientes para serem proprietários, vão para o comércio.

Por fim, sobre o conceito de economia étnica, foco de interesse deste estudo, apresento a seguir as definições e as pesquisas existentes sobre o tema.

2.2. Economia étnica

O conceito de economia étnica emerge da sociologia histórica de Max Weber e do conceito de *middleman* (Light *et al.*, 1994:66). Segundo Light *et al.* (1994:66), Weber distingue o capitalismo tradicional, baseado em laços étnicos e sociais, do capitalismo moderno, em que o objetivo de maximização dos lucros é prioritário em relação às consequências sociais. Ele assinala o capitalismo tradicional como uma forma primitiva ou um estágio anterior do capitalismo moderno. Nessa perspectiva, a economia étnica estaria inscrita no capitalismo tradicional.

O termo economia étnica é designado a todas as empresas que estão na posse de imigrantes ou que empregam membros da comunidade étnica, em números significativos, independentemente do tipo de negócio, dimensão e concentração espacial (Zhou, 2004:1043). Nesse sentido, o termo abrange empresas onde se concentram uma proporção significativa de trabalhadores de um mesmo grupo étnico/nacional ou empresas que estão de posse de proprietários estrangeiros (Light *et al.*, 1994; Light e Karageorgis, 1994; Light e Gold, 2000). Nessa definição, estão inscritos todos os trabalhadores étnicos independentes (autônomos), empregadores, supervisores e trabalhadores coétnicos (Light e Karageorgis, 1994: 647). Demarca-se, portanto, a economia étnica a partir do critério da concentração de trabalhadores ou da propriedade da empresa por estrangeiros, distinguindo entre os trabalhadores que estão empregados em um mercado de trabalho geral e aqueles que estão em um mercado étnico.

Para exemplificar, um importante estudo que realiza a distinção adequada entre os termos de economia étnica, enclave étnico e *middleman* é “*Immigrant Entrepreneurs: Koreans in Los Angeles, 1965-1982*” (Bonacich, Ivan Huber e Light, 1988). Esse estudo analisa a comunidade coreana em Los Angeles e descobre que os coreanos têm uma economia étnica bem desenvolvida, na medida em que é observada grande concentração desses imigrantes em várias empresas da cidade. Por outro lado, esse estudo verifica uma pequena experiência de enclave étnico em Los Angeles, localizada apenas em Koreatown. Ou seja, das empresas onde há números significativos de coreanos, poucas estão concentradas espacialmente (no caso, apenas em Koreatown). Os autores observam também alguns comerciantes coreanos em bairros afro-americanos de Los Angeles, ocupando, dessa forma, o papel de *middleman*. Esses coreanos, em específico, ocupam posições intermediárias na estrutura social, desempenhando o papel de intermediários entre as elites e as massas. Portanto, esse estudo evidencia a existência de uma economia étnica coreana expressiva, que contribui para ampliação das oportunidades de emprego desse grupo de imigrantes, em paralelo ao mercado de trabalho aberto, mas encontra pequenas ocorrências em Los Angeles de enclaves étnicos e de coreanos definidos como *middleman minorities*.

Sobre os efeitos da participação em economias étnicas para os rendimentos e o *status* ocupacional dos imigrantes, alguns autores argumentam que a permanência na economia étnica dificulta a assimilação de imigrantes, diminuindo a taxa de aquisição de capital humano (por exemplo, a linguagem), devido à interação social reduzida com nativos (Sanders e Nee, 1987; Chiswick, 1999; Nee, Sanders e Sernau, 1994; Nee e Sanders, 2001), acarretando em uma situação de desvantagem para os mesmos. De acordo com essa perspectiva, muitos imigrantes contam com os laços étnicos para acessar recursos e informações necessários no mercado de trabalho. No entanto, o envolvimento nessa rede pode desencorajar alguns imigrantes a construir uma rede social e etnicamente mais diversa, tornando-os dependentes dos recursos e dos capitais étnicos. Essa situação pode reforçar uma trajetória “segmentada de adaptação” (Nee e Sanders, 2001), onde aqueles que dependem de capital de base étnica tendem a se tornar mais isolados do *mainstream* econômico e social.

Outros pesquisadores que enfocam os efeitos das redes sociais afirmam que as economias étnicas podem tanto dificultar quanto promover melhorias nos rendimentos

dos imigrantes, dependendo da abertura da rede, do acesso a outras informações que circulam fora do grupo (Bertrand, Luttmer e Mullainathan, 2000) e das normas sociais da comunidade étnica (ver, por exemplo, Coleman, 1988; Wilson, 1999; Borjas, 1990; Friedberg, 2000). Nessa mesma linha, Logan, Alba e Stults (2003) afirmam que o trabalho em setores étnicos da economia não tem efeitos consistentes, assim como para Hou (2009), que não encontra diferença entre locais de trabalho etnicamente homogêneos e heterogêneos em um estudo sobre mulheres canadenses imigrantes; mas o autor identifica que, para os homens imigrantes canadenses, há um ganho de 33% nos rendimentos para trabalhadores de economias étnicas, embora a maior parte dessa diferença seja explicada pelas diferenças nas características demográficas e de trabalho.

Já outros autores (Wilson e Portes, 1980; Portes e Bach, 1985; Wilson e Martin, 1985; Kesler e Hout, 2010) argumentam que trabalhadores imigrantes, inseridos na economia étnica, têm retornos superiores do que aqueles no mercado aberto, sendo, nesse caso, uma rota alternativa para a mobilidade ascendente de imigrantes que podem ser penalizados por barreiras linguísticas e culturais no mercado de trabalho principal.

A partir dessa perspectiva da economia étnica, Roth *et al.* (2012) definem uma forma de operacionalizar o conceito, com base na composição étnica no local de trabalho. Segundo os autores, uma operacionalização ideal para definir empresas que estão inscritas na economia étnica encontra-se no estudo sobre a economia étnica chinesa em Toronto (Fong e Ooka, 2002; Fong, Chan e Cao, 2009). Esse estudo identifica que os indivíduos participam da economia étnica quando eles se encontram em uma das seguintes condições: a) imigrantes autônomos ou conta própria; b) trabalhadores imigrantes de empresa com, pelo menos, 40% de funcionários coétnicos; c) trabalhadores em empresas com, pelo menos, 40% da gestão coétnica.

Logan, Alba e Stults (2003) e Nee, Sanders e Sernau (1994) também apresentam uma proposta de operacionalização da economia étnica, a partir da concentração do número de trabalhadores e proprietários. Eles identificam que as empresas inscritas na economia étnica variam ao longo de um *continuum*, da empresa completamente inscrita na economia étnica até a economia aberta. Para tanto, identificam as seguintes categorias:

- 1) **Economia de enclave** – Proprietário e maioria dos trabalhadores coétnicos;

- 2) **Nicho de emprego** – Maioria dos trabalhadores é coétnicos, mas o proprietário é nativo;
- 3) **Nicho empresarial** – Proprietários imigrantes e trabalhadores nativos;
- 4) **Setores econômicos não étnicos** – Proprietários e trabalhadores nativos.

Pelo que sei, não há experiências de estudos brasileiros que operacionalizaram o conceito de economia étnica em análises empíricas. Portanto, neste trabalho, proponho uma forma de aplicação desse termo para estudos no Brasil²⁴. Tomo como referência os trabalhos de Fong e Ooka (2002), Fong, Chan e Cao, (2009), Logan, Alba e Stults (2003) e Nee, Sanders e Sernau (1994), adaptados para a realidade brasileira, que apresenta especificidades como, por exemplo, a legislação que regula a entrada de trabalhadores estrangeiros no mercado local²⁵.

Ademais, nota-se que, dentre os estudos brasileiros mapeados, a temática específica da economia étnica, foco da minha pesquisa, é muito pouco abordada. Truzzi (2007) e Machado (2010) tratam do assunto, porém utilizam metodologia de pesquisa qualitativa. Truzzi (2007), por exemplo, analisa a formação do mercado de trabalho da cidade de São Paulo, a partir das contribuições de empreendedores portugueses, espanhóis e italianos, denominados por ele como etnias majoritárias, e empreendedores libaneses, sírios e judeus, classificados como etnias comerciais. Adotando uma perspectiva historiográfica, ele observa que, na experiência paulista, os pequenos negócios, empreendidos por imigrantes no início do século passado, parecem ter contribuído, posteriormente, para a formação das indústrias na região paulista. Nesse cenário, merecem destaque as iniciativas de italianos e portugueses. A imigração de origem italiana, por ser a mais numerosa, é responsável por parcela muito significativa das empresas fundadas por imigrantes em todo o estado. Já o caso dos empresários de origem portuguesa, observa-se a composição de dois contingentes distintos, um rural e outro urbano. No meio rural, segundo Truzzi (2007), não se pode dizer que a presença de portugueses tenha sido importante; porém, no ambiente urbano, os portugueses deixam uma marca reconhecida em várias regiões do Brasil, sobretudo à frente de atividades comerciais. Para Truzzi (2007), esse contexto se reflete até hoje na

²⁴ Apresento essa proposta de operacionalização do conceito no item 3.1 deste estudo, relativo às considerações metodológicas.

²⁵ A legislação brasileira é apresentada no item 3.1 deste estudo, relativo às considerações metodológicas.

ocorrência de grupos econômicos liderados por empresários de origem portuguesa, tais como: grupo Martins (Armazéns Martins), grupo Diniz (Grupo Pão de Açúcar), grupo Veríssimo (Grupo Eldorado), grupo Artur Sendas (Grupo Sendas).

Machado (2010), por sua vez, faz uma discussão sobre o significado de etnicidade, defendendo o entendimento desse termo de maneira abrangente, já que, dessa forma, há também uma melhor compreensão das atividades econômicas dos imigrantes, inscritas na economia étnica. Para pensar essa questão, Machado utiliza exemplos da pesquisa de campo, realizada por ele em 2000 sobre imigrantes brasileiros em Portugal.

A intenção, modesta, é apenas indicar que, sob o rótulo da “eticidade”, se encontra uma gama variável de processos de construção e atribuição de diferenças, de produção de identidades e de reconhecimento intra e extragrupos. Entender essa diversidade de processos pode levar a uma melhor reflexão sobre a diversidade de atividades econômicas dos migrantes, que também perdem especificidades quando rotuladas genericamente de “economia étnica” (2010:4).

Em contrapartida, meu trabalho aproxima-se das iniciativas de Sala (2005), Vilela (2008, 2011) e Vilela *et al.* (2012), que, apesar de não abordarem diretamente a economia étnica, buscam compreender e mensurar quantitativamente a situação econômica do imigrante internacional no contexto brasileiro como um todo ou em alguns estados do país. Em geral, esses estudos analisam a origem étnico/nacional como uma variável importante para análise da estratificação e mobilidade social no país, algo ainda incipiente no Brasil. Esses trabalhos sugerem que latinos – bolivianos e paraguaios – estão em condição pior no mercado de trabalho que os brasileiros em geral (Sala, 2005; Vilela, 2011). Por outro lado, coreanos, chineses e argentinos, comparados aos brasileiros, estão em melhores situações ocupacionais e têm melhores rendimentos. Entretanto, destaca-se que os chineses, embora tenham rendimentos melhores, são discriminados negativamente; ou seja, eles deveriam ganhar bem mais do que ganham, dados seus atributos produtivos (Vilela, 2011).

A partir dessas colocações, no item a seguir discuto com mais detalhes as características dos estudos brasileiros sobre imigrantes internacionais.

2.3. Características das pesquisas brasileiras sobre imigrantes internacionais

Como podemos ver, a partir dos estudos apresentados anteriormente, a questão da inserção dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho é bastante analisada nos Estados Unidos e na Europa, mas ainda pouco explorada comparativa e quantitativamente em pesquisas brasileiras (Sala, 2005; Vilela, 2009, 2011; Vilela *et.al.*, 2012).

No Brasil, nos estudos sociológicos sobre estratificação e mobilidade social no mercado de trabalho, área na qual reside esta pesquisa, não se observa o enfoque sobre os imigrantes internacionais ou, até mesmo, sobre os internos, embora, no início do século XX, a questão étnica/racial tenha sido um tema relevante para os sociólogos brasileiros, como, por exemplo, para Florestan Fernandes (2008). Atualmente, as pesquisas contemplam, sobretudo, três aspectos: a raça, a classe e o gênero (Silva, 1981; Santos, 2002, 2009; Hasenbalg, 2005; Hasenbalg, Silva, 2003; Aguiar *et al.*, 2007; Ribeiro, 2007).

Já nos estudos brasileiros que tratam especificamente da imigração, observa-se a predominância da discussão de temas como os fluxos migratórios, questão identitária e de etnicidade (Vilela e Lopes, 2011). Nessa perspectiva, esses trabalhos apresentam abordagem diferenciada das pesquisas internacionais, discutidas anteriormente. As principais diferenças são: a) predominância da utilização de metodologia qualitativa (Truzzi, 1991; Silva, 1995; Silva, 1997; Silva, 2006; Truzzi, 2007; Machado, 2010; Vilela, 2011; Baeninger, 2012; Vilela e Lopes, 2011); b) análise restrita a um grupo étnico/nacional (por exemplo, bolivianos, japoneses, sírios e libaneses) (Makabe, 1981; Silva, 1997; Vilela, 2002; Silva, 2006; Baeninger, 2012; Vilela e Lopes, 2011); c) e enfoque em poucas regiões do país, sobretudo São Paulo (Truzzi, 1991; Grun, 1992, Silva, 1995; Silva, 2006; Illes, Timóteo, Pereira, 2008; Souchaud e Baeninger, 2008; Guanais, 2010; Villen, 2011; Vilela e Lopes, 2011).

Verificada, portanto, a existência de uma lacuna nos estudos brasileiros, ressalta-se a relevância em desenvolver uma pesquisa sobre a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho local e investigação sobre as possíveis desigualdades instituídas nesse contexto. Nessa perspectiva, os estudos nacionais e internacionais destacam alguns fatores que

ajudam na explicação da situação socioeconômica do imigrante no mercado de trabalho. Apresento, na seção seguinte, essa discussão.

2.4. Fatores que ajudam a explicar a situação socioeconômica do imigrante no mercado de trabalho

Para examinar o impacto da economia étnica sobre a empregabilidade e sobre os rendimentos salariais dos imigrantes no mercado de trabalho, a literatura apresenta algumas dimensões importantes de serem controladas. Essas dimensões são tanto individuais quanto estruturais (Van Tubergen, Maas *et al.*, 2004), ou seja, aspectos que caracterizam tanto as regiões de origem e destino da migração, quanto as características individuais dos trabalhadores.

No que se referem às características individuais do imigrante, Nee e Sanders (2011) reconhecem que os trabalhadores estrangeiros chegam com diferentes capitais – humano, financeiro e social – que podem influenciar no desempenho e na forma de inserção no mercado de trabalho. Por exemplo, o acúmulo de capital humano²⁶, segundo a literatura (Becker, 1962), aumenta a produtividade dos trabalhadores, contribuindo para melhoria da renda e alcance ocupacional²⁷; porém Pichler *et al.* (2012) ressaltam que imigrantes internacionais enfrentam uma situação diferente dos trabalhadores nativos, já que suas habilidades derivam de ensino estrangeiro e podem ser mais dificilmente avaliadas pelos empregadores. Além disso, a teoria do capital humano evidencia também que a experiência no mercado de trabalho e o investimento em saúde são dimensões que influenciam a situação dos trabalhadores e, conseqüentemente, devem ser controladas nas análises. Nessa perspectiva, Nee e Sanders (2011) afirmam que trabalhadores que chegam ou desenvolvem altos níveis de capital social e baixos níveis de capital humano são mais propensos a integrarem a economia étnica. Já aqueles

²⁶ A teoria do capital humano defende que existem variáveis relacionadas à formação do trabalhador, em especial a escolaridade, que interferem na homogeneidade da mão de obra e, conseqüentemente, determinam os rendimentos dos trabalhadores. Essa teoria parte do princípio de que, assim como uma empresa investe em capital financeiro para garantir algum retorno ou benefício no mercado, os indivíduos também investem em recursos para elevar sua produtividade (Becker, 1962). Nessa perspectiva, Becker (1962) e Mincer (1958) desenvolveram trabalhos de referência para teoria do capital humano, concluindo que as diferenças de remuneração entre os trabalhadores tendem a se tornar mais acentuadas em função da existência de níveis diferenciados de experiência profissional, treinamento e qualificação.

²⁷ Outros estudos afirmam que essa é uma visão simplista e argumentam que variáveis de capital cultural, ou seja, de origem social (classe social, etnia) e de significado social (raça, estado civil etc.) determinam também o alcance ocupacional e a riqueza dos indivíduos (Collins, 1977; Portes e Bach, 1985).

que chegam com altos níveis de capital humano são mais propensos a participarem da economia aberta.

Neste trabalho, controlo o capital humano dos imigrantes por meio da inserção das seguintes informações: a) grau de instrução; b) existência ou não de deficiência física, como *proxy* de situação de saúde do trabalhador; c) idade do trabalhador, como *proxy* de experiência no mercado de trabalho; d) primeiro emprego ou não, também como *proxy* de experiência; e) tempo de emprego na empresa, ainda como indicativo da experiência do trabalhador no mercado. Destaco que uma limitação do banco de dados que utilizo é a indisponibilidade da informação sobre o tempo de experiência do trabalhador e os anos de estudo em formato de variável discreta²⁸.

Outra característica considerada importante pela teoria do capital humano é a proficiência na língua oficial do destino. Entretanto, essa informação é de difícil mensuração e é raramente disponibilizada nos bancos de dados usados nas pesquisas, como é o caso do meu estudo. Dessa forma, a literatura indica a possibilidade de utilizar o tempo de permanência do imigrante no local de destino como uma *proxy* da proficiência na língua oficial. A teoria da assimilação também chama atenção para questões referentes ao tempo de residência do imigrante no local de destino e incorpora a análise referente à idade do estrangeiro ao migrar, além do tempo de residência. De acordo com essa teoria, essas variáveis indicariam o quanto o estrangeiro está “assimilado ou integrado” ao local de destino (Borjas, 1994; Van Tubergen, Maas *et al.*, 2004). Nesse sentido, quanto maior o tempo de residência no país, maior seria a integração do trabalhador estrangeiro e, conseqüentemente, melhor seriam os resultados socioeconômicos no mercado de trabalho (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004). Destaco, no entanto, mais uma limitação do meu estudo que não controla as dimensões relativas ao tempo de permanência, idade ao migrar e a proficiência dos estrangeiros no respectivo idioma local, devido à inexistência de tais informações no banco de dados.

No entanto, alguns estudos discordam da ideia ligada a esse processo de assimilação, o que indica que o maior tempo de residência não necessariamente levaria a resultados mais elevados no mercado de trabalho (Shields e Preço, 1998; Husted *et al.*, 2001). Isso

²⁸ Na RAIS, há dados apenas em formato categórico sobre o grau de instrução do trabalhador.

porque as desvantagens são baseadas ou no capital social do imigrante ou em práticas discriminatórias da sociedade hospedeira (Reyneri e Fullin, 2009). Assim, teóricos que estudam a economia étnica discutem sobre os efeitos dos laços étnicos para a inserção e empregabilidade dos imigrantes. Conforme já ressaltado, alguns pesquisadores argumentam que o efeito da participação na economia étnica é negativo, uma vez que a entrada na economia étnica é apenas uma fuga ao desemprego, e a permanência em tal economia dificulta a assimilação de imigrantes, diminuindo a taxa de aquisição de capital humano (Sanders e Nee, 1987; Chiswick, 1999; Nee, Sanders e Sernau, 1994; Nee e Sanders, 2001). Por outro lado, outros autores argumentam que trabalhadores imigrantes inseridos na economia étnica têm retornos superiores do que aqueles inseridos no mercado aberto, sendo, nesse caso, uma rota alternativa para a mobilidade ascendente (Portes e Bach, 1985; Kesler e Hout, 2010). Meu interesse nesta pesquisa reside exatamente sobre esse ponto, ou seja, pretendo investigar os efeitos da economia étnica para a empregabilidade e os rendimentos dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Dessa forma, testo a hipótese de que a inserção em uma economia étnica afeta positivamente a probabilidade de empregabilidade, bem como o aumento nos rendimentos dos imigrantes.

Outro aspecto enfatizado para análise do desempenho do imigrante no mercado de trabalho é a cidadania. Estudos mostram que a naturalização não só proporciona acesso a um vasto grupo de postos de trabalho, especialmente cargos públicos, os quais não são permitidos a profissionais não nacionais, mas também é indicativo do grau de integração do imigrante na sociedade hospedeira (Fleischmann e Dronkers, 2010). Ressalto, porém, que no meu trabalho são retirados todos os imigrantes naturalizados, na medida em que não há identificação sobre o país de origem desses trabalhadores.

Outra informação relevante diz respeito à origem social dos trabalhadores. Erikson e Goldthorpe (1992) ilustram como a educação e a ocupação dos pais têm impacto sobre os resultados dos filhos no mercado de trabalho, facilitando ou agravando a mobilidade social ascendente ao longo de gerações. Na área específica da imigração, estudos que abordam essa dimensão ainda são limitados (Rumbaut, 2008), devido à falta de dados disponíveis sobre os pais dos imigrantes. Nesse trabalho, também me deparo com essa limitação no banco de dados.

Ainda com relação às características individuais do imigrante, o gênero e a raça do trabalhador são destacados pela literatura de estratificação social como sendo importantes elementos a serem considerados. No que diz respeito ao gênero, vários estudos evidenciam que as mulheres encontram-se geralmente em piores situações socioeconômicas em comparação aos homens (Silva, 1981; Santos, 2002, 2009). Dessa forma, considerando que o foco do meu estudo refere-se ao efeito da inserção na economia étnica sobre os rendimentos e a empregabilidade do trabalhador, e não é uma proposta baseada na questão de gênero, opto em analisar somente os homens, visto que a condição e a dinâmica da mulher no mercado são diferentes. Quanto à cor/raça do trabalhador, os estudos de desigualdades raciais, de Nelson do Valle Silva e Carlos Hasenbalg (Silva, 1981; Hasenbalg e Valle Silva, 2003; Hasenbalg, 2005), de Carlos Antônio da C. Ribeiro (Ribeiro, 2007; 2009) e José Alcides dos Santos (Santos, 2009), verificam a existência de uma situação de desvantagem para o negro brasileiro, comparado ao branco, quanto ao alcance educacional, de *status* ocupacional e de rendimentos, embora tais disparidades venham sendo reduzidas ao longo do tempo, principalmente a educacional. Nesse sentido, incorporo na minha análise uma variável *dummy* (branco/não branco) para controlar as disparidades raciais existentes no mercado de trabalho.

A nacionalidade do indivíduo é também evidenciada por estudos nacionais e internacionais como um importante fator que deve ser controlado nas pesquisas (Portes e Manning, 2008; Van Tubergen *et al.*, 2004; Vilela *et al.*, 2012). Esses estudos confirmam que há vários modos de incorporação dos imigrantes no mercado de trabalho e que nem todos estão em uma situação permanente de exploração e inferioridade, sendo, portanto, necessária a incorporação da origem nacional do imigrante nos estudos desenvolvidos.

Em seguida, a literatura indica que o alcance ocupacional e os rendimentos dos indivíduos no mercado de trabalho são determinados não só pelas características pessoais da pessoa, mas também pelas características dos postos de trabalho (Arbache e Carneiro, 1999; Coelho e Corseuil, 2002). A literatura brasileira destaca a influência: *a*) dos direitos concedidos pela CLT (e posteriormente pela Constituição de 1988) aos trabalhadores com carteira assinada pelo empregador; e *b*) dos trabalhadores sindicalizados (Arbache e Carneiro, 1999). Há evidências de que o vínculo de trabalho

pautado pela CLT garante a aquisição de mais benefícios e obtenção de maiores salários pelo trabalhador (Coelho e Corseuil, 2002). Indica-se também que os trabalhadores sindicalizados recebem salários maiores do que os não sindicalizados, e essa diferença torna-se mais expressiva para os mais educados, mais experientes e brancos (Arbache e Carneiro, 1999). Nessa perspectiva, incluem nos modelos estatísticos uma variável binária indicando o vínculo por CLT ou não (vínculo temporário, avulso, contratado por prazo determinado) e outra binária para trabalhadores sindicalizados ou não.

Um número cada vez maior de estudos ressalta também a importância de características dos mercados de trabalho de destino para análise do desempenho dos imigrantes (Fleischmann e Dronkers, 2007). Tais estudos demonstram que a proteção social, a regulação do emprego, as políticas de proteção social e a extensão da desigualdade de renda nas regiões de destino impactam os resultados dos imigrantes. Dessa forma, Van Tubenger, Maas e Flap (2004) sugerem diversos controles que devem ser considerados na análise como, por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, coeficiente de Gini²⁹, bem como a demanda e oferta de mão de obra na variação regional do país. Nesse ponto, os teóricos do mercado segmentado (Piore, 1979) também argumentam que os fluxos migratórios são decorrentes, sobretudo, da demanda do próprio mercado de trabalho, sendo o controle da demanda por trabalhos desqualificados no local de destino e da taxa de desemprego pontos que não devem ser desconsiderados.

Ainda sobre a influência das características do mercado local, Kesler and Hout (2010) defende que a presença de empreendedorismo coétnico melhora o salário dos trabalhadores migrantes; porém, como já acentuado anteriormente, o efeito do empreendedorismo étnico varia de acordo com as características dos empresários, sendo os benefícios existentes para regiões onde se verificam casos de empresas étnicas de sucesso, mensurado pelo termo interativo entre o percentual de autônomos nos grupos de imigrantes e a média salarial dos autônomos.

Outro ponto a considerar é a distância geográfica entre origem e destino que, segundo Van Tubergen, Maas *et al.*, 2004, impacta na seleção do imigrante. Nessa lógica,

²⁹ O coeficiente de Gini é um índice que varia de 0 a 1 utilizado para expressar a desigualdade de distribuição de renda, onde 0 corresponde a completa igualdade de renda e 1 a concentração de renda.

imigrações com distâncias maiores selecionariam positivamente o imigrante, em razão do aumento do custo da mudança e menor probabilidade de retorno (Golgher, 2012).

Van Tubergen, Maas e Flap (2004) salientam também a importância de se analisar o tamanho do grupo de imigrantes. Embasados na hipótese de ameaça étnica, os autores sugerem que o tamanho do grupo pode influenciar na situação econômica do indivíduo, já que grupos maiores podem ser vistos como uma ameaça ao trabalhador nativo e, conseqüentemente, despertar práticas hostis da sociedade hospedeira. Dam (2009) mede o tamanho do grupo étnico pelo estoque municipal de imigrantes, ou seja, ele define por meio do número de coétnicos que vivem em um mesmo município.

Por fim, outros estudos indicam que a distância social entre a sociedade hospedeira e a sociedade de origem do trabalhador, quando apresenta muitas diferenças socioculturais, cria obstáculos para mobilidade e dificulta a inserção no mercado de trabalho aberto (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004). A distância social pode ser entendida como o grau de distinção em cultura, aparência física e *background* socioeconômico. Para medida dessa dimensão, alguns estudos utilizam como *proxies* a religião (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004; Vilela *et al.*, 2012).

Para o controle das variáveis estruturais, estabeleço neste trabalho um modelo estatístico multinível, sendo o segundo nível de análise correspondente à empresa onde o imigrante encontra-se inserido. Nesse sentido, com a inclusão da informação sobre a empresa, controlo os demais aspectos macrossociais, visto que indivíduos em uma mesma empresa compartilham regras de um mesmo ambiente normativo e desigualdades contextuais que afetam suas oportunidades no mercado de trabalho. Portanto, opto em construir para o segundo nível de análise um modelo nulo, que agrega os imigrantes por empresa, mas não inclui outras variáveis explicativas, o que será melhor discutido na seção 3 referente à metodologia utilizada.

Apresentados os fatores importantes de serem controlados para análise do impacto da permanência em economias étnicas sobre a participação no mercado de trabalho e sobre os rendimentos salariais dos imigrantes, a seguir exponho meus objetivos e hipóteses de trabalho.

2.5. Objetivos e hipóteses do trabalho

Conforme exposto, o termo economia étnica é designado a todas as empresas que estão na posse de imigrantes ou que empregam membros da comunidade étnica em números significativos, independentemente do tipo de negócio, dimensão e concentração espacial da empresa (Zhou, 2004:1043).

Dessa forma, neste trabalho, concentro-me na análise da economia étnica no mercado de trabalho brasileiro, tendo como propostas centrais: a) examinar a existência ou não de economia étnica no Brasil; b) caso exista, avaliar o impacto da inserção em economias étnicas sobre a empregabilidade e os rendimentos salariais dos imigrantes internacionais; c) analisar se esses efeitos são homogêneos entre as diversas origens nacionais/etnias presentes no Brasil.

Para investigar essas questões, proponho testar as seguintes hipóteses, que estão fundamentadas na literatura exposta acima:

- 1) Existe uma economia étnica no mercado de trabalho brasileiro, uma vez que os imigrantes internacionais se inserem em um mercado de trabalho paralelo ao mercado aberto, constituindo uma economia própria, definida como economia étnica.
- 2) Tomando como pressuposto de que a economia étnica é uma rota alternativa para a mobilidade ascendente de imigrantes, e não uma fuga do desemprego ou de ocupações desqualificadas, os trabalhadores imigrantes inseridos na economia étnica têm maior probabilidade de permanecerem empregados e têm retornos superiores do que seus compatriotas inseridos no mercado aberto.
- 3) Partindo do princípio de que os efeitos da economia étnica sobre a situação econômica dos imigrantes estão associados com as origens dos imigrantes, os efeitos da participação em uma economia étnica são heterogêneos entre as etnias/origens nacionais presentes no Brasil.

3. Considerações metodológicas

Nesse capítulo, apresento a delimitação do estudo, as variáveis utilizadas e os modelos de análise para desenvolvimento do estudo.

3.1 Delimitação do estudo

Neste trabalho, pretendo examinar o efeito da participação em economias étnicas para a empregabilidade e para os rendimentos dos imigrantes internacionais homens no Brasil. Para tanto, identifiquei quatro situações para classificar os trabalhadores que participam ou não da economia étnica. Utilizo como referência teórica a classificação de Fong e Ooka (2002); Fong, Chan e Cao (2009); Logan, Alba e Stults (2003); e Nee, Sanders e Sernau (1994), além da legislação brasileira, que regula a participação de, no máximo, 1/3 de trabalhadores estrangeiros por empresa (Brasil, 1988).

Construo quatro situações, que variam de uma inserção do imigrante em uma empresa completamente dentro da economia étnica até aquela em uma economia aberta. Nessa classificação, as situações 1 e 2 estão inscritas na economia étnica, sendo a primeira a situação mais intensa. Em contraste, as situações 3 e 4 estão na economia aberta, sendo a última a situação definida como totalmente aberta. Portanto, utilizo como critério de classificação da economia étnica a concentração significativa de trabalhadores do mesmo país de origem.

| Economia Étnica | Economia Aberta |
|--|--|
| Situação 1: Diretor é estrangeiro e coétnico com os funcionários Pelo menos 1/3 dos funcionários são coétnicos | Situação 3: Diretor é estrangeiro e coétnico com os funcionários Menos de 1/3 dos funcionários são co-étnicos |
| Situação 2: Diretor não é estrangeiro ou não é coétnico com os funcionários Pelo menos 1/3 dos funcionários são coétnicos | Situação 4: Diretor não é estrangeiro ou não é co-étnico com funcionários Menos de 1/3 dos funcionários são coétnicos |

Quadro 1 – Critérios para classificação das empresas em economia étnica ou aberta

Fonte: Dados trabalhados pela autora.

Apresentadas as quatro situações de empresas, que variam de uma economia étnica mais intensa (1ª situação) à economia totalmente aberta (4ª situação), esclareço que a base de dados que utilizo (RAIS) não apresenta informação sobre o dono do estabelecimento (o empregador) e sobre trabalhadores autônomos, sendo, portanto, analisados somente trabalhadores do setor formal do mercado de trabalho brasileiro, permitindo a identificação da origem nacional dos empregados. Apesar da definição de economia étnica, elaborada por Logan, Alba e McNulty (1994), incorporar as empresas onde trabalham estrangeiros coétnicos, *independentemente da etnia do dono*, nesse ponto encontra-se uma limitação do meu estudo. O ideal seria incluir a informação de origem do proprietário e dos funcionários, porém o país de origem do proprietário e de seus funcionários simultaneamente não está disponível em nenhum banco de dados brasileiro, até onde sei. Para diminuir essa limitação, incorporo a informação sobre a origem do diretor³⁰, na medida em que nesse cargo o funcionário tem grande controle da empresa.

3.2 Delimitação dos dados

Para realização deste estudo, utilizo os microdados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) cedidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), do ano de 2010. Esse banco constitui-se como um censo³¹ do mercado de trabalho formal brasileiro e apresenta informações sobre o tipo de vínculo de trabalho, a empresa contratante, a trajetória ocupacional dos indivíduos no ano de referência e características socioeconômicas dos trabalhadores.

A partir dessa fonte, constitui-se o banco de dados de análise deste estudo, o qual é uma subamostra dos dados da RAIS³², uma vez que são selecionados apenas os trabalhadores homens estrangeiros inseridos no mercado com vínculo formal e em empresas com, no mínimo, dois imigrantes da mesma origem nacional; ou seja, são retiradas as empresas

³⁰ Para construção das quatro situações, considero como diretores apenas os funcionários definidos pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), como diretores gerais das empresas, não sendo contemplados diretores de áreas ou gerentes das empresas. Isso porque, esses têm maior controle da empresa.

³¹ Segundo o MTE, a RAIS contempla mais de 97% dos vínculos empregatícios formais do país (MTE, 2010).

³² Foram retirados também os registros relativos a RAIS Negativa, que consistem em casos nos quais são fornecidos somente os dados cadastrais do estabelecimento, cadastrado com CNPJ, quando o mesmo não teve empregado durante o ano-base.

com somente um trabalhador estrangeiro, na medida em que é necessário ter, pelo menos, dois trabalhadores coétnicos para realização de uma análise comparativa, como proposto neste trabalho.

Também são excluídos da amostra os funcionários públicos, visto que esses indivíduos não tinham informações sobre cor/raça³³ e os indivíduos classificados pela RAIS como: “outros latinos americanos”, “outros asiáticos”, “outras nacionalidades” e “brasileiros naturalizados”. A retirada desses grupos é justificada pela literatura que argumenta que os efeitos da origem dos imigrantes são heterogêneos, variando entre os diversos países (Portes e Shefer, 2006; Wilson e Portes, 1980; Van Tubergen, Maas *et al.*, 2004). Portanto, categorias que agregam indivíduos de países distintos, não permitindo a identificação da origem, não devem ser incorporadas nas análises. Ainda sobre o processo de construção da amostra, são excluídos os casos de trabalhadores com vínculo de menor aprendiz, visto que essa categoria apresenta contrato de trabalho especial e jornada de trabalho menor que os demais trabalhadores.

Vale esclarecer também que a unidade de análise da RAIS é transformada de vínculo empregatício, como é originalmente construída a base de dados pelo Ministério do Trabalho (MTE), para indivíduo. Esse procedimento metodológico é realizado na medida em que vários indivíduos (cerca de 30% do total) possuem mais de um vínculo de trabalho, em casos de: a) pessoas que são empregadas em mais de uma firma ao mesmo tempo; b) trabalhadores que mudam de emprego durante o ano. Para situações em que o trabalhador está empregado em mais de uma empresa, é considerado como o trabalho principal a ocupação com maior rendimento informado.

Nesse sentido, são analisados 10.681 trabalhadores de 13 países de origem³⁴, quais sejam: 15,7% de portugueses, 13,8% de argentinos, 9,9% de bolivianos, 8,2% de japoneses, 7,6% de chilenos, 7,1% de chineses, 6,9% de franceses, 6,4% de alemães, 6,3% de norte-americanos, 5,2% de paraguaios, 5% de uruguaios, 4,7% de italianos e 3,3% de espanhóis.

³³ Nenhum funcionário público apresenta informação sobre raça, constituindo 100% de dados *missings*.

³⁴ Para escolha desses países, foram selecionados os grupos de estrangeiros com mais de cem observações após a construção da amostra definida para este estudo. Na RAIS, além desses 13 grupos de imigrantes, também há informações sobre britânicos, coreanos, suíços, belgas e canadenses.

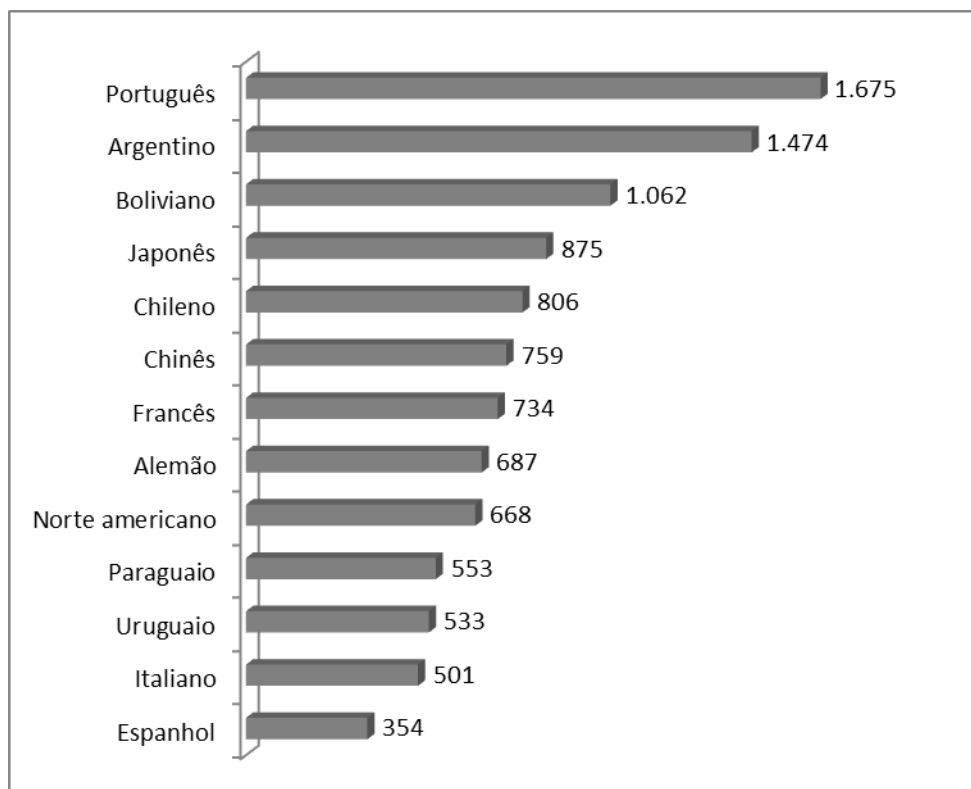


Gráfico 1 – Distribuição de frequência de imigrantes por país de origem

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Vale destacar que essas fontes de dados apresentam limitações para as análises. A primeira limitação refere-se à natureza dos dados da RAIS, que apresenta informações apenas sobre os trabalhadores que estão inseridos no mercado formal, ainda que por pouquíssimo tempo no ano de referência. Nesse sentido, os dados tendem a ser subestimados, na medida em que ainda há um grande número de trabalhadores estrangeiros que pode estar inserido no mercado informal de trabalho, não sendo, portanto, computado pelas informações disponibilizadas na RAIS. Outra limitação também diz respeito à existência de eventuais imprecisões nos dados da RAIS, decorrentes da utilização de “registros administrativos que, pela sua própria natureza, não sofreram qualquer processo de crítica, sendo, por isso mesmo, passíveis de apresentarem erros provenientes de declarações mal preenchidas” (Sternberg, 2000, p. 186). O preenchimento dos dados é realizado pelo próprio empregador que, por muitas vezes, declara dados não atualizados e incorretos sobre o trabalhador.

3.3. Delimitação dos modelos

Para responder as perguntas propostas e testar as hipóteses colocadas, utilizo duas técnicas estatísticas, quais sejam: Modelo Hierárquico de Regressão Logística Binominal e Modelo Hierárquico de Regressão Linear³⁵.

Para escolha dos modelos hierárquicos de regressão (logístico e linear), baseio-me na ideia de que os trabalhadores estrangeiros ocupados em uma mesma empresa compartilham de características comuns, uma vez que estão sob as regras de um mesmo ambiente normativo e desigualdades contextuais que afetam suas oportunidades no mercado de trabalho. Nesse sentido, o modelo hierárquico mostra-se um método estatístico bem adequado para o estudo, já que considera, na estimação dos parâmetros, a dependência existente entre as variáveis dependentes (salário e empregabilidade) e as características empregatícias dos indivíduos localizados em uma mesma empresa, permitindo um cálculo mais eficiente dos estimadores das associações entre as variáveis (Bryk, Raudenbush, 1992). A análise hierárquica controla ainda a heterogeneidade observada no nível agregado (empresas), permitindo ainda a partição da variabilidade da variável resposta relativa a cada nível, incluindo controles específicos para o nível agregado.

Defino, então, dois níveis de análises, sendo o primeiro correspondente às características individuais e o segundo nível relativo às empresas. Esclareço que o segundo nível é constituído apenas por um modelo nulo, que agrega os imigrantes por empresa, mas não inclui outras variáveis explicativas. Isso porque as hipóteses a serem testadas neste trabalho referem-se somente ao nível 1, sendo o nível 2 utilizado apenas como controle para melhores estimações dos parâmetros, como discutido anteriormente; ou seja, insiro no primeiro nível variáveis independentes relativas às características dos indivíduos, mas no segundo nível insiro apenas a variável que identifica a empresa, de efeitos aleatórios, sem outras variáveis explicativas.

³⁵ Para mais informação sobre o modelo, ver GOLDSTEIN, H. *Multilevel statistical models*. 2. ed. London: E. Arnold; New York: Halsted Press, 178 p. 1995. (2003) e RAUDENBUSH, S. W. e BRYK, A. S. (2002). *Hierarchical Linear Models: Applications and Data Analysis Methods*. Thousand Oaks, Sage Publications.

A seguir, apresento as variáveis utilizadas para as estimações, descrevendo as dependentes e independentes (de teste e de controle) (quadros 1, 2, 3 e 4) e, posteriormente, a especificação dos modelos estatísticos (quadro 5).

a) Variáveis dependentes

| <i>Variáveis dependentes</i> | | | |
|------------------------------|-------------|---|--|
| <i>Variável</i> | <i>Tipo</i> | <i>Descrição</i> | <i>Observação</i> |
| <i>Empregado</i> | Binária | 1= empregado / 0 = demitido | Variável resposta do Modelo Hierárquico de Regressão Logística Binominal |
| <i>LnSal</i> | Contínua | Logaritmo natural dos rendimentos no trabalho principal | Variável resposta do Modelo Hierárquico de Regressão Linear |

Quadro 2 – Quadro das variáveis dependentes utilizadas para as estimações

Fonte: RAIS (2010). Dados trabalhados pela autora.

Vale destacar que, para a análise do efeito da participação em economia étnica sobre a empregabilidade dos trabalhadores estrangeiros, modelo hierárquico de regressão logística binomial no qual a variável dependente é *Empregado*, analiso a probabilidade de os trabalhadores *manterem-se* empregados, como realizado por Nadya Guimarães (2004). Isso se deve à natureza do meu banco de dados, a RAIS, que se constitui em um censo do mercado de trabalho e, portanto, os indivíduos já se encontram inseridos no mercado local (em situação de emprego ou desemprego) e nele só estão incorporadas informações de indivíduos que tiveram pelo menos um vínculo empregatício em 2010, ano analisado.

b) Variáveis independentes

As variáveis independentes são divididas em dois grupos: as explicativas/teste e as de controle. As primeiras são aquelas que são foco de análise deste trabalho, isto é, a participação em economias étnicas (*Economia étnica, Situação 1 e Situação 3*). As demais variáveis de controle são informações importantes que interferem na inserção dos estrangeiros no mercado de trabalho local, discutidas no item 2.5 do trabalho. Essas são divididas em nível individual e estrutural.

As variáveis de teste:

| <i>Variáveis independentes de teste</i> | | | |
|---|-------------|---|-------------------------------|
| <i>Variável</i> | <i>Tipo</i> | <i>Descrição</i> | <i>Observação</i> |
| <i>Economia_étnica</i> | Binária | 1= Economia étnica / 0 = Economia aberta | Variável de teste do Modelo 1 |
| <i>Situação 1</i> | Binária | 1= Situação 1/ 0 = Situação 3 | Variável de teste do Modelo 2 |
| <i>Situação 2</i> | Binária | 1= Situação 2/ 0 = Situação 4 | Variável de teste do Modelo 3 |

Quadro 3 – Quadro das variáveis independentes de teste utilizadas para as estimações

Fonte: RAIS (2010). Dados trabalhados pela autora.

As variáveis de controle do primeiro nível:

| <i>Variáveis independentes de controle</i> | | |
|--|------------------------|---|
| <i>NÍVEL 1</i> | | |
| <i>Variável</i> | <i>Tipo</i> | <i>Descrição</i> |
| <i>Idade_cen</i> | Contínua ³⁶ | Idade do indivíduo, em anos, centralizada |
| <i>Idade_cen2</i> ³⁷ | Contínua | Idade do indivíduo, em anos, centralizada ao quadrado |
| <i>Branca</i> | Binária | 1 = branco (brancas e amarelas)/ 0 = não branca (parda, negra, indígena) |
| <i>Deficiência</i> | Binária | 1 = portador de deficiência/ 0 = não portador de deficiência |
| Grau de instrução ³⁸ | | |
| <i>EFincom</i> | Binária | 1 = Analfabeto ou ensino fundamental incompleto/ 0 = Ensino superior completo |
| <i>EFcomp_EMincomp</i> | Binária | 1 = Ensino fundamental completo e médio incompleto/ 0 = Ensino superior completo |
| <i>EMcomp</i> | Binária | 1 = Ensino médio completo/ 0 = Ensino superior completo |
| <i>ESincom</i> | Binária | 1 = Ensino superior incompleto/ 0 = Ensino superior completo |
| <i>Lnhtrabs</i> | Discreta | Logaritmo das horas trabalhadas por semana |
| <i>Horascon</i> | Discreta | Horas contratadas por semana |
| <i>Horaextra</i> | Binária | 1 = Trabalhador realizou hora extra / 0 = não realizou hora extra |
| <i>Priemp</i> | Binária | 1 = Primeiro emprego / 0 = não é primeiro emprego |

³⁶ Para solucionar o problema de autocorrelação entre a variável referente à idade ao quadrado, foi realizada a centralização dessas variáveis, que consiste na subtração da idade pelo valor de sua média da amostra analisada (sendo essa a idade centralizada).

³⁷ A variável *Idade_cen* – idade do trabalhador em anos é elevada ao quadrado, elevada ao quadrado como um procedimento estatístico em razão da relação não linear entre a idade e os rendimentos dos trabalhadores. Dessa forma, os valores se ajustam melhor às regressões lineares.

³⁸ Ensino superior completo é o grupo de referência na estimação das equações estatísticas.

| | | |
|--|----------|--|
| <i>CLT</i> | Binária | 1 = Vínculo trabalhista pautado na CLT/ 0 = Vínculo temporário ou avulso ou contratado por prazo determinado |
| <i>Sindicato</i> | Binária | 1 = Trabalhador sindicalizado/ 0 = Não sindicalizado |
| <i>Tempempres</i> | Discreta | Tempo de emprego do trabalhador em meses |
| Região do país ³⁹ | | |
| <i>Norte</i> | Binária | 1 = Região Norte/ 0 = Região Sudeste |
| <i>Nordeste</i> | Binária | 1 = Região Nordeste/ 0 = Região Sudeste |
| <i>Sul</i> | Binária | 1 = Região Sul / 0 = Região Sudeste |
| <i>Centro-oeste</i> | Binária | 1 = Região Centro-Oeste/ 0 = Região Sudeste |
| Grandes grupos ocupacionais ⁴⁰ | | |
| <i>Ggocup2</i> | Binária | 1 = Profissionais da ciência e intelectuais/ 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup3</i> | Binária | 1 = Técnicos e profissionais do ensino médio/ 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup4</i> | Binária | 1 = Trabalhadores de apoio administrativo/ 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup5</i> | Binária | 1 = Trabalhadores de serviços, vendedores dos comércios e mercados/ 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup6</i> | Binária | 1 = Trabalhadores da agropecuária, florestais, da caça e da pesca 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup7</i> | Binária | 1 = Trabalhadores qualificados, operários, artesãos da construção, das artes mecânicas e de outros ofícios 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup8</i> | Binária | 1 = Operadores de instalações e máquinas e montadores 0 = Gerentes e diretores |
| <i>Ggocup9</i> | Binária | 1 = Profissionais elementares/ 0 = Gerentes e diretores |
| Origem ⁴¹ | | |
| <i>Alemão</i> | Binária | 1 = Alemão/ 0 = Português |
| <i>Argentino</i> | Binária | 1 = Argentino / 0 = Português |
| <i>Boliviano</i> | Binária | 1 = Boliviano / 0 = Português |
| <i>Chileno</i> | Binária | 1 = Chileno / 0 = Português |
| <i>Chinês</i> | Binária | 1 = Chinês / 0 = Português |
| <i>Espanhol</i> | Binária | 1 = Espanhol / 0 = Português |
| <i>Francês</i> | Binária | 1 = Francês / 0 = Português |
| <i>Italiano</i> | Binária | 1 = Italiano / 0 = Português |
| <i>Japonês</i> | Binária | 1 = Japonês / 0 = Português |
| <i>Norte-americano</i> | Binária | 1 = Norte-americano / 0 = Português |
| <i>Paraguaio</i> | Binária | 1 = Paraguaio / 0 = Português |
| <i>Uruguaio</i> | Binária | 1 = Uruguaio / 0 = Português |

Quadro 4 – Quadro das variáveis independentes de controle

Fonte: RAIS (2010). Dados trabalhados pela autora.

Com relação às equações estatísticas estimadas, utilizo duas técnicas: a) regressão hierárquica logística binomial, que pretende mensurar a probabilidade dos imigrantes

³⁹ Região Sudeste é o grupo de referência na estimação das equações estatísticas.

⁴⁰ O grupo 1 relativo aos diretores é a referência para os modelos estatísticos.

⁴¹ Os portugueses são os imigrantes utilizados como referência nas equações estatísticas porque fazem parte do grupo com maior representatividade no mercado de trabalho, dado o seu tamanho.

manterem-se empregados; b) regressão hierárquica linear, que tem como objetivo mensurar o efeito das variáveis explicativas no salário dos trabalhadores.

Para ambas as técnicas, inicialmente, estimo uma equação com a variável de teste binária, *Economia_étnica*, que identifica os imigrantes inscritos na economia étnica (1) e na economia aberta (0). No segundo modelo, realizo as estimações comparando somente os imigrantes classificados como *situação 1* e *situação 3*, visto que nas duas situações os diretores das empresas são estrangeiros, diferenciando-se apenas porque a situação 1 está no mercado étnico e a situação 2 está no mercado aberto. No terceiro modelo, realizo a análise comparativa entre imigrantes classificados como da situação 2 (economia étnica) e da situação 4 (economia aberta), que em ambos os casos tem o diretor nativo. Por fim, realizo a estimação de equações de salário com a variável de teste binária (*Economia_étnica*) com objetivo de verificar se o efeito da economia étnica é diferente para cada origem nacional. Para tanto, estimo um modelo para cada grupo de imigrantes, separadamente.

Para facilitar a compreensão, no quadro 5 abaixo, apresento a síntese dos modelos estimados e as hipóteses correspondentes.

| <i>Modelo</i> | <i>Variável dependente</i> | <i>Variável de teste</i> | <i>Hipótese de teste</i> | <i>Descrição</i> |
|-----------------|--|--|--------------------------|---|
| <i>Modelo 1</i> | <i>Empregado</i> | <i>Economia_étnica</i> | Hipótese 2 | Verifico se há diferença entre os imigrantes no mercado étnico e no mercado aberto quanto à probabilidade de se manterem empregados. |
| <i>Modelo 2</i> | | <i>Situação 1</i> | Hipótese 2 | Verifico se há diferença entre os imigrantes na situação 1 (economia étnica) e na situação 3 (economia aberta) quanto à probabilidade de se manterem empregados, visto que nas duas situações os diretores das empresas são estrangeiros. |
| <i>Modelo 3</i> | | <i>Situação 2</i> | Hipótese 2 | Verifico se há diferença entre os imigrantes na situação 2 (economia étnica) e na situação 4 (economia aberta) quanto à probabilidade de se manterem empregados, visto que em ambas as situações os diretores são nativos. |
| <i>Modelo 4</i> | <i>Logaritmo do Salário (LnSal)</i> ⁴² | <i>Economia_étnica</i> | Hipótese 2 | Verifico se a participação no mercado étnico tem efeito nos salários, em comparação aos imigrantes no mercado aberto. |
| <i>Modelo 5</i> | | <i>Situação 1</i> | Hipótese 2 | Verifico se a participação na situação 1 (mercado étnico) tem efeito positivo ou negativo nos salários, em comparação aos imigrantes da situação 3 (mercado aberto). |
| <i>Modelo 6</i> | | <i>Situação 2</i> | Hipótese 2 | Verifico se a participação na situação 2 (mercado étnico) tem efeito positivo ou negativo nos salários, em comparação aos imigrantes da situação 4 (mercado aberto). |
| <i>Modelo 7</i> | | <i>Economia_étnica</i> (para cada grupo de imigrante separadamente) | Hipótese 3 | Verifico se os efeitos da participação em uma economia étnica são heterogêneos entre as etnias/origens nacionais. |

Quadro 5 – Quadro com a síntese dos modelos estimados e as hipóteses correspondentes

Fonte: RAIS (2010). Dados trabalhados pela autora.

⁴² Com intuito de corrigir o viés de seletividade da amostra, foi realizado, para os modelos de análise do logaritmo de rendimento salarial, o teste sugerido por Heckman (1979). No entanto, o resultado não foi estatisticamente significativo. O autor indica a utilização de um modelo de regressão com duas equações simultâneas, uma linear e uma *logit*. No caso deste estudo, o viés pode ocorrer se selecionarmos apenas os casos de indivíduos que trabalham, excluindo os demitidos, já que, segundo o autor, os indivíduos que estão fora do mercado de trabalho têm motivos não observados que, indiretamente, podem influenciar os salários daqueles que estão empregados.

Segue a especificação de cada modelo:

➤ **Modelo 1** (para todos os imigrantes)

Nível 1: individual

$$EMPREGADO_{ij} \text{ Log}(P/1-P) = \beta_{0j} + \beta_j^*(Economia_etnica) + \beta_j^*(idade_cen_{ij}) + \beta_j^*(idade_cen2_{ij}) + \beta_j^*(Branca_{ij}) + \beta_j^*(Deficiencia_{ij}) + \beta_j^*(EFincom_{ij}) + \beta_j^*(EFcomp_EMincomp_{ij}) + \beta_{10j}^*(EMComp_{ij}) + \beta_j^*(ESincom_{ij}) + \beta_j^*(Lnhrtab_j) + \beta_j^*(Horascon_{ij}) + \beta_j^*(Horaextra) + \beta_j^*(Priemp_{ij}) + \beta_j^*(CLT_{ij}) + \beta_j^*(Sindicato_{ij}) + \beta_j^*(Tempempre_j) + \beta_j^*(Ggocup2_{ij}) + \beta_{22j}^*(Ggocup3_{ij}) + \beta_{23j}^*(Ggocup4_{ij}) + \beta_{24j}^*(Ggocup5_{ij}) + \beta_{25j}^*(Ggocup6_{ij}) + \beta_{26j}^*(Ggocup7_{ij}) + \beta_{27j}^*(Ggocup8_{ij}) + \beta_{28j}^*(Ggocup9_{ij}) + \beta_j^*(argentino) + \beta_j^*(boliviano) + \beta_j^*(chileno) + \beta_j^*(paraguaio) + \beta_j^*(uruguaio) + \beta_j^*(alemao) + \beta_j^*(espanhol) + \beta_{10j}^*(norte_americano) + \beta_j^*(frances) + \beta_j^*(italiano) + \beta_j^*(japones) + \beta_j^*(chines) + \beta_j^*(norte) + \beta_j^*(centro_oeste) + \beta_j^*(sul) + \beta_j^*(nordeste) + r_{ij}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

➤ **Modelo 2** (para imigrantes inscritos nas situações 1 e 3)

Nível 1: individual

$$EMPREGADO_{ij} = \beta_{0j} + \beta_j^*(Situação\ 1) + \beta_j^*(idade_cen_{ij}) + \beta_j^*(idade_cen2_{ij}) + \beta_j^*(Branca_{ij}) + \beta_j^*(Deficiencia_{ij}) + \beta_j^*(EFincom_{ij}) + \beta_j^*(EFcomp_EMincomp_{ij}) + \beta_{10j}^*(EMComp_{ij}) + \beta_j^*(ESincom_{ij}) + \beta_j^*(Lnhrtab_j) + \beta_j^*(Horascon_{ij}) + \beta_j^*(Horaextra) + \beta_j^*(Priemp_{ij}) + \beta_j^*(CLT_{ij}) + \beta_j^*(Sindicato_{ij}) + \beta_j^*(Tempempre_j) + \beta_j^*(Ggocup2_{ij}) + \beta_{22j}^*(Ggocup3_{ij}) + \beta_{23j}^*(Ggocup4_{ij}) + \beta_{24j}^*(Ggocup5_{ij}) + \beta_{25j}^*(Ggocup6_{ij}) + \beta_{26j}^*(Ggocup7_{ij}) + \beta_{27j}^*(Ggocup8_{ij}) + \beta_{28j}^*(Ggocup9_{ij}) + \beta_j^*(argentino) + \beta_j^*(boliviano) + \beta_j^*(chileno) + \beta_j^*(paraguaio) + \beta_j^*(uruguaio) + \beta_j^*(alemao) + \beta_j^*(espanhol) + \beta_{10j}^*(norte_americano) + \beta_j^*(frances) + \beta_j^*(italiano) + \beta_j^*(japones) + \beta_j^*(chines) + \beta_j^*(norte) + \beta_j^*(centro_oeste) + \beta_j^*(sul) + \beta_j^*(nordeste) + r_{ij}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

➤ **Modelo 3** (para imigrantes inscritos nas situações 2 e 4)

Nível 1: individual

$$\begin{aligned}
 EMPREGADO_{ij} = & \beta_{0j} + \beta_j^*(\text{ Situação } 2) + \beta_j^*(idade_cen_{ij}) + \beta_j^*(idade_cen2_{ij}) + \\
 & \beta_j^*(Branca_{ij}) + \beta_j^*(Deficiencia_{ij}) + \beta_j^*(EFincom_{ij}) + \beta_j^*(EFcomp_EMincomp_{ij}) + \\
 & \beta_{10j}^*(EMComp_{ij}) + \beta_j^*(ESincom_{ij}) + \beta_j^*(Lnhrtab_j) + \beta_j^*(Horascon_{ij}) + \beta_j^*(Horaextra) + \\
 & \beta_j^*(Priemp_{ij}) + \beta_j^*(CLT_{ij}) + \beta_j^*(Sindicato_{ij}) + \beta_j^*(Tempempre_j) + \beta_j^*(Ggocup2_{ij}) + \\
 & \beta_{22j}^*(Ggocup3_{ij}) + \beta_{23j}^*(Ggocup4_{ij}) + \beta_{24j}^*(Ggocup5_{ij}) + \beta_{25j}^*(Ggocup6_{ij}) + \\
 & \beta_{26j}^*(Ggocup7_{ij}) + \beta_{27j}^*(Ggocup8_{ij}) + \beta_{28j}^*(Ggocup9_{ij}) + \beta_j^*(argentino) + \beta_j^*(boliviano) + \\
 & \beta_j^*(chileno) + \beta_j^*(paraguaio) + \beta_j^*(uruguaio) + \beta_j^*(alemao) + \beta_j^*(espanhol) + \\
 & \beta_{10j}^*(norte_americano) + \beta_j^*(frances) + \beta_j^*(italiano) + \beta_j^*(japones) + \beta_j^*(chines) + \\
 & \beta_j^*(norte) + \beta_j^*(centro_oeste) + \beta_j^*(sul) + \beta_j^*(nordeste) + r_{ij}
 \end{aligned}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

Onde nos três modelos acima,

P = probabilidade de Y = 1 (do indivíduo estar empregado)

1 – P = probabilidade de Y = 0 (do indivíduo não estar empregado)

i = 1, 2, ..., n, é o número de indivíduos do j-ésima empresa

j = 1, 2, ..., l, onde l é o número de empresas

r_{ij} = efeito aleatório do nível 1 (resíduo relativo aos indivíduos)

u_{0j} = aleatório do nível 2 (resíduo relativo às empresas)

➤ **Modelo 4** (para imigrantes empregados)

Nível 1: individual

$$LNSAL_{ij} = \beta_{0j} + \beta_j^*(Economia_etnica) + \beta_j^*(idade_cen_{ij}) + \beta_j^*(idade_cen2_{ij}) + \beta_j^*(Branca_{ij}) + \beta_j^*(Deficiencia_{ij}) + \beta_j^*(EFincom_{ij}) + \beta_j^*(EFcomp_EMincomp_{ij}) + \beta_{10j}^*(EMComp_{ij}) + \beta_j^*(ESincom_{ij}) + \beta_j^*(Lnhrtab_j) + \beta_j^*(Horascon_{ij}) + \beta_j^*(Horaextra) + \beta_j^*(Priemp_{ij}) + \beta_j^*(CLT_{ij}) + \beta_j^*(Sindicato_{ij}) + \beta_j^*(Tempempre_j) + \beta_j^*(Ggocup2_{ij}) + \beta_{22j}^*(Ggocup3_{ij}) + \beta_{23j}^*(Ggocup4_{ij}) + \beta_{24j}^*(Ggocup5_{ij}) + \beta_{25j}^*(Ggocup6_{ij}) + \beta_{26j}^*(Ggocup7_{ij}) + \beta_{27j}^*(Ggocup8_{ij}) + \beta_{28j}^*(Ggocup9_{ij}) + \beta_j^*(argentino) + \beta_j^*(boliviano) + \beta_j^*(chileno) + \beta_j^*(paraguaio) + \beta_j^*(uruguaio) + \beta_j^*(alemao) + \beta_j^*(espanhol) + \beta_{10j}^*(norte_americano) + \beta_j^*(frances) + \beta_j^*(italiano) + \beta_j^*(japones) + \beta_j^*(chines) + \beta_j^*(norte) + \beta_j^*(centro_oeste) + \beta_j^*(sul) + \beta_j^*(nordeste) + r_{ij}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

➤ **Modelo 5** (para imigrantes empregados das situações 1 e 3)

Nível 1: individual

$$LNSAL_{ij} = \beta_{0j} + \beta_j^*(Situação\ 1) + \beta_j^*(idade_cen_{ij}) + \beta_j^*(idade_cen2_{ij}) + \beta_j^*(Branca_{ij}) + \beta_j^*(Deficiencia_{ij}) + \beta_j^*(EFincom_{ij}) + \beta_j^*(EFcomp_EMincomp_{ij}) + \beta_{10j}^*(EMComp_{ij}) + \beta_j^*(ESincom_{ij}) + \beta_j^*(Lnhrtab_j) + \beta_j^*(Horascon_{ij}) + \beta_j^*(Horaextra) + \beta_j^*(Priemp_{ij}) + \beta_j^*(CLT_{ij}) + \beta_j^*(Sindicato_{ij}) + \beta_j^*(Tempempre_j) + \beta_j^*(Ggocup2_{ij}) + \beta_{22j}^*(Ggocup3_{ij}) + \beta_{23j}^*(Ggocup4_{ij}) + \beta_{24j}^*(Ggocup5_{ij}) + \beta_{25j}^*(Ggocup6_{ij}) + \beta_{26j}^*(Ggocup7_{ij}) + \beta_{27j}^*(Ggocup8_{ij}) + \beta_{28j}^*(Ggocup9_{ij}) + \beta_j^*(argentino) + \beta_j^*(boliviano) + \beta_j^*(chileno) + \beta_j^*(paraguaio) + \beta_j^*(uruguaio) + \beta_j^*(alemao) + \beta_j^*(espanhol) + \beta_{10j}^*(norte_americano) + \beta_j^*(frances) + \beta_j^*(italiano) + \beta_j^*(japones) + \beta_j^*(chines) + \beta_j^*(norte) + \beta_j^*(centro_oeste) + \beta_j^*(sul) + \beta_j^*(nordeste) + r_{ij}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

- **Modelo 6** (para imigrantes empregados das situações 2 e 4)

Nível 1: individual

$$LNSAL_{ij} = \beta_{0j} + \beta_j^*(\text{Situação 2}) + \beta_j^*(\text{idade_cen}_{ij}) + \beta_j^*(\text{idade_cen2}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Branca}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Deficiencia}_{ij}) + \beta_j^*(\text{EFincom}_{ij}) + \beta_j^*(\text{EFcomp_EMincomp}_{ij}) + \beta_{10j}^*(\text{EMComp}_{ij}) + \beta_j^*(\text{ESincom}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Lnhrtab}_j) + \beta_j^*(\text{Horascon}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Horaextra}) + \beta_j^*(\text{Priemp}_{ij}) + \beta_j^*(\text{CLT}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Sindicato}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Tempempre}_j) + \beta_j^*(\text{Ggocup2}_{ij}) + \beta_{22j}^*(\text{Ggocup3}_{ij}) + \beta_{23j}^*(\text{Ggocup4}_{ij}) + \beta_{24j}^*(\text{Ggocup5}_{ij}) + \beta_{25j}^*(\text{Ggocup6}_{ij}) + \beta_{26j}^*(\text{Ggocup7}_{ij}) + \beta_{27j}^*(\text{Ggocup8}_{ij}) + \beta_{28j}^*(\text{Ggocup9}_{ij}) + \beta_j^*(\text{argentino}) + \beta_j^*(\text{boliviano}) + \beta_j^*(\text{chileno}) + \beta_j^*(\text{paraguaio}) + \beta_j^*(\text{uruguaio}) + \beta_j^*(\text{alemao}) + \beta_j^*(\text{espanhol}) + \beta_{10j}^*(\text{norte_americano}) + \beta_j^*(\text{frances}) + \beta_j^*(\text{italiano}) + \beta_j^*(\text{japones}) + \beta_j^*(\text{chines}) + \beta_j^*(\text{norte}) + \beta_j^*(\text{centro_oeste}) + \beta_j^*(\text{sul}) + \beta_j^*(\text{nordeste}) + r_{ij}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

- **Modelo 7** (para cada grupo de imigrante separadamente)⁴³

Nível 1: individual

$$LNSAL_{ij} = \beta_{0j} + \beta_j^*(\text{Economia_etnica}) + \beta_j^*(\text{idade_cen}_{ij}) + \beta_j^*(\text{idade_cen2}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Branca}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Deficiencia}_{ij}) + \beta_j^*(\text{EFincom}_{ij}) + \beta_j^*(\text{EFcomp_EMincomp}_{ij}) + \beta_{10j}^*(\text{EMComp}_{ij}) + \beta_j^*(\text{ESincom}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Lnhrtab}_j) + \beta_j^*(\text{Horascon}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Horaextra}) + \beta_j^*(\text{Priemp}_{ij}) + \beta_j^*(\text{CLT}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Sindicato}_{ij}) + \beta_j^*(\text{Tempempre}_j) + \beta_j^*(\text{Ggocup2}_{ij}) + \beta_{22j}^*(\text{Ggocup3}_{ij}) + \beta_{23j}^*(\text{Ggocup4}_{ij}) + \beta_{24j}^*(\text{Ggocup5}_{ij}) + \beta_{25j}^*(\text{Ggocup6}_{ij}) + \beta_{26j}^*(\text{Ggocup7}_{ij}) + \beta_{27j}^*(\text{Ggocup8}_{ij}) + \beta_{28j}^*(\text{Ggocup9}_{ij}) + \beta_j^*(\text{origem}) + \beta_j^*(\text{norte}) + \beta_j^*(\text{centro_oeste}) + \beta_j^*(\text{sul}) + \beta_j^*(\text{nordeste}) + r_{ij}$$

Nível 2: estrutural

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j}$$

⁴³ São rodadas 12 equações para cada uma das origens de imigrantes, com exceção dos espanhóis que não têm número da amostra suficiente para estimação.

Onde nos quatro modelos acima,

$i = 1, 2, \dots, n$, é o número de indivíduos do j -ésima empresa

$j = 1, 2, \dots, l$, onde l é o número de empresas

r_{ij} = efeito aleatório do nível 1 (resíduo relativo aos indivíduos)

u_{0j} = aleatório do nível 2 (resíduo relativo às empresas)

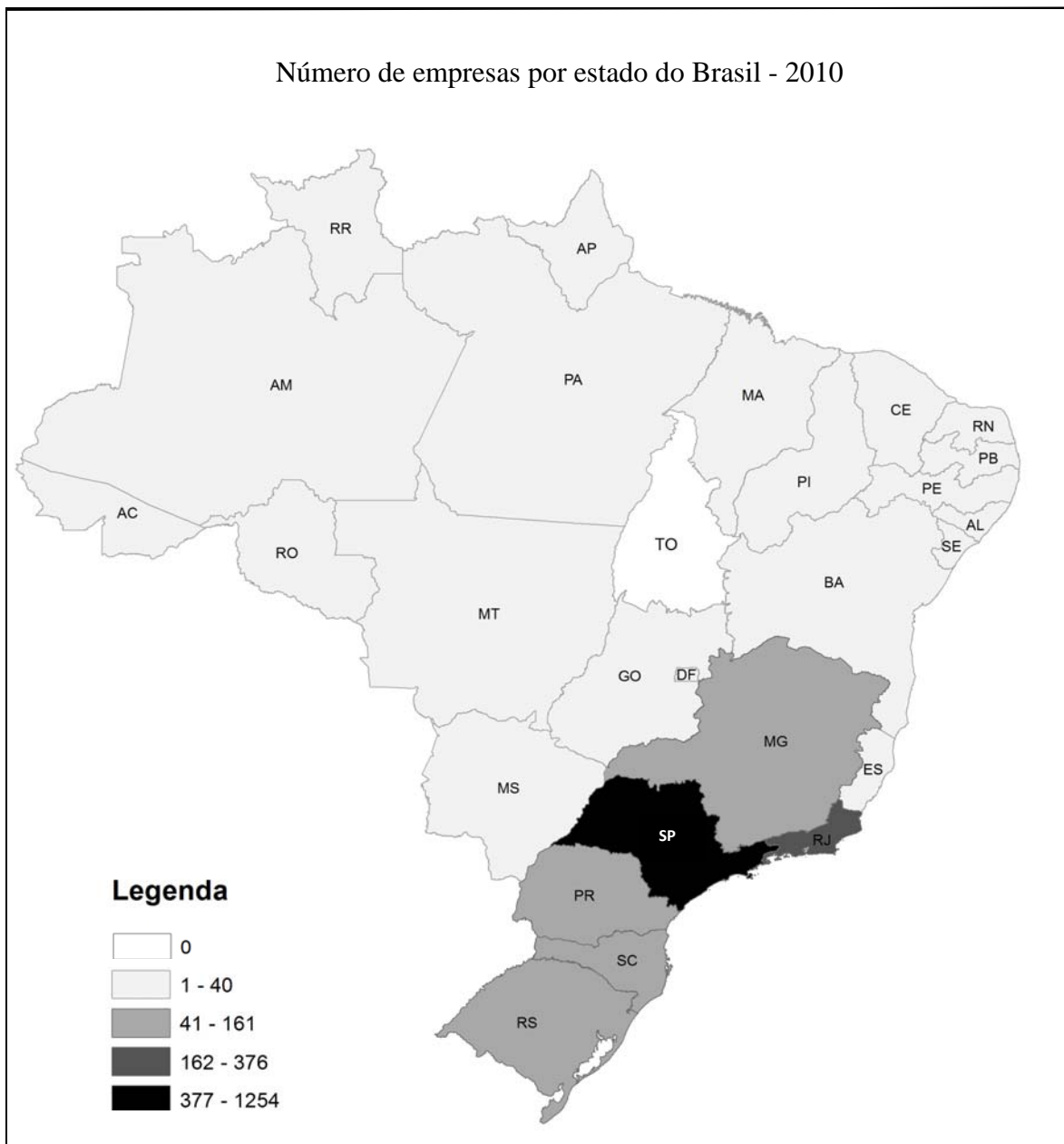
4. Análise descritiva dos dados

A partir da análise descritiva dos dados⁴⁴, tenho como objetivo elucidar as características econômicas e socio-ocupacionais dos imigrantes contemplados neste estudo. A primeira análise refere-se à distribuição espacial das empresas onde esses estrangeiros estão inseridos, conforme apresentado no mapa 1 abaixo. O conjunto total de empresas é de 2.353 unidades, distribuídas em 403 municípios, concentradas, sobretudo, nas regiões Sul e Sudeste do país. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro apresentam maior incidência de empresas, 1.254 (53,3%) e 376 (16%), respectivamente, em contraposição a Tocantins, em que não há ocorrência de empresas com as características definidas neste estudo.

Já com relação aos municípios, as cidades com maior concentração de empresas analisadas neste estudo são: a) São Paulo (SP), onde os grupos predominantes de imigrantes são de bolivianos e portugueses; b) Rio de Janeiro (RJ), com parcela significativa de portugueses e argentinos; c) Porto Alegre (RS), onde há destaque para uruguaios e argentinos.

Ressalto que as análises que seguem fazem referência apenas aos imigrantes inseridos no mercado formal de trabalho, selecionados a partir das empresas que têm no mínimo dois trabalhadores estrangeiros. Portanto, não se refere ao universo de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro e nem de todos os residentes no país. Ou seja, as afirmações dizem respeito apenas a amostra construída para esse estudo, tendo cuidado de não serem generalizadas para todos os imigrantes no mercado de trabalho brasileiro.

⁴⁴ Visto que a RAIS é um censo do mercado de trabalho, não se faz necessário realizar testes para verificação de diferenças entre medias e proposições.



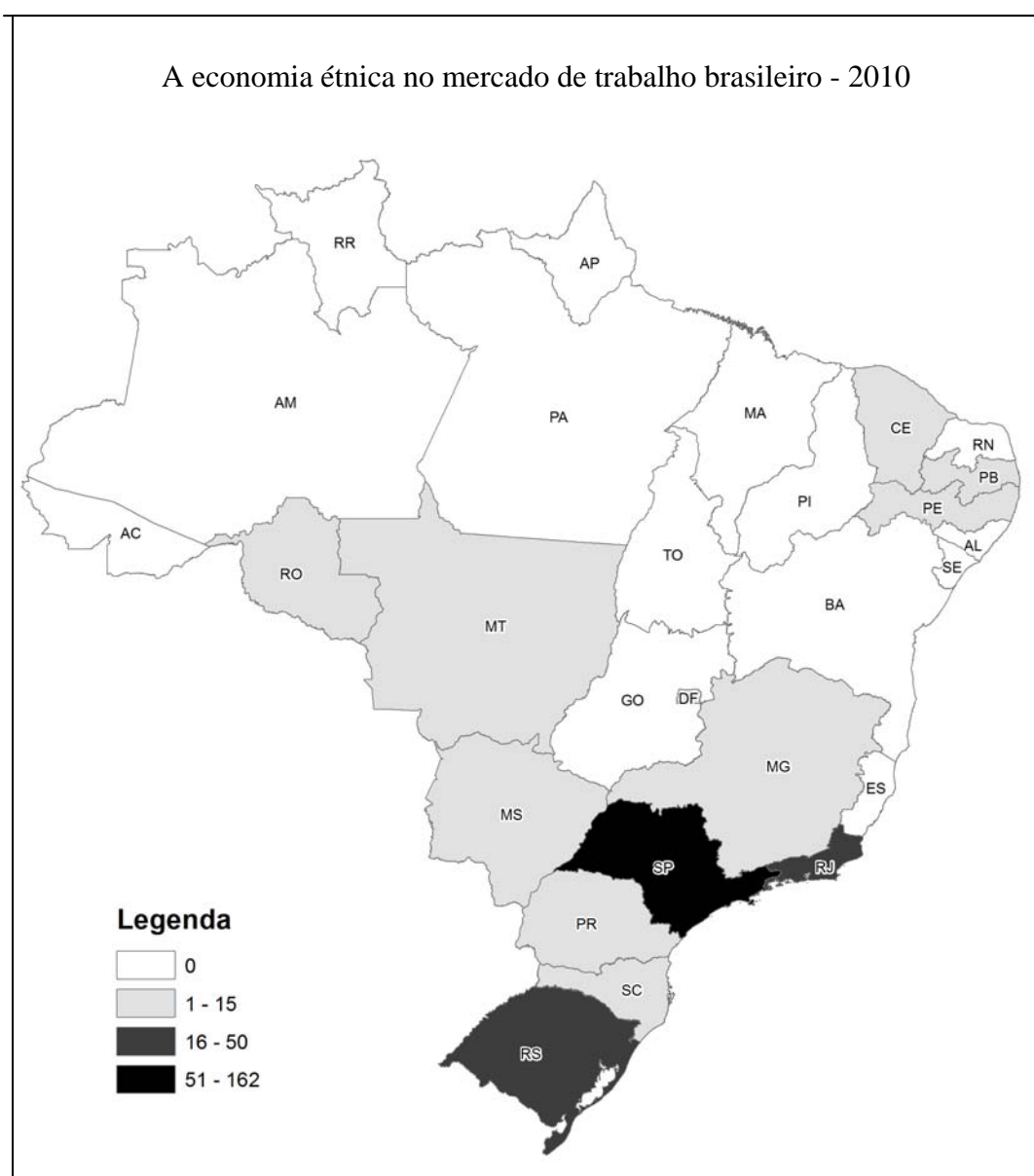
Mapa 1 – Distribuição da frequência de empresas por estados do Brasil

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora

Quanto à incorporação dos trabalhadores estrangeiros a essas 2.353 empresas selecionadas, nota-se que, do total de 10.681 imigrantes, 7,4% (793 imigrantes) estão inseridos em um mercado de trabalho definido como étnico e 92,6% (9.888 imigrantes) no mercado aberto. Vale esclarecer que uma empresa pode pertencer tanto ao mercado étnico quanto ao aberto, dependendo do grupo de trabalhadores estrangeiros tomados como referência. Por exemplo, o caso de uma empresa onde existe um número significativo de trabalhadores portugueses e poucos bolivianos, ela está inscrita tanto na economia étnica, quando analisada em relação ao primeiro grupo de estrangeiros, como

na economia aberta em relação ao segundo. Isso ocorre em razão do critério de definição da economia étnica, baseado na concentração de trabalhadores da mesma origem nacional (ver Fong e Ooka, 2002; Fong, Chan e Cao, 2009).

Dos imigrantes inseridos na economia étnica (793 no total), a maioria encontra-se no mercado de trabalho do estado de São Paulo (162 trabalhadores – 59,5%), seguida do Rio Grande do Sul (33 trabalhadores – 12%) e Rio de Janeiro (29 – 10,6%). Nota-se, também, dentre o mercado de trabalho brasileiro, menor incidência na região Norte do país, como apresentado no mapa a seguir (mapa 2).



Mapa 2 – Distribuição dos imigrantes no mercado étnico pelos estados do Brasil

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Essas empresas inscritas no mercado étnico apresentam características marcantes que as diferenciam das demais empresas do mercado aberto no Brasil. Um aspecto discriminante refere-se ao tamanho do estabelecimento, medido pelo número de funcionários, como descrito no gráfico 2. Observa-se que empresas étnicas tendem a um número menor de empregados (78% têm até 19 funcionários), enquanto as organizações do mercado aberto apresentam maiores proporções (29% têm mais de 1.000 empregados).

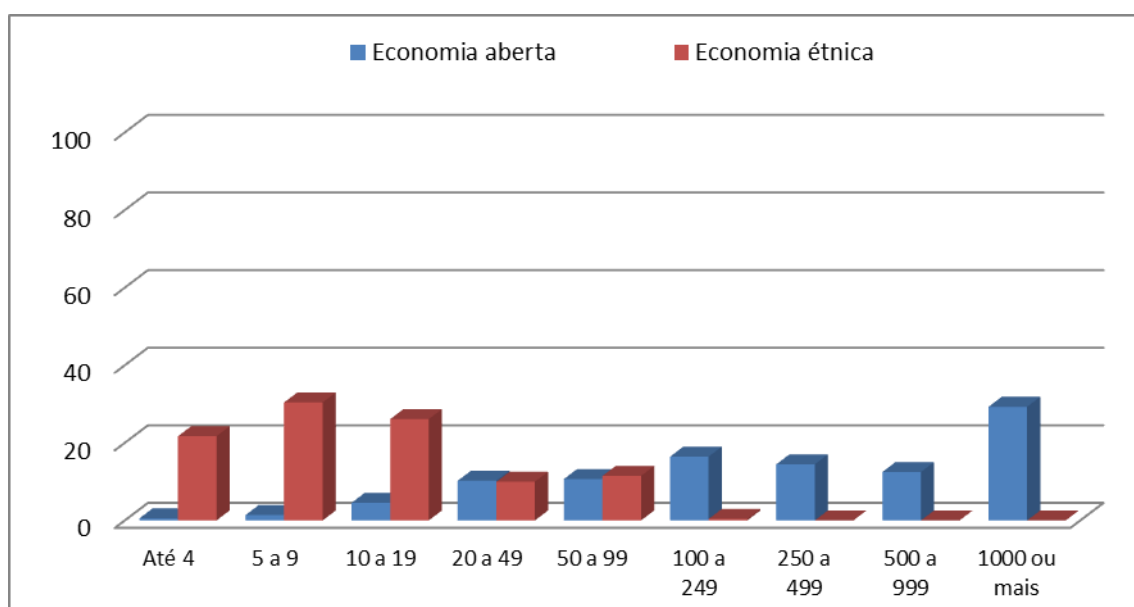


Gráfico 2- Número de funcionários por tipo de empresa em economia aberta ou economia étnica (%)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Por outro lado, quando comparado o setor de atuação dessas empresas, não se observa grande divergência quanto aos ramos de atividades desenvolvidos. Para classificação dos setores de atuação, utilizo quatro categorias, baseando-me no estudo de Xavier (2011): a) setor tradicional – inclui atividades de agricultura, pecuária e extrativismo; b) setor rígido – indústria de transformação, indústria de construção e outras atividades industriais; c) setor flexível – comércio de mercadorias, prestação de serviços, serviços auxiliares de atividades econômicas, transporte e comunicação, social e outra atividade; d) setor público – administração pública e defesa.

Noto que tanto empresas da economia étnica quanto aberta concentram suas atividades no setor rígido, seguido do setor flexível (gráfico 3). Ressalto que não há incidência de

empresas no setor público em razão da amostra construída para esse estudo, como discutido na seção 3.2.

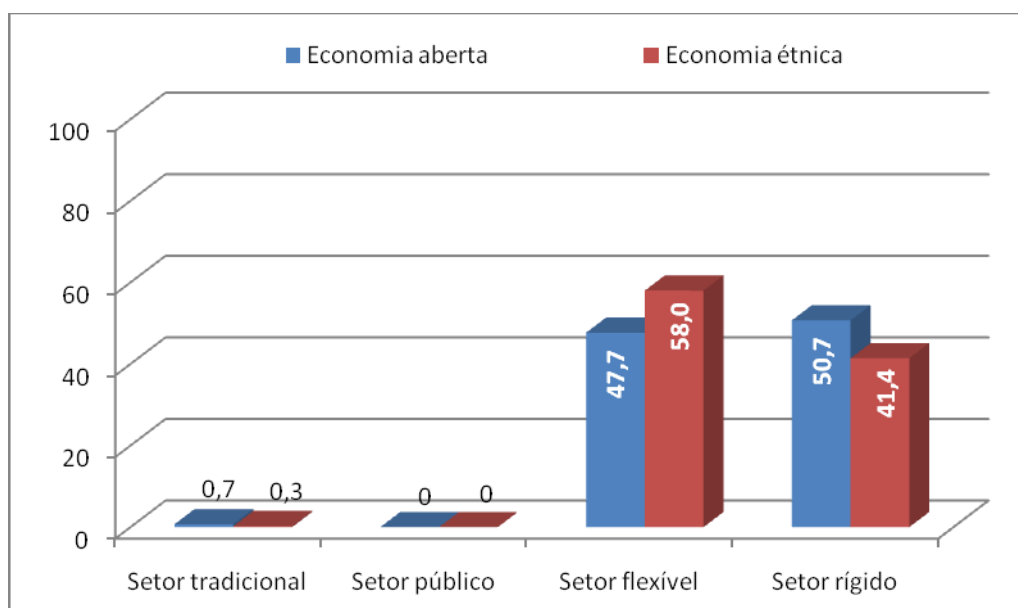


Gráfico 3- Setor da economia por tipo de empresa em economia aberta ou economia étnica (%)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Já com relação especificamente ao mercado étnico, dos 13 grupos de estrangeiros analisados, observa-se maior porcentagem de paraguaios (25,7%), bolivianos (20,6%), chineses (15,8%) e uruguaios (13,7%) em mercados dessa natureza, conforme o gráfico 4; ou seja, esses grupos nacionais são os imigrantes que apresentam maior tendência de inserção em empresas onde há parcela significativa de trabalhadores da mesma origem, comparados aos outros grupos. Vale ressaltar que pesquisas anteriores indicam que esses grupos de imigrantes são discriminados negativamente no mercado de trabalho brasileiro, quando comparados aos migrantes nativos, isto é, eles recebem salários menores, controlando seus atributos produtivos, habilidades e localização no mercado (Vilela, 2011). Portanto, esses resultados sugerem que trabalhadores estrangeiros que têm maior dificuldade de entrada no mercado local devido, por exemplo, à discriminação tendem a se inserir em empresas do mercado étnico. Nessa perspectiva, podemos inferir que tal mercado pode ser entendido como um caminho alternativo à situação de desemprego ou de discriminação, o que testaremos mais à frente, a partir de análises estatísticas mais avançadas.

Por outro lado, os imigrantes com menor proporção de trabalhadores no mercado étnico são os espanhóis (1,1%), chilenos (1,2%), portugueses (1,7%), alemães (2,5%) e norte-americanos (3%). O gráfico 4 abaixo também permite constatar que em todos os grupos de imigrantes, pelo menos 70% dos estrangeiros estão inseridos em empresas da economia aberta; dessa forma, competindo com trabalhadores brasileiros no mercado local.

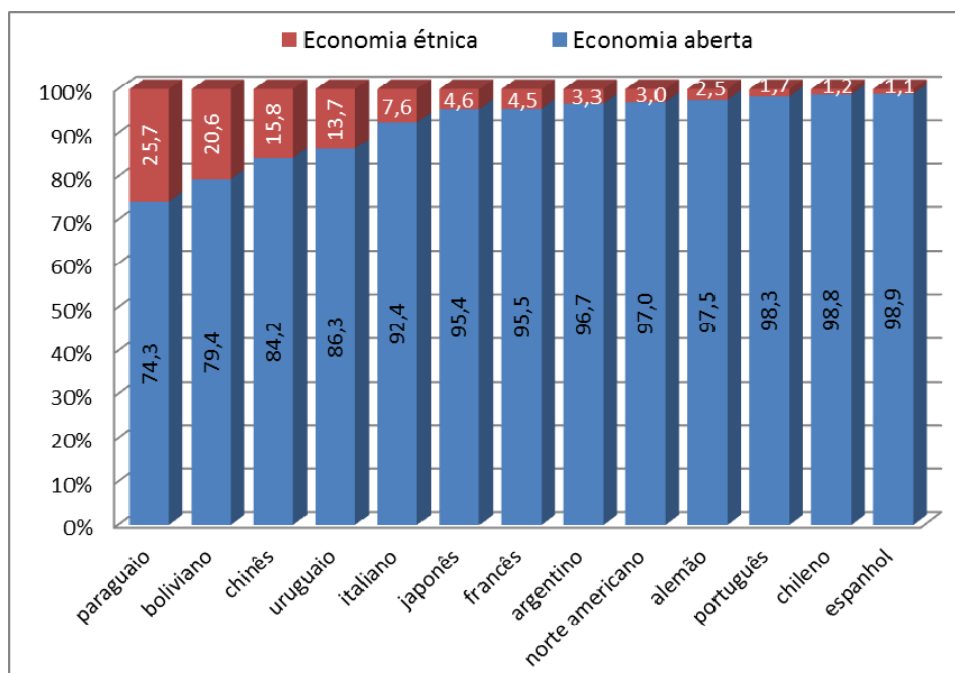


Gráfico 4- Distribuição da origem do imigrante por tipo de empresa em economia aberta ou economia étnica (%)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Sendo assim, a partir da análise desses resultados, verifico a existência de economia étnica no mercado de trabalho brasileiro para todos os grupos de estrangeiros analisados neste estudo, uma vez que, em maior ou menor grau, os imigrantes internacionais se inserem em empresas classificadas como étnicas (*situações 1 ou 2*), formando um mercado de trabalho paralelo ao mercado aberto. Sob esse viés, confirmo a primeira hipótese levantada neste estudo para todos os 13 grupos de imigrantes pesquisados.

Identificada a existência de tal economia para todos os grupos de imigrantes, analiso a distribuição espacial desses mercados, separadamente, para cada grupo de estrangeiros. Meu principal interesse é verificar se o padrão do mercado étnico identificado para o

Brasil, de concentração no Sudeste e Sul e ainda incipiente na região Norte do país, permanece para cada um dos grupos nacionais.

O mapa 3, a seguir, ilustra a economia étnica dos paraguaios no mercado de trabalho brasileiro. Observa-se que essa economia apresenta distribuição espacial diferente do padrão brasileiro, com maior incidência nos estados de São Paulo (SP) e Mato Grosso do Sul (MS) e, em seguida, Paraná (PR). Destaco que esses estados também apresentam maior proporção total desses imigrantes, como apresentado na tabela 1 ao lado do mapa (mapa 3), possivelmente em razão da fronteira com o Paraguai, localizada próxima a essa região, facilitando a imigração dos trabalhadores.

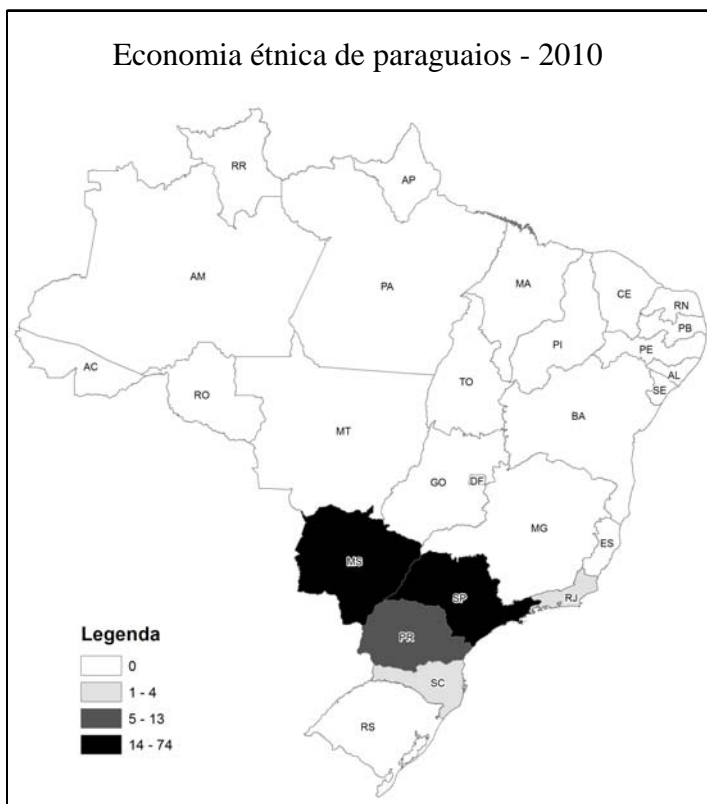


Tabela 1- Distribuição total de imigrantes paraguaios

| Distribuição total de imigrantes paraguaios | |
|---|------|
| Estado | % |
| SP | 34,2 |
| PR | 27,7 |
| MS | 23,9 |
| SC | 9,4 |
| RJ | 1,5 |
| RS | 1,5 |
| MT | 0,9 |
| BA | 0,4 |
| DF | 0,4 |
| MG | 0,4 |

Mapa 3- Distribuição total de imigrantes paraguaios

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

O mercado étnico dos bolivianos (mapa 4) também apresenta formato diferente do padrão brasileiro. Nota-se grande concentração em São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), apesar da fronteira com a Bolívia localizar-se próxima aos estados de Rondônia (RO) e Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS). Quanto a esse último estado, curiosamente não há registro de mercado étnico de bolivianos na região, porém sugiro

que isso se deve ao fato de os dados analisados neste estudo contemplarem somente o mercado formal e nessa região prevalecer sobretudo atividades de comércio informais (Peres, 2009).



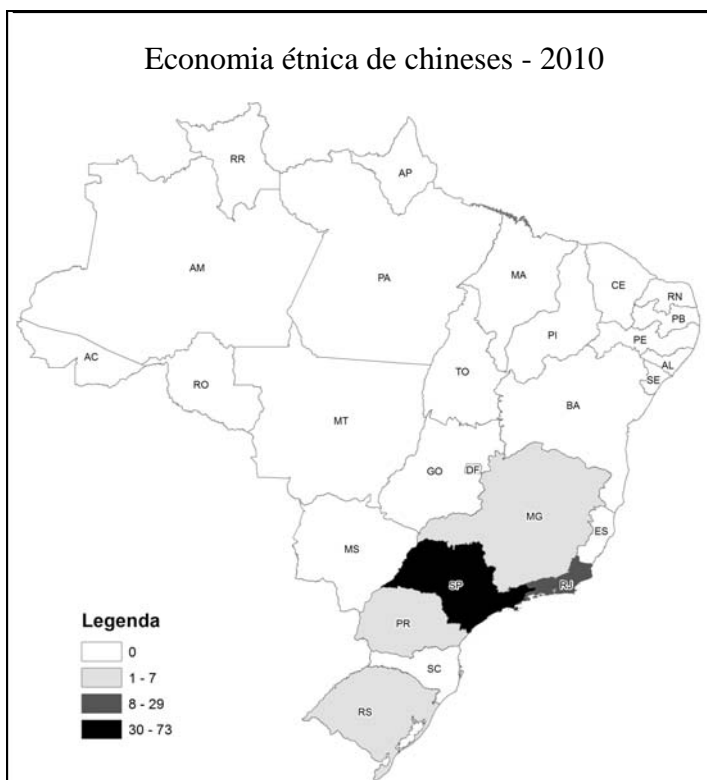
Mapa 4 - Distribuição total de imigrantes bolivianos

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Quanto à economia étnica chinesa, observamos concentração, sobretudo em São Paulo (SP) (mapa 5). Chama atenção o fato de o estado do Amazonas (AM) ser o terceiro estado com maior proporção total desses imigrantes (5,7% do total de chineses), como apresentado na tabela 3, mas não existir ocorrência de economia étnica chinesa nessa localidade. Vale lembrar que, quando me refiro ao contingente total de imigrantes, faço referência apenas ao grupo de estrangeiros selecionados para amostra deste estudo (pertencentes à economia étnica e à economia aberta) e não ao estoque de estrangeiros residentes no Brasil.

Tabela 2- Distribuição total de imigrantes bolivianos

| Distribuição total de imigrantes bolivianos | |
|---|------|
| Estado | % |
| SP | 82,7 |
| RJ | 5,4 |
| RO | 4,8 |
| SC | 1,5 |
| RS | 1,3 |
| MT | 0,7 |
| MG | 0,6 |
| AC | 0,5 |
| BA | 0,5 |
| MS | 0,5 |
| PR | 0,4 |
| RN | 0,3 |
| AM | 0,2 |
| ES | 0,2 |
| GO | 0,2 |
| PB | 0,2 |
| PE | 0,2 |
| SE | 0,1 |



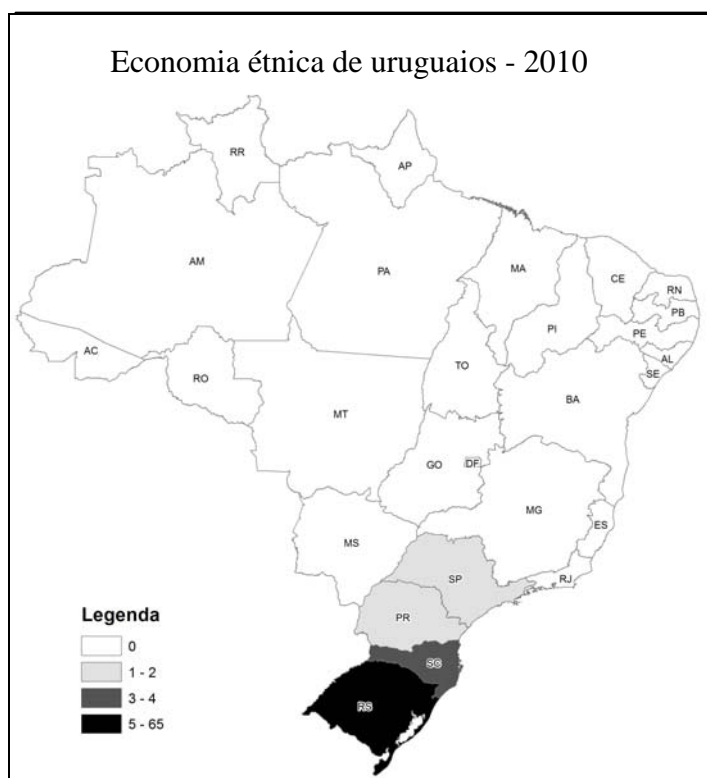
Mapa 5 - Distribuição total de imigrantes chineses

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Tabela 3- Distribuição total de imigrantes chineses

| Distribuição total de imigrantes chineses | |
|---|------|
| Estado | % |
| SP | 66,3 |
| RJ | 13,2 |
| AM | 5,7 |
| RS | 5,1 |
| MG | 2,9 |
| PR | 1,8 |
| DF | 1,2 |
| SC | 1,2 |
| CE | 0,9 |
| BA | 0,8 |
| AL | 0,5 |
| MS | 0,3 |
| RN | 0,1 |

A economia étnica uruguaia é a única, dentre os demais estrangeiros estudados, que não apresenta a maior concentração no estado de São Paulo (SP) (mapa 6). A maior incidência encontra-se no Rio Grande do Sul (RS), próximo à fronteira com o Uruguai, onde há destaque para o desenvolvimento de atividades de comércio de varejos (33% dos uruguaioi nesse estado), serviços de alimentação, alojamento e manutenção (15%) e transporte e comunicações (10%), conforme as categorias estabelecidas pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).



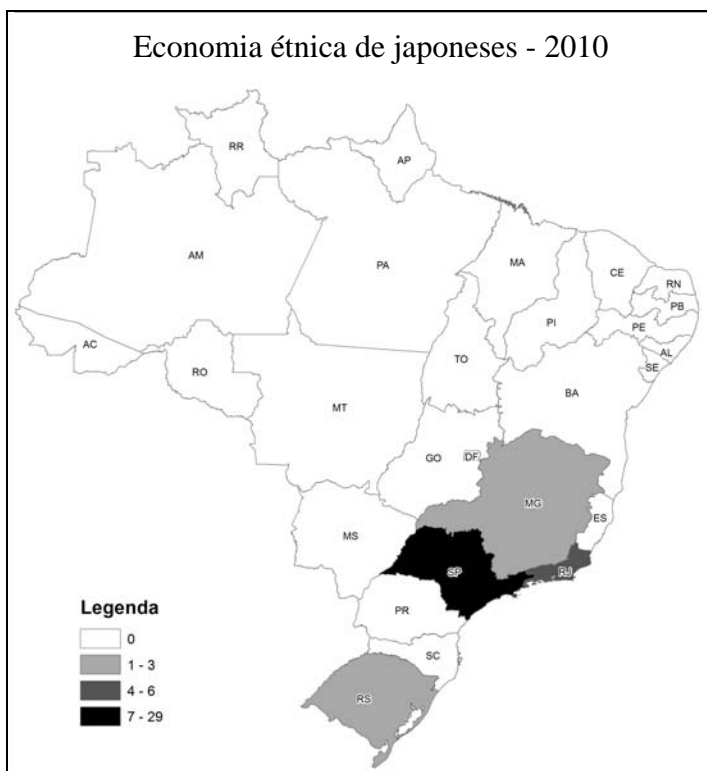
Mapa 6 - Distribuição total de imigrantes uruguaiois

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Sobre os italianos, destaca-se a ocorrência de mercado étnico no Nordeste do país, no estado do Ceará (CE), além de grande concentração no Sudeste, em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Minas Gerais (MG) (mapa 7). No Nordeste, a economia étnica italiana é formada por dois ramos de atividades, quais sejam: 1) indústria de fabricação de couro, peles e camurças; 2) associação não governamental – ONGs de defesa do meio ambiente, direitos humanos e grupos minoritários.

Tabela 4- Distribuição total de imigrantes uruguaiois

| Distribuição total de imigrantes uruguaiois | |
|---|------|
| Estado | % |
| RS | 54,4 |
| SP | 21,6 |
| SC | 9,8 |
| RJ | 6,0 |
| PR | 3,0 |
| DF | 0,9 |
| BA | 0,8 |
| MA | 0,8 |
| MG | 0,8 |
| AM | 0,6 |
| PE | 0,6 |
| GO | 0,4 |
| CE | 0,2 |
| RN | 0,2 |
| RO | 0,2 |



Mapa 8 - Distribuição total de imigrantes japoneses

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Tabela 6- Distribuição total de imigrantes japoneses

| Distribuição total de imigrantes japoneses | |
|--|------|
| Estado | % |
| SP | 70,4 |
| AM | 10,5 |
| MG | 6,2 |
| PR | 4,8 |
| RJ | 3,2 |
| PA | 1,0 |
| RS | 1,0 |
| AP | 0,7 |
| PE | 0,7 |
| DF | 0,5 |
| BA | 0,3 |
| GO | 0,2 |
| MS | 0,2 |
| SC | 0,2 |

Já a economia étnica francesa tem uma distribuição bem dispersa no território brasileiro, com ocorrência tanto nas regiões Sudeste e Sul do país, assim como no Nordeste (mapa 9). Ademais, seguindo a tendência dos demais estados já analisados, nota-se maior concentração no estado de São Paulo (SP).

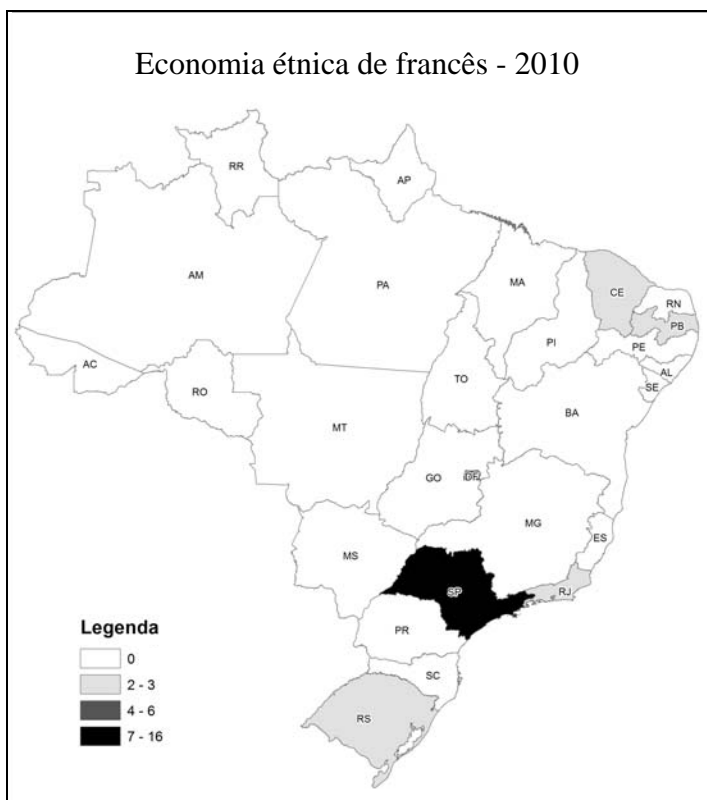


Tabela 7- Distribuição total de imigrantes franceses

| Distribuição total de imigrantes franceses | |
|--|------|
| Estado | % |
| SP | 44,4 |
| RJ | 36,2 |
| MG | 4,5 |
| PR | 4,2 |
| DF | 2,7 |
| BA | 1,6 |
| RS | 1,6 |
| ES | 0,8 |
| SC | 0,8 |
| AM | 0,7 |
| PA | 0,7 |
| PE | 0,5 |
| PB | 0,4 |
| CE | 0,3 |
| RN | 0,3 |
| AL | 0,1 |

Mapa 9 - Distribuição total de imigrantes franceses

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Quanto aos argentinos, a economia étnica predomina em estados do Sul e Sudeste do país (mapa 10), assim como o padrão brasileiro. Para esse grupo, a maior incidência é observada em São Paulo (SP) e Santa Catarina (SC), seguido do Rio de Janeiro (RJ).

Tabela 8- Distribuição total de imigrantes argentinos



Distribuição total de imigrantes argentinos

| Estado | % |
|---------------|----------|
| SP | 49,2 |
| RJ | 19,7 |
| SC | 7,5 |
| RS | 6,8 |
| PR | 5,5 |
| MG | 4,4 |
| BA | 1,8 |
| DF | 1,3 |
| MT | 0,7 |
| ES | 0,6 |
| RN | 0,5 |
| GO | 0,5 |
| PE | 0,5 |
| AM | 0,2 |
| CE | 0,2 |
| MA | 0,2 |
| MS | 0,1 |
| PI | 0,1 |
| AP | 0,1 |
| SE | 0,1 |

Mapa 10 - Distribuição total de imigrantes argentinos

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Já para norte-americanos, observa-se uma dispersão menor da economia étnica pelo Brasil, com ocorrência apenas em São Paulo (SP), Minas Gerais (MG) e Rio de Janeiro (RJ) (mapa 11). Vale destacar o caso específico de Minas Gerais, que é um estado onde existe uma economia étnica significativa, mas não se observa uma grande concentração de estrangeiros norte-americanos da amostra utilizada neste estudo, como evidenciado na tabela 9 de proporção total de imigrantes.



Tabela 9- Distribuição total de imigrantes norte-americanos

| Distribuição total de imigrantes norte-americanos | |
|---|------|
| Estado | % |
| SP | 46,0 |
| RJ | 32,6 |
| DF | 4,6 |
| PR | 4,0 |
| RS | 3,7 |
| BA | 3,0 |
| MG | 3,0 |
| PE | 1,1 |
| PA | 0,6 |
| AM | 0,5 |
| ES | 0,5 |
| PB | 0,3 |
| SC | 0,2 |

Mapa 11 - Distribuição total de imigrantes norte-americanos

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Quanto aos alemães, a economia étnica concentra-se em São Paulo (SP) e Pernambuco (PE) e, com menor incidência, em Santa Catarina (SC) e Rio de Janeiro (RJ) (mapa 12). Essa região coincide parcialmente com os estados de maior incidência total desses estrangeiros, conforme indicado na tabela 10; isto é, em São Paulo e Rio de Janeiro, é notada grande concentração total de imigrantes alemães, mas em Pernambuco e Santa Catarina há menor proporção desses trabalhadores.



Mapa 12 - Distribuição total de imigrantes alemães

Tabela 10- Distribuição total de alemães

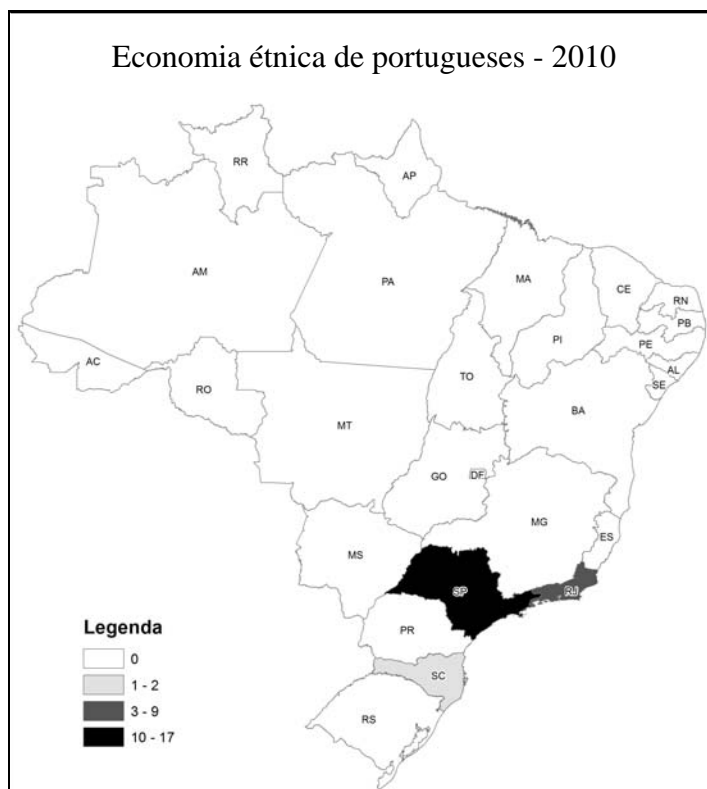
| Distribuição total de imigrantes alemães | |
|--|------|
| Estado | % |
| SP | 69,4 |
| RJ | 11,2 |
| MG | 4,4 |
| PR | 3,8 |
| RS | 3,1 |
| SC | 1,9 |
| BA | 1,5 |
| PE | 1,2 |
| AM | 0,9 |
| DF | 0,9 |
| GO | 0,7 |
| CE | 0,6 |
| RR | 0,6 |

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

No caso dos portugueses, é interessante notar que esse grupo consiste nos estrangeiros que estão presentes na maior parte do Brasil (23 estados no total), porém apresentam um mercado étnico restrito a apenas três estados, quais sejam: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Santa Catarina (SC) (mapa 13).

Tabela 11- Distribuição total de portugueses

| Distribuição total de imigrantes portugueses | |
|--|------|
| Estado | % |
| SP | 51,6 |
| RJ | 31,4 |
| PR | 2,9 |
| BA | 2,6 |
| MG | 2,5 |
| SC | 1,7 |
| DF | 1,1 |
| PE | 1,1 |
| RS | 1,0 |
| ES | 0,5 |
| PA | 0,5 |
| GO | 0,4 |
| MA | 0,4 |
| MS | 0,4 |
| CE | 0,3 |
| RO | 0,3 |
| AM | 0,2 |
| AL | 0,2 |
| MT | 0,2 |
| RN | 0,2 |
| SE | 0,2 |
| PB | 0,1 |
| RR | 0,1 |



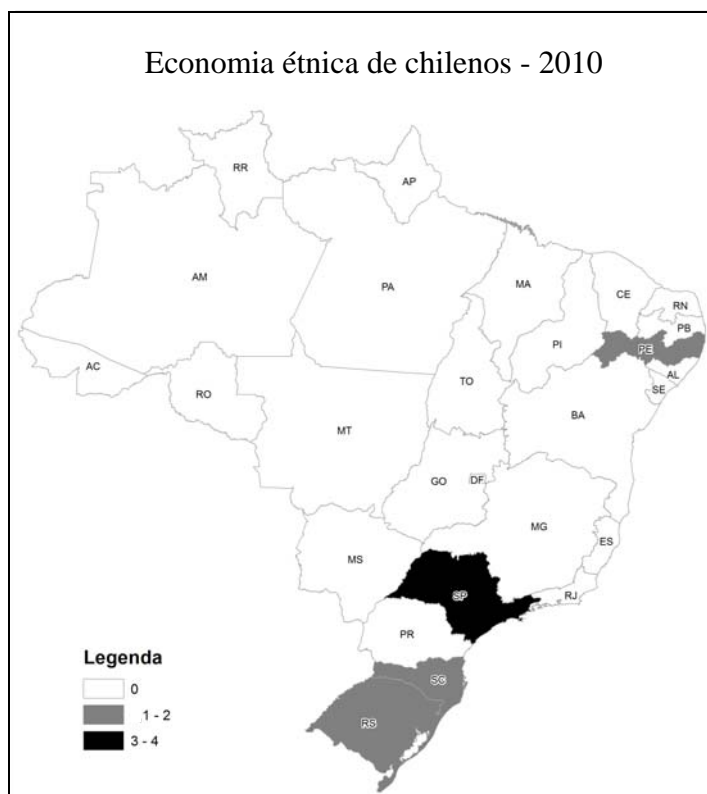
Mapa 13 - Distribuição total de imigrantes portugueses

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Quanto à economia étnica dos chilenos (mapa 14), observa-se um formato parecido com a dos alemães e franceses, apresentando grande dispersão pelo Brasil e presença nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste do país, além de maior concentração em São Paulo (SP).

Tabela 12 - Distribuição total de chilenos

| Distribuição total de imigrantes chilenos | |
|---|------|
| Estado | % |
| SP | 64,8 |
| RJ | 12,4 |
| PR | 5,3 |
| SC | 4,0 |
| RS | 3,4 |
| MG | 3,1 |
| BA | 1,2 |
| ES | 1,0 |
| GO | 0,7 |
| PA | 0,7 |
| CE | 0,6 |
| PE | 0,6 |
| RN | 0,6 |
| DF | 0,4 |
| MS | 0,4 |
| MA | 0,3 |
| AM | 0,1 |
| MT | 0,1 |
| PB | 0,1 |
| SE | 0,1 |



Mapa 14 - Distribuição total de imigrantes chilenos

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

A economia étnica espanhola, por sua vez, apresenta-se como a mais restrita dentre as demais, com abrangência apenas em São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), sem ocorrência em outros estados do país (mapa 15).



Tabela 13 - Distribuição total de espanhóis

| Distribuição total de imigrantes espanhóis | |
|--|------|
| Estado | % |
| SP | 63,6 |
| RJ | 18,4 |
| BA | 5,1 |
| MG | 2,8 |
| PR | 2,0 |
| RS | 1,4 |
| CE | 1,1 |
| PE | 1,1 |
| AL | 0,6 |
| DF | 0,6 |
| GO | 0,6 |
| MT | 0,6 |
| PB | 0,6 |
| PI | 0,6 |
| RN | 0,6 |
| RO | 0,3 |
| SC | 0,3 |

Mapa 15 - Distribuição total de imigrantes espanhóis

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Observa-se, portanto, que as economias étnicas dos grupos estudados variam de tamanho e local de incidência, mas, em geral, nota-se o predomínio nos estados do Sudeste e Sul, com destaque para concentração em São Paulo (SP). Por outro lado, não é observada a formação da economia étnica, de nenhum grupo de imigrantes, nos estados da região Norte do país, apesar de existirem concentração de imigrantes nessa região, como no caso de chineses e japoneses no Amazonas (AM).

Em seguida, a tabela 14 e gráfico 5 apresentam a distribuição de cada grupo nacional por tipo de empresa, classificadas entre *situação 1* (maior intensidade da economia étnica⁴⁵), *situação 2* (menor intensidade de economia étnica), *situação 3* e *situação 4*.

Há tendência na formação de empresas do *tipo 1* entre paraguaios (8,7%), chineses (5,4%) e uruguaios (3,6%). Em contrapartida, no grupo dos chilenos (0,92%) e bolivianos (0,81%), observam-se as menores porcentagens de empresas desse tipo.

⁴⁵ Diretor é estrangeiro e coétnico com os funcionários; 1/3 dos funcionários são coétnicos.

Ainda com relação a empresas étnicas, a *situação 2* tem maiores proporções entre bolivianos (19,8%) e paraguaios (17%), em detrimento de alemães (0% - não há ocorrência). Já no que se referem às empresas classificadas pela *situação 4* e definidas como empresas inscritas na economia aberta, nota-se maior incidência entre os grupos de chilenos (85,5%), bolivianos (77,8%), uruguaios (75,2%). Já as menores frequências são observadas entre os chineses (20%), franceses (21,3%) e japoneses (26,3%).

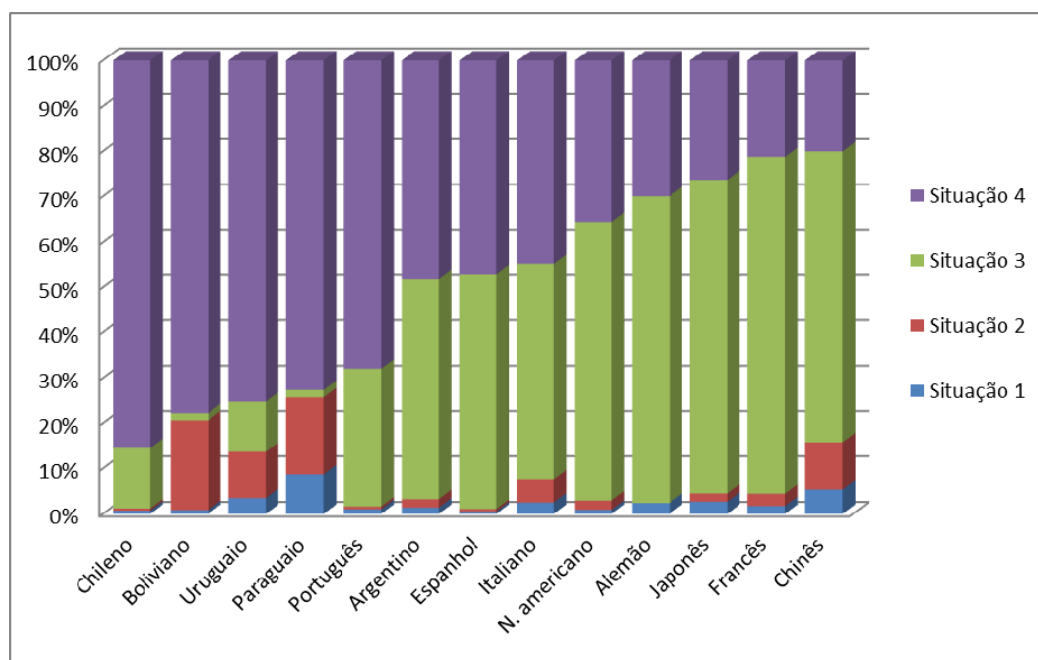


Gráfico 5- Distribuição da origem do imigrante por tipo de empresa (%)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Tabela 14 – Distribuição da origem do imigrante por tipo de empresa (%)

| Origem nacional | Situação 1 | Situação 2 | Situação 3 | Situação 4 |
|-----------------|------------|------------|------------|------------|
| Paraguaio | 8,7 | 17,0 | 1,6 | 72,7 |
| Chinês | 5,4 | 10,4 | 64,2 | 20,0 |
| Uruguaio | 3,6 | 10,1 | 11,1 | 75,2 |
| Japonês | 2,7 | 1,8 | 69,1 | 26,3 |
| Italiano | 2,6 | 5,0 | 47,5 | 44,9 |
| Alemão | 2,5 | 0,0 | 67,5 | 30,0 |
| Francês | 1,8 | 2,7 | 74,3 | 21,3 |
| Argentino | 1,4 | 1,9 | 48,4 | 48,2 |
| Português | 1,1 | 0,6 | 30,4 | 67,9 |
| Norte-americano | 0,9 | 2,1 | 61,4 | 35,6 |
| Boliviano | 0,9 | 19,8 | 1,6 | 77,8 |
| Chileno | 0,7 | 0,5 | 13,3 | 85,5 |
| Espanhol | 0,6 | 0,6 | 51,7 | 47,2 |

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Ainda sobre a classificação das empresas entre *situação 1*, *situação 2*, *situação 3* e *situação 4*, observo que a maioria dos imigrantes, do total analisado, está inserida na última situação, definida pelas empresas em que o diretor não é estrangeiro ou coétnico com os funcionários e menos de 1/3 dos funcionários são coétnicos, como mostrado no gráfico 6; isto é, da amostra total de estrangeiros estudados, a maior parcela encontra-se em um mercado *totalmente* aberto.

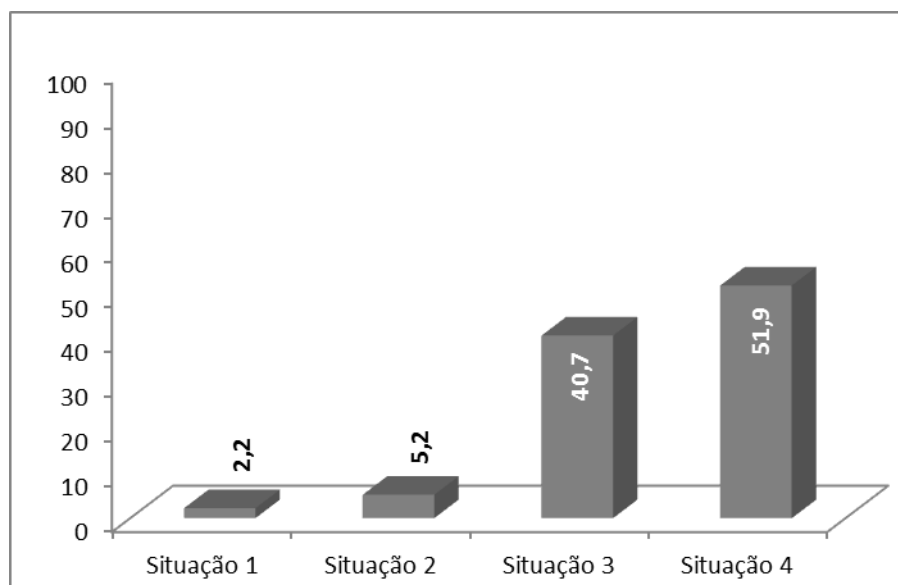


Gráfico 6- Distribuição total dos imigrantes por tipo de empresa (%)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Quanto à distribuição de imigrantes por grupo ocupacional, inicialmente faço uma análise para todos os estrangeiros, sem distinção de mercado (étnico ou aberto) ou origem, como apresentado no gráfico 7. O cenário geral dos imigrantes no mercado brasileiro indica que a maioria desses trabalhadores ocupa posições de direção (grupo 1 – 30,2%) ou são profissionais da ciência e intelectuais, técnicos e profissionais do ensino médio (grupo 2 – 25%). Nesse sentido, os dados evidenciam que os estrangeiros estão bem ocupados no mercado local.

Os argentinos (37%), alemães (54%), espanhóis (46%), franceses (56%), italianos (35%), japoneses (50%), chineses (27%) e portugueses (23%) seguem essa tendência de maior concentração de trabalhadores em cargos de direção. Já entre os chilenos (26%), uruguaios (17%) e norte-americanos (42%), há maior concentração em ocupações pertencentes ao grupo 2. Bolivianos (49%) e paraguaios (54%) têm maior parcela de

imigrantes no grupo 7 referente a trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios.

Sobre a inserção de bolivianos e paraguaios em ocupações do grupo 7, várias pesquisas recentes investigam a concentração desses estrangeiros no setor de confecção em São Paulo, destacando a existência de precária situação de trabalho e discriminação (Silva, 1997, 2006; Baeninger, 2012).

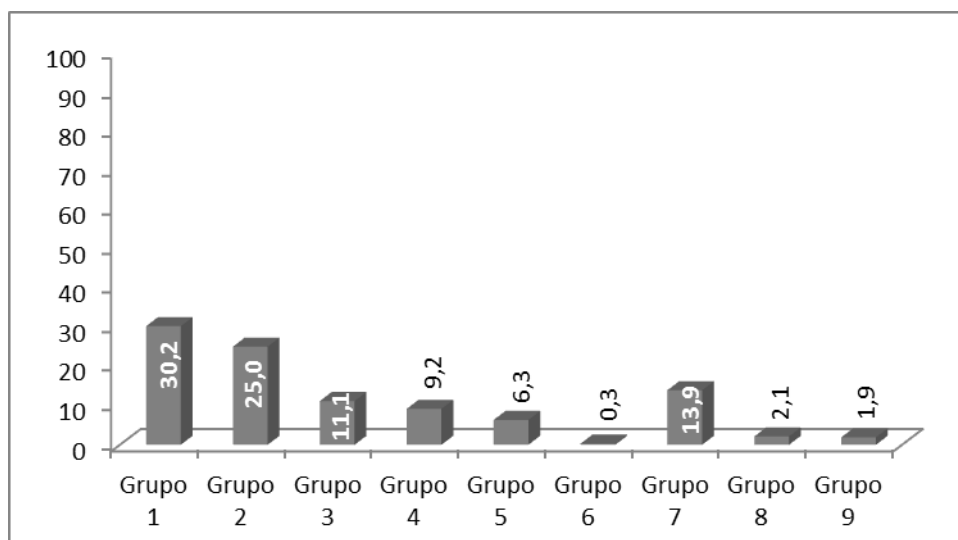


Gráfico 7- Distribuição de imigrantes por grupo de ocupação

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Também realizo a análise das ocupações separadamente por tipo de economia. O gráfico 8, referente aos imigrantes inseridos no mercado étnico, não aponta a existência de um padrão ocupacional. É possível observar tanto a predominância de diretores entre alemães, chilenos e portugueses quanto de ocupações do grupo 7 entre bolivianos e paraguaios. Destaco que não há ocorrência de imigrantes com ocupações do grupo 6 (trabalhadores da agropecuária, florestais, de caça e da pesca) na economia étnica. Esse é um interessante dado que merece ser investigado em estudos posteriores.

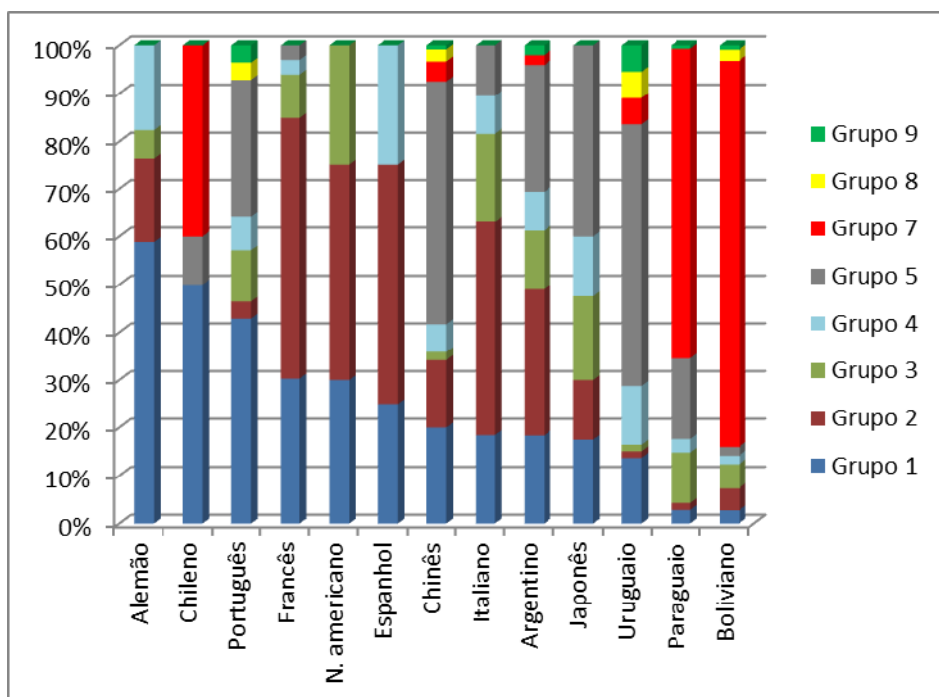


Gráfico 8- Distribuição de imigrantes na economia étnica por grupo de ocupação

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

No que diz respeito à estrutura ocupacional dos trabalhadores do mercado aberto, também há heterogeneidade em relação às posições no mercado de trabalho entre os grupos nacionais (gráfico 9). A maioria dos imigrantes inseridos na economia aberta encontra-se ocupada em empregos pertencentes ao grupo 1, relativo a ocupações de direção, mas essa proporção varia em grande medida entre os diferentes imigrantes.

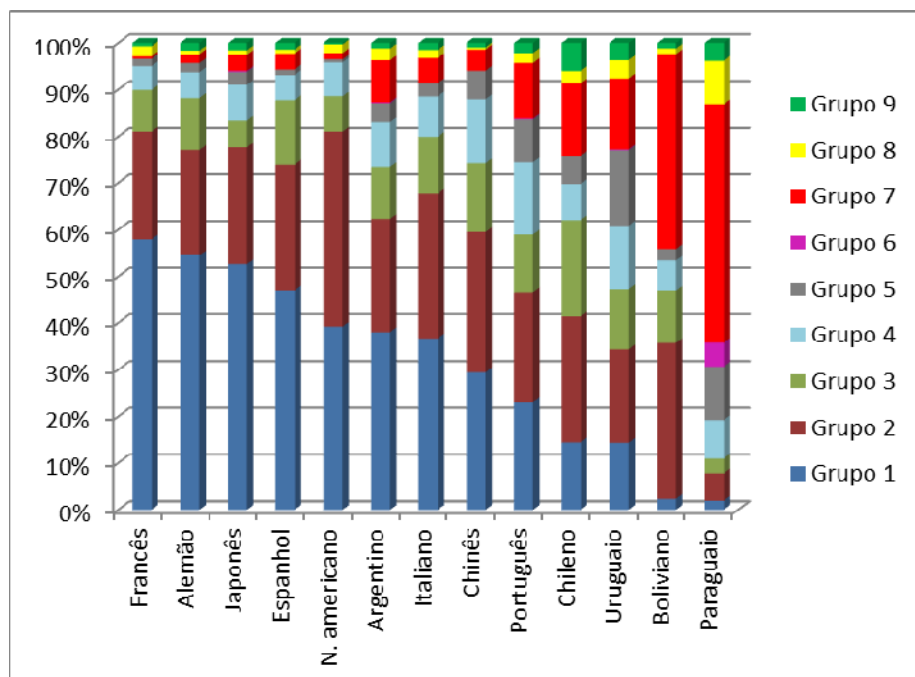


Gráfico 9- Distribuição de imigrantes na economia aberta por grupo de ocupação

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Já no que se refere à média salarial dos imigrantes, o gráfico 10 apresenta a distribuição para os trabalhadores de cada país de origem por tipo de economia. Verifico que, para todos os grupos, as médias salariais dos trabalhadores inseridos na economia étnica são inferiores a dos empregados no mercado aberto.

Verifica-se, também, que os maiores rendimentos médios são de alemães (R\$ 21.456,00), franceses (R\$ 20.202,00) e norte-americanos (R\$ 17.927,00) em empresas do mercado aberto; e os menores são de paraguaios (R\$ 795,00), bolivianos (R\$ 1.207,00) e chineses (R\$ 2.155,00) no mercado étnico.

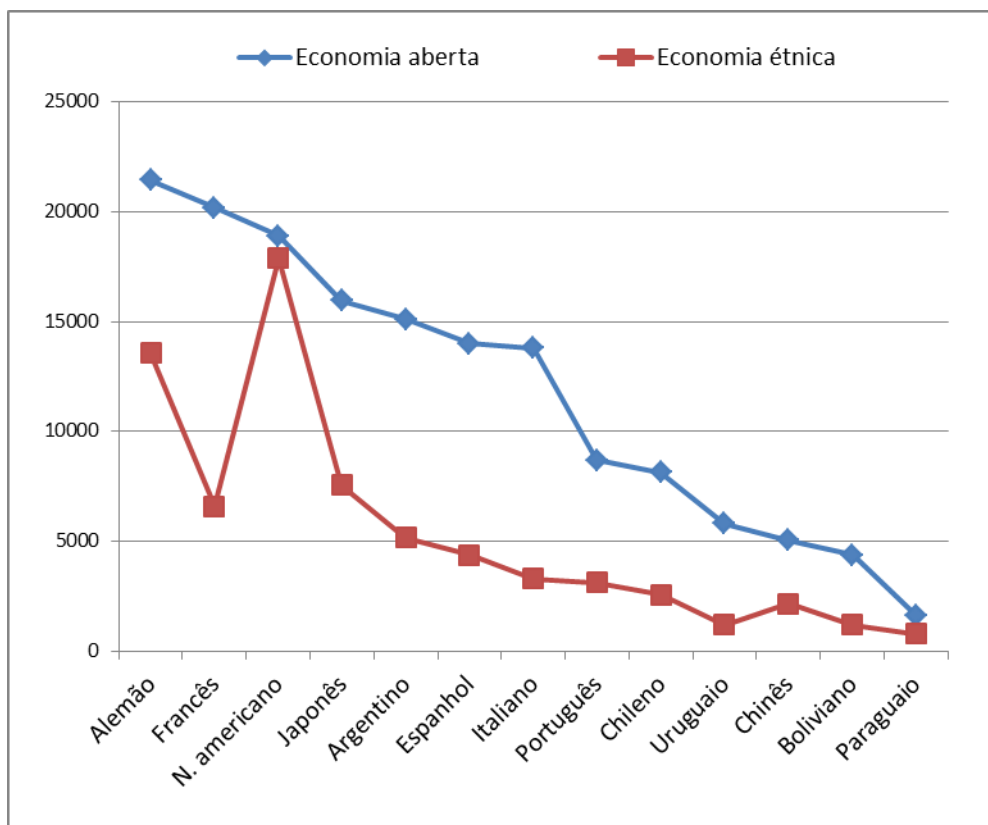


Gráfico 10- Média salarial dos imigrantes por tipo de economia (R\$)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Quanto às proporções de trabalhadores empregados, verifico que o nível de participação no mercado de trabalho varia entre os imigrantes inseridos no mercado étnico e aberto, não apresentando um padrão evidente (gráfico 11). Ressalto que os japoneses e os bolivianos, quando inseridos na economia étnica, são os grupos com menores proporções de trabalhadores empregados, com 62% e 68%, respectivamente.

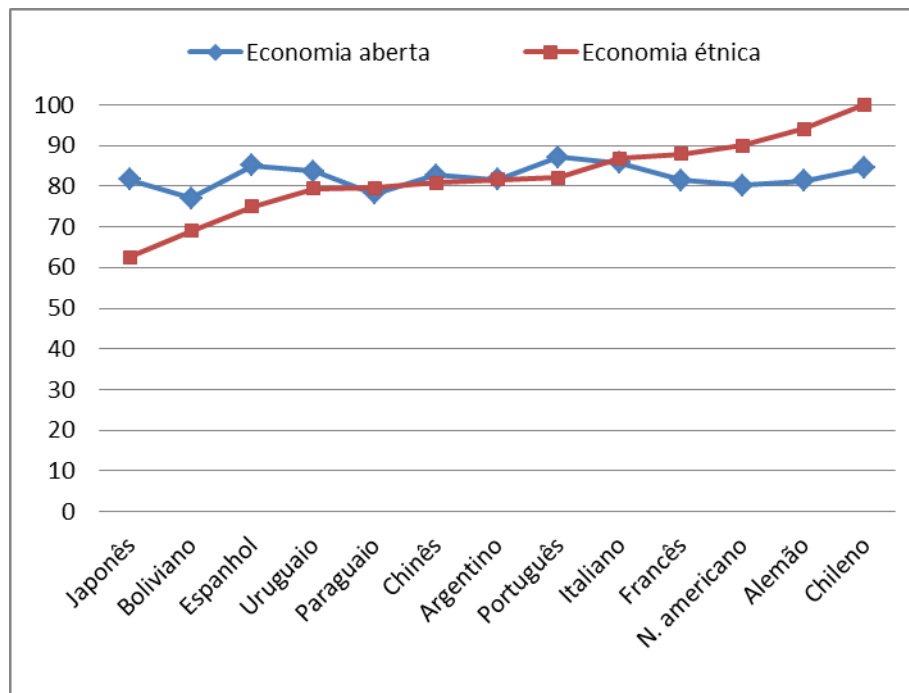


Gráfico 11- Distribuição de trabalhadores ocupados (%)

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Em suma, os resultados discutidos nesta seção evidenciam que:

- a) existe uma economia étnica no mercado de trabalho brasileiro para todos os 13 grupos de imigrantes analisados, uma vez que os trabalhadores estrangeiros, em maior ou menor grau, se inserem em empresas classificadas como étnicas (*situações 1 e 2*), formando um mercado de trabalho paralelo ao mercado aberto;
- b) nota-se maior incidência de trabalhadores inseridos na economia étnica entre paraguaios (25,7%), bolivianos (20,6%), chineses (15,8%) e uruguaios (13,7%), grupos de imigrantes que pesquisas anteriores indicam serem discriminados negativamente no mercado de trabalho brasileiro;
- c) as empresas inscritas no mercado étnico apresentam proporção menor que as do mercado aberto no que se refere ao número de funcionários. No mercado étnico, há tendência de formação de empresas com até dez empregados, enquanto na economia aberta predominam empresas com mais de mil empregados;

d) conforme o grupo de estrangeiros analisado, as economias étnicas variam de tamanho e local de incidência, mas, em geral, nota-se o predomínio nos estados do Sudeste e Sul, com destaque para concentração em São Paulo (SP). Por outro lado, não foi observada a formação da economia étnica de nenhum grupo de imigrantes nos estados da região Norte do país;

e) no que se refere à média salarial dos imigrantes, em geral, trabalhadores inseridos na economia aberta têm rendimentos médios superiores a dos empregados no mercado étnico;

f) quanto às proporções de trabalhadores empregados, verifico que o nível de participação no mercado de trabalho varia entre os imigrantes inseridos no mercado étnico e aberto, não apresentando um padrão evidente.

A partir desses argumentos e de uma análise não controlada dos dados, identifiquei que os imigrantes inseridos na economia étnica estão em pior situação, comparados aos trabalhadores estrangeiros da economia aberta. Esses resultados sugerem, a princípio, que trabalhadores estrangeiros que têm maior dificuldade de entrada no mercado local devido, por exemplo, à discriminação tendem a se inserir em empresas do mercado étnico. Nessa perspectiva, tal mercado pode ser entendido como um caminho alternativo à situação de desemprego ou de discriminação. Na próxima seção, investigo, por meio de modelos estatísticos, essa afirmação.

5. Resultados

As estimações realizadas por meio das regressões logísticas indicam que os imigrantes inseridos no mercado étnico apresentam menores chances de se manterem empregados do que os trabalhadores no mercado aberto (tabela 15). Essa conclusão é confirmada nos três modelos estimados abaixo⁴⁶. Lembro que os resultados se referem às probabilidades de os trabalhadores *manterem-se* empregados, em razão da natureza do banco de dados que é utilizado neste estudo, que se constitui em um censo do mercado de trabalho e, portanto, os indivíduos já se encontram inseridos no mercado local em situação de emprego ou desemprego (ver Guimarães, 2004).

No primeiro modelo, observo que estrangeiros na economia étnica têm redução de 1,7% nas chances de continuar empregados, em comparação a imigrantes no mercado aberto. Nos modelos 2 e 3, encontro resultados muito similares, também evidenciando que o mercado étnico é mais frágil quanto à manutenção do emprego dos estrangeiros; isto é, quando inseridos em tal economia, os imigrantes têm menores chances de manterem-se empregados. Nessa perspectiva, o mercado étnico não pode ser entendido nem mesmo como uma rota de fuga dos imigrantes à situação de desemprego, como afirmado por alguns autores como Sanders e Nee (1987) e Chiswick (1999), visto que em tal economia são menores as chances de eles permanecerem empregados.

A partir desses achados, refuto parte da hipótese 3 construída neste trabalho. Sugiro ainda que a pior situação dos estrangeiros pertencentes ao mercado étnico pode ter como explicação características organizacionais próprias às empresas, já que, como visto anteriormente, elas apresentam traços diferenciadores das inscritas na economia aberta. Por exemplo, sendo o tamanho do estabelecimento uma característica que discrimina claramente esses dois mercados: será que estrangeiros no mercado étnico têm menores chances de manterem-se empregados, pois estão inseridos em empresas menores? Nesse sentido, outras questões podem ser investigadas em estudos futuros que abordam a pior situação do imigrante com o contexto organizacional onde está inserido.

⁴⁶ Os resultados completos encontram-se em apêndice.

Ainda ressalto que, no caso específico da amostra, 10% aproximadamente da variabilidade da variável resposta, situação do emprego (empregado/desempregado), se devem às variações existentes entre as empresas, ou seja, ao nível agregado de análise.

Tabela 15 – Resultados das equações hierárquicas logísticas binomiais para análise da probabilidade dos imigrantes manterem-se empregados

| Modelo | Variável teste | (EXP (b)) | Porcentagem (%) |
|-----------------|--------------------------------|------------------|------------------------|
| Modelo 1 | <i>Economia étnica binária</i> | 0,983 | -1,7% |
| Modelo 2 | <i>Situação 1 X Situação 3</i> | 0,973 | -2,7% |
| Modelo 3 | <i>Situação 2 X Situação 4</i> | 0,985 | -1,5% |

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

No que diz respeito ao efeito da economia étnica para os rendimentos dos imigrantes, os resultados da tabela 16 indicam que a permanência em tal economia reduz as médias salariais dos estrangeiros, se comparadas aos trabalhadores do mercado aberto. Esse resultado é encontrado nos três modelos estimados, quais sejam: a) quando comparados todos os trabalhadores, imigrantes inscritos na economia étnica têm uma diminuição média de seus rendimentos em torno de 47,1% em relação aos do mercado aberto; b) estrangeiros inscritos na *situação 1*, do mercado étnico, apresentam diminuição aproximada de 54,2% no salário se comparados a estrangeiros da *situação 3* da economia aberta; c) empregados da *situação 2*, da economia étnica, recebem em média 42,3% do que estrangeiros no mercado totalmente aberto, conforme a *situação 4*.

Destaco que os efeitos negativos da permanência na economia étnica são maiores para indivíduos em empresas classificadas na *situação 1*, tipo mais intenso de tal economia, assim como verificado nos resultados relativos à empregabilidade discutidos anteriormente. Portanto, tais achados permitem inferir que a participação na economia étnica reduz salários e as chances de os estrangeiros permanecerem empregados; e quanto mais intensa for a participação nessa economia, pior é a situação do estrangeiro no mercado de trabalho brasileiro.

Quanto à variação no logaritmo da renda em razão das diferentes empresas em que os imigrantes estão inscritos (variável agregadora do segundo nível), noto uma

variabilidade de 11% na variável resposta. Esse achado corrobora a incorporação de modelos de multinível às análises em questão.

A partir desses resultados, a hipótese 2 elaborada nesse estudo é completamente refutada, a qual afirma que os trabalhadores imigrantes inseridos na economia étnica têm maior probabilidade de permanecerem empregados e têm retornos superiores do que seus compatriotas inseridos no mercado aberto. Esses achados se aproximam dos argumentos de Nee, Sanders, e Sernau (1994), Nee e Sanders (2001), Sanders e Nee (1987), Chiswick (1999) que afirmam que a permanência na economia étnica acarreta para o imigrante uma situação de desvantagem no mercado de trabalho da sociedade hospedeira.

Tabela 16 – Resultados das equações hierárquicas lineares do logaritmo do salário mensal do trabalho principal no mercado brasileiro

| Modelo | Variável teste | (EXP (b)) | Porcentagem (%) |
|-----------------|--------------------------------|------------------|------------------------|
| Modelo 4 | <i>Economia étnica binária</i> | 0,529 | -47,1% |
| Modelo 5 | <i>Situação 1 X Situação 3</i> | 0,458 | -54,2% |
| Modelo 6 | <i>Situação 2 X Situação 4</i> | 0,577 | -42,3% |

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

Por fim, interessa-me avaliar se os efeitos da economia étnica sobre a situação econômica dos imigrantes estão associados com as origens desses estrangeiros. Na tabela abaixo, apresento o resultado das equações estimadas separadamente para cada uma das origens nacionais, exceto para os espanhóis, em razão do pequeno número da amostra.

Observo que os efeitos da participação em uma economia étnica (tabela 17) são heterogêneos entre as etnias/origens nacionais presentes no Brasil. Italianos (-74%), chilenos (-73,8%) e franceses (-68,8%) são os imigrantes que apresentam os maiores efeitos negativos nos salários quando inseridos no mercado étnico. Por outro lado, os paraguaios (-25,3%) e bolivianos (-26%) são os que têm menor redução, apesar de também apresentarem efeitos negativos nos salários em razão da permanência em mercados étnicos.

Tabela 17 – Resultados das equações hierárquicas lineares do logaritmo do salário mensal do trabalho principal por grupo de origem

| Modelo | Origem | (EXP (b)) | Porcentagem (%) |
|-----------------|------------------------|------------------|------------------------|
| Modelo 7 | <i>Italiana</i> | 0,260 | -74% |
| Modelo 7 | <i>Chilena</i> | 0,262 | -73,8% |
| Modelo 7 | <i>Francesa</i> | 0,312 | -68,8% |
| Modelo 7 | <i>Portuguesa</i> | 0,472 | -52,8% |
| Modelo 7 | <i>Japonesa</i> | 0,487 | -51,3% |
| Modelo 7 | <i>Chinena</i> | 0,509 | -49,1% |
| Modelo 7 | <i>Alemã</i> | 0,517 | -48,3% |
| Modelo 7 | <i>Argentina</i> | 0,543 | -45,7% |
| Modelo 7 | <i>Uruguiaia</i> | 0,604 | -39,6% |
| Modelo 7 | <i>Norte-americana</i> | 0,605 | -39,5% |
| Modelo 7 | <i>Boliviana</i> | 0,740 | -26% |
| Modelo 7 | <i>Paraguaia</i> | 0,747 | -25,3% |

Fonte: RAIS, 2010 (subamostra). Dados trabalhados pela autora.

6. Considerações finais

Neste trabalho, busco examinar a existência de economia étnica no Brasil para diferentes grupos de estrangeiros e avaliar o impacto da inserção em tal economia sobre os rendimentos salariais e as probabilidades de os imigrantes internacionais manterem-se empregados. Para investigar esses pontos, proponho testar as seguintes hipóteses, fundamentadas na literatura:

- 1) existe uma economia étnica no mercado de trabalho brasileiro, uma vez que os imigrantes internacionais se inserem em um mercado de trabalho paralelo ao mercado aberto, constituindo uma economia própria, definida como economia étnica;
- 2) tomando como pressuposto de que a economia étnica é uma rota alternativa para a mobilidade ascendente de imigrantes, e não uma fuga do desemprego ou de ocupações desqualificadas, os trabalhadores imigrantes inseridos na economia étnica têm maior probabilidade de permanecerem empregados e têm retornos superiores do que seus compatriotas inseridos no mercado aberto;
- 3) partindo do princípio de que os efeitos da economia étnica sobre a situação econômica dos imigrantes estão associados com as origens dos imigrantes, os efeitos da participação em uma economia étnica são heterogêneos entre as etnias/origens nacionais presentes no Brasil.

Para tanto, o primeiro desafio encontrado foi o de operacionalizar o termo “economia étnica” para aplicação em estudos empíricos, como é o caso deste trabalho. Não há pesquisas brasileiras, de meu conhecimento, que tenham investigado essa questão por meio de metodologia quantitativa e comparativa (Vilela e Lopes, 2011). Nesse aspecto, ressalto uma contribuição deste trabalho, na medida em que sistematizo critérios para classificação da economia étnica no contexto brasileiro. A partir da definição de economia étnica como o conjunto de empresas que estão na posse de imigrantes ou que empregam membros da comunidade étnica, em números significativos, independentemente do tipo de negócio, dimensão e concentração espacial da empresa (Zhou, 2004:1043), construo quatro situações, que variam de uma inserção do imigrante

em empresa completamente dentro da economia étnica (*situação 1*) até aquela em uma economia totalmente aberta (*situação 4*), quais sejam:

- **Economia étnica**

Situação 1 - Diretor é estrangeiro e coétnico com os funcionários, e 1/3 dos funcionários é coétnico.

Situação 2 – Diretor não é estrangeiro ou não é coétnico com os funcionários, e um 1/3 dos funcionários é coétnico.

- **Economia aberta**

Situação 3 - Diretor é estrangeiro e coétnico com os funcionários, e menos de 1/3 dos funcionários é coétnico.

Situação 4 – Diretor não é estrangeiro ou não é coétnico com os funcionários, e menos de 1/3 dos funcionários é coétnico.

Para testar as hipóteses colocadas, utilizo uma abordagem quantitativa, a partir de uma amostra dos microdados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do ano de 2010, por meio da aplicação de duas técnicas, quais sejam: Modelo Hierárquico de Regressão Logística Binominal e Modelo Hierárquico de Regressão Linear.

A utilização da RAIS como banco de dados para o desenvolvimento desta análise, também, aponto como uma contribuição metodológica dessa pesquisa. Normalmente, estudos sobre a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro são realizados por meio do Censo Demográfico (Sala, 2005, Vilela, 2011), porém a RAIS, que também é concebida como um censo dos trabalhadores do mercado formal, mostrou-se uma excelente ferramenta e ainda tem como avanço a identificação das empresas que cada imigrante encontra-se empregado, variável que defini como o segundo nível dos modelos hierárquicos dessa pesquisa.

Quanto às técnicas estatísticas para escolha dos modelos hierárquicos de regressão (logístico e linear), baseio-me na ideia de que os trabalhadores estrangeiros ocupados

em uma mesma empresa compartilham de características comuns, uma vez que estão sob as regras de um mesmo ambiente normativo e desigualdades contextuais que afetam suas oportunidades no mercado de trabalho. Defino, então, dois níveis de análises, sendo o primeiro correspondente às características individuais e o segundo nível relativo às empresas.

Sob essa perspectiva, verifico a existência de economia étnica no mercado de trabalho brasileiro para todos os grupos de estrangeiros analisados neste estudo, uma vez que, em maior ou menor grau, os imigrantes internacionais se inserem em empresas classificadas como étnicas (*situações 1 ou 2*), formando um mercado de trabalho paralelo ao mercado aberto. Portanto, confirmo a hipótese 1 levantada neste estudo para todos os 13 grupos de imigrantes pesquisados.

Dentre os grupos analisados, noto maior incidência de trabalhadores inseridos na economia étnica entre paraguaios (25,7%), bolivianos (20,6%), chineses (15,8%) e uruguaios (13,7%), grupos de imigrantes que pesquisas anteriores indicam serem discriminados negativamente no mercado de trabalho brasileiro (Vilela, 2011). Esses resultados sugerem que trabalhadores estrangeiros que têm maior dificuldade de entrada no mercado local devido, por exemplo, à discriminação tendem a se inserir em empresas do mercado étnico. Por outro lado, os imigrantes com menor proporção de trabalhadores no mercado étnico são os espanhóis (1,1%), chilenos (1,2%), portugueses (1,7%), alemães (2,5%) e norte-americanos (3%).

Os mercados étnicos são predominantemente observados nos estados do Sudeste e Sul do Brasil, com destaque para concentração em São Paulo (SP). Já na região Norte, não é observada a formação da economia étnica de nenhum grupo de imigrantes estudados, apesar de existir concentração de imigrantes nessa região, como no caso de chineses e japoneses no Amazonas (AM).

Quanto às características das empresas inscritas no mercado étnico, o tamanho do estabelecimento é um aspecto discriminante em relação às organizações do mercado aberto. Empresas étnicas tendem a um número menor de empregados (78% têm até 19 funcionários), enquanto as organizações do mercado aberto apresentam maiores proporções (29% têm mais de mil empregados). Já no que tange ao setor de atuação

dessas empresas, não observo grande divergência entre os ramos de atividades desenvolvidos. Ainda no que se referem às características descritivas desses mercados, trabalhadores inseridos na economia aberta têm rendimentos médios superiores a dos empregados no mercado étnico.

Os resultados dos modelos estatísticos confirmam uma pior inserção dos imigrantes do mercado étnico em comparação ao mercado aberto. As estimações realizadas por meio das regressões logísticas indicam que os imigrantes inseridos no mercado étnico apresentam menores chances de se manterem empregados do que os trabalhadores no mercado aberto. Nessa perspectiva, o mercado étnico não pode ser entendido nem mesmo como uma rota de fuga dos imigrantes à situação de desemprego (Sanders e Nee, 1987; Chiswick 1999), visto que em tal economia são menores as chances de eles permanecerem empregados. No que diz respeito ao efeito da economia étnica para os rendimentos dos imigrantes, os resultados indicam que a permanência em tal economia reduz as médias salariais dos estrangeiros, se comparadas aos trabalhadores do mercado aberto.

A partir desses resultados, a hipótese 2 é completamente refutada, aproximando os resultados desse estudos aos argumentos de Nee, Sanders, e Sernau (1994), Nee e Sanders (2001), Sanders e Nee (1987), Chiswick (1999) que afirmam que a permanência na economia étnica acarreta para o imigrante uma situação de desvantagem no mercado de trabalho da sociedade hospedeira. De acordo com essa perspectiva, os autores indicam que permanência em tal economia dificulta a assimilação de imigrantes, diminuindo a taxa de aquisição de capital humano (por exemplo, a linguagem) acarretando em perdas salariais.

Também observo que os efeitos da participação em uma economia étnica são heterogêneos entre as etnias/origens nacionais presentes no Brasil. Italianos (-74%), chilenos (-73,8%) e franceses (-68,8%) são os imigrantes que apresentam os maiores efeitos negativos nos salários quando inseridos no mercado étnico. Por outro lado, os paraguaios (-25,3%) e bolivianos (-26%) são os que têm menor redução, apesar de também apresentarem efeitos negativos nos salários em razão da permanência em mercados étnicos.

Ressalto, portanto, que o local de origem do trabalhador deve ser incorporado aos estudos relativos à economia étnica, visto que o efeito de tal economia varia conforme o país do estrangeiro, e confirmo a hipótese 3 construída para esta pesquisa.

Sugiro ainda que a pior situação dos estrangeiros pertencentes ao mercado étnico pode ter como explicação características organizacionais próprias às empresas, já que, como visto anteriormente, essas apresentam traços diferenciadores das inscritas na economia aberta. Nesse sentido, outras questões podem ser investigadas em estudos futuros com detalhamento das variáveis relativas ao segundo nível de análise nos modelos hierárquicos, que passam a ser foco de pesquisa.

No desenvolvimento dessa dissertação, também ficaram apontadas outras questões a serem pesquisadas futuramente. Uma iniciativa diz respeito à investigação da economia étnica para o contexto das mulheres imigrantes. Será que para as mulheres estrangeiras a economia étnica apresenta-se da mesma forma do que para os homens, acarretando em perdas salariais e de emprego? Esse exercício torna-se importante devido às evidências de aumento na participação das mulheres nos movimentos migratórios e do crescimento da inserção das imigrantes no mercado de trabalho (Sassen, 2011; Zavala e Morales, 2011; Vilela e Noronha, 2013).

Outra proposta de estudos futuros é o desenvolvimento de uma análise longitudinal de painel com esses 13 grupos de imigrantes internacionais, nos quais identifique a existência de economia étnica. Dessa forma, será possível acompanhar a trajetória de um mesmo indivíduo e uma mesma empresa no mercado de trabalho e investigar a constituição da economia étnica e seus efeitos, ao longo do tempo, para a mobilidade social de tais grupos, em comparação aos trabalhadores estrangeiros inscritos na economia aberta.

7. Referências bibliográficas

- Accioly, T. D. A. Mobilidade da mão de obra qualificada no mundo atual: discutindo os conceitos de brain drain, brain gain, brain waste e skill exchange. *VI Encontro Nacional de Migrações*. Belo Horizonte: ABEP, 2009.
- Arbache, J. S., & Carneiro, F. G. Unions and interindustry wage differentials. *World Development*, 27(10), 1999, pp. 1875-1883.
- Aguiar, N.; Fernandes, D. C.; Neves, J. A. B. Mobilidade social feminina. In: AGUIAR, N. O. (Ed.). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p.165-181.
- Aydemir, Abdurrahman B. "Are Immigrants Positively or Negatively Selected? The Role of Immigrant Selection Criteria and Self-Selection." *Family and Labour Studies Division Statistics Canada*. 2003. Cod. J61, J68.
- Bailey, T.; Waldinger. Primary, secondary and enclave labor markets: a training systems approach. *American Sociological Review* 56, 1991 -432-45
- Bates, Timothy. "The Changing Nature of Minority Business: A Comparative Analysis of Asian, Non-Minority, and Black-Owned Business." *The Review of Black Political Economy* vol: 18, 1989.25-42.
- Bates, Timothy and Constance Dunham."The Changing Nature of Business Ownership at a Route to Upward Mobility of Minorities." *Presented at the Conference on Urban Labor Markets and Labor Mobility*, Sponsored by the Urban Institute, 1991 March 7-8, Arlie House, VA.
- Batista, N., Cacciamali, C. Diferencial de salários entre homens e mulheres segundo a condição de migração. *Rev. bras. estud. popul. [online]*. 1991, vol.26, n.1, pp. 97-115.
- Barros, R. P. de; Mendonça. R. S. P. de. Os determinantes da desigualdade no Brasil. Rio de Janeiro: Ipea, 1995. 58 p. (Texto para discussão, n. 377).
- Baeninger, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 16., 2008, Caxambu. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2008. 21p. (Sessão Temática: Migração).
- Baeninger, R. O. Imigração boliviana no Brasil. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa 2012.
- Baeninger, R. Região Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil, 1980- 1996. Tese de Doutorado. IFCH – UNICAMP, 1999.

- Biagioni, D. Migração e mobilidade social no estado de São Paulo em 1996: inserção dos migrantes na estrutura de classes sociais. VI Encontro Nacional sobre Migrações – ABEP. Agosto de 2009, Belo Horizonte. CEDEPLAR/UFMG.
- Becker, Howard. *Man in Reciprocity*. New York: Praeger, 1956.
- Becker, G. "Investment in human capital: a theoretical analysis". *Journal of Political Economy*, Chicago: University of Chicago Press, 1962, v.70, n.5, p.9-49.
- Bonacich, Ivan and Light. *Immigrant Entrepreneurs: Koreans in Los Angeles, 1965–1982. Berkeley, Los Angeles, and London: University of California Press, 1988.*
- Bonacich Edna, and John Modell. *The Economic Basis of Ethnic Solidarity. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1980.*
- Bonacich, Edna. "A Theory of Middleman Minorities". *American Sociological Review*. Vol. 38 (5), 1973, pp. 583-594.
- Borjas, G. *Heaven's door: immigration policy and the American economy*. Princeton, NJ.: Princeton University, 1999.
- Borjas, G. *Labor economics*. New York: McGraw-Hill, 1986.
- Borjas, George J. *Friends or Strangers, the Impact of Immigrants on the U. S. Economy*. New York: Basic Books, 1990.
- Brito, F. As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Texto para discussão n. 366. CEDEPLAR, 2009.
- Brasil. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 1988.
- Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*.
- Chiswick, Barry R. "Are immigrants favorably self-selected?". *The American Economic Review*, 1999 Vol. 89 (2) 181-185.
- Chiswick, Barry R. & Miller, Paul W. "Do Enclaves Matter in Immigrant Adjustment?," IZA Discussion Papers 449, Institute for the Study of Labor (IZA), 2002.
- Coelho, A. M.; Corseuil, C. H., *Diferenciais salariais no Brasil: um breve panorama*. Rio de Janeiro: *Ipea*, 2002, Texto para discussão, n. 898.
- Coleman, James S. "Social Capital in the creation of human capital". *The American Journal of Sociology*, Vol. 94, Supplements: Organizations and institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of social structure, 1988.
- Damm, A. P. "Ethnic Enclaves and Immigrant Labor Market Outcomes: Quasi-Experimental Evidence," *Journal of Labor Economics*, University of Chicago Press, 2009, vol. 27(2), pages 281-314

- Dickens, W. T. and K. Lang. "A test of dual labor market theory." *American Economic Review*, 1985, September, p. 792-805.
- Docquier, F.; Markfouk, A. "*International migration by education attainment, 1990-2000*" In: Schiff, M. and Özden, Ç. *International migration, remittances, and the brain drain*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.
- Faustino, Horácio Crespo (org.). "As características da imigração em Portugal e os seus efeitos no comércio bilateral". 1ª ed. - Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2009.
- Fernandes, F. Resenha de A aculturação dos alemães no Brasil de Emilio Willems". *Revista do Arquivo Municipal*, ano XV, vol. CXXII, 1949.
- Fernandes, F. A aculturação dos sírio-libaneses em São Paulo. *Etapas*, Ano I, nº 11, 1965.
- Fernandes, F. A integração do negro na sociedade de classes. 5. São Paulo: Globo, 2008.
- Ferreira, Afonso. "Os movimentos migratórios e as diferenças de renda per capita entre os estados no Brasil (1970–1980)" [Migration and per capita income differences between states in Brazil, 1970-980]. *Revista Brasileira De Estudos Populacionais* 13, no. 1: 67–78, 1996.
- Friedberg, R. M. "You can't take it with you? *Immigrant Assimilation and the portability of human capital.*" *Journal of Labor Economics*, v.18, 2000, p. 221-251.
- Guanais, Juliana. *No eito de cana, a quadra é fechada: estratégias de dominação e resistência entre patrões e cortador de cana em Cosmópolis*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas, 2010.
- Golgher, A. B. Diagnóstico do processo migratório no Brasil 1: comparação entre não-migrantes e migrantes: *Belo Horizonte*, Cedeplar, 2006, 45p.
- Golgher, André B.; Rosa, Carlos Henrique; Araújo Júnior, Ari F. de Determinantes de La migración em Brasil: polarización regional y trampas de pobreza. *Papeles de Población*, 2008, p. 135-172, Nueva Época, ano 14, n.56, abril-junho.
- Golgher, Andre B; Rosa, Carlos Henrique e Ari Francisco de Araujo Junior. The determinants of migration in Brazil. Belo Horizonte: UFMG – Cedeplar, 2005.
- Golgher, A. B. ; Figueiredo, L. ; Santolin, R. Migration and Economic Growth in Brazil: Empirical Applications Based on the Solow-Swan Model. *Developing Economies*, 2011, v. 49, p. 148-170.
- Granovetter, Mark. "The Strength of Weak Ties. *The American Journal of Sociology*, 1973, vol. 78- May: pp. 1360-1380.

- Granovetter, Mark “Economic Action and Social Structure: The problem of embeddedness”. *American Journal of Sociology*, 1985, vol. 91(November): 481-510.
- Grun, Roberto. *Negócios e famílias: Armênios em São Paulo*. SP: Sumaré, 1992.
- Hasenbalg, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, 2ed. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: UFMG e IUPERJ, 2005.
- Hasenbalg e N. do V. Silva (eds.). *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003.
- Illes, P., Timóteo, G. L. S., & Pereira, E. Tráfico de pessoas para fins de exploração do trabalho na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, 2008, vol. 31, pp. 219-251.
- Jacinto, Paulo de Andrade. “Diferenciais de salários por gênero na indústria avícola da região Sul do Brasil: uma análise com micro dados”. *Rev. Econ. Sociol. Rural* [online], 2005, vol.43, n.3, pp. 529-555.
- Jong, Gordon F. D.; Madamba, Anna B. “A double disadvantage? Minority group, immigrant status, and underemployment in the United States”. *Social Science Quarterly* [S.I.], 2001, v. 82, n. 1, pp. 117-129.
- Kechichian, Hagop. *Os Sobreviventes do Genocídio: Imigração e Integração Armênia no Brasil – Um Estudo Introdutório – (Das Origens à 1950)*. Tese de doutorado. São Paulo, dez, 2000.
- Kloosterman, Robert and Rath, Jan. Immigrant entrepreneurs in advanced economies: mixed embeddedness further explored. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2001, Vol. 27, No. 2: 189-201 .
- Light, Ivan. “Beyond the Ethnic Enclave Economy”. *Social Problems*, 1994, vol. 41, n 1, Special Issue on Immigration, Race, and Ethnicity in America.
- Light, Ivan e Edna Bonacich. *Immigrant Entrepreneurs: Koreans in Los Angeles, 1965-1982*. Los Angeles: University of California Press, 1991.
- Light, Ivan e Stavros Karageorgis, “The Ethnic Economy” in N. Smelser & R. Swedberg (ed.), *The Handbook of Economic Sociology*, Princeton, Princeton University Press, 1994, pp. 647-671.
- Lin, Nan. “Social capital: a theory of social structure and action”. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Logan, John R., Richard D. Alba, Thomas L McNulty (1994). “Ethnic Economies in Metropolitan Regions: Miami and Beyond”. *Social Forces*, Vol. 72 (3) p. 691-724.
- Logan, John R., Richard D Alba (1999). “Minority Niches and Immigrant Enclaves in New York and Los Angeles: trends and impacts”. Bean, Frank d. and Stephanie

- Bell-Rose Editors. *Immigration and opportunity: race, ethnicity, and employment in the United States*. New York: Russel Sage Foundation. Pages 172-193.
- Logan, John R., Richard D Alba e Brian J. Stults. "Enclaves and Entrepreneurs: Assessing the payoff for immigrants and minorities". *IMR*, 2003, vol. 37 (2) p. 344-388.
- Massey, Douglas "Economic development and international migration in comparative perspective". *Population and Development Review*, 1988, Vol 14 (3).
- Massey, Douglas "Theories of International Migration: A review and Appraisal". *Population and Development Review*, 1993, vol. 19(3), p. 431-466.
- Melo, H. P. D.; Araújo, J. L. D.; Marques, T. C. D. N. Raça e nacionalidade no mercado de trabalho carioca na Primeira República: o caso da cervejaria Brahma. *Revista Brasileira de Economia*, p. 535-569, 2003.
- Machado, I. R. Consumo, etnicidade e migração: reflexões sobre a economia étnica. 34º encontro da ANPOCS. Caxambu, 2010.
- Min Pyong Gap. *Ethnic Business Enterprise: Korean Small Business in Atlanta*. New York: Center for Migration Studies, 1988.
- Min Pyong Gap. "Some Positive Functions of Ethnic Business for an Immigrant Community: Koreans in Los Angeles." *National Science Foundation, Sociology Division*, 1989.
- Mincer, J. Investment in human capital and personal income distribution. *Journal of Political Economy*, Chicago: University of Chicago Press, 1958, v.66, n.4, p.281-302.
- Nee, Victor e Jimmy Sanders. "Understanding the Diversity of Immigrant Incorporation." *Ethnic and Racial Studies*, 2001, 24:386-411.
- Oliveira, M. Estado, políticas de imigração e ciências sociais. In: *35 Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu. 35 Encontro Anual da ANPOCS. Minas Gerais: ANPOCS, 2011. 35º encontro da ANPOCS. Caxambu.
- Özden, Ç. "Educated migrants: is there brain waste?" In: Schiff, M. and Özden, Ç. *International migration, remittances, and the brain drain*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.
- Passaris, C. "The role of immigration in Canada's demographic outlook." *International Migration*, 1998, 36(1), p. 93-105.
- Patarra, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, 2006, 20(57), 7-24.

- Patarra, Neide e Rosana Baeninger “Movimiento migratório reciente entre países del Mercosur.” *Papeles de Población*, Nueva Época, 2004, Año 10, n. 42, octubre-diciembre.
- Patarra, Neide e Rosana Baeninger. “Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2006, vol.21, n.60, supl.60, São Paulo, Fev. p.83-102.
- Patarra, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectivas*, 2005, vol.19, n.3, pp. 23-33.
- Per-Anders Edin & Peter Fredriksson & Olof slund, "Ethnic Enclaves And The Economic Success Of Immigrants - Evidence From A Natural Experiment," *The Quarterly Journal of Economics*, MIT Press, 2000, vol. 118(1), pages 329-357, February.
- Piore, Michael J. *Birds of passage: migrant labor in industrial societies*. Cambridge: Cambridge University, 1979.
- Piore, Michael J. e Charles Sabel F. *The second industrial divide: possibilities for prosperity*. New York: Basic Books, 1984.
- Portes, A. Determinants of the brain drain. *International Migration Review*, 1976, 10(4), 489-508.
- Portes, Alejandro. “Capital social: origens e aplicações na Sociologia Contemporânea.” *Sociologia, problemas e práticas*, 2000, n. 33, p. 133-158 .
- Portes, Alejandro e Rubén G Rumbaut. *Immigrant America: a portrait*. Berkeley: University of California, 1990.
- Portes, Alejandro e Leif Jensen. “The enclave and the entrants: patterns of ethnic enterprise in Miami before after Mariel”. *American Sociological Review*, 1989, vol. 54 (6), p. 929-949.
- Portes, Alejandro e Robert L Bach. *Latin Journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*. Berkeley: University of California, 1985.
- Portes, Alejandro, e Min Zhou. "Self-Employment and the Earnings of Immigrants." *American Sociological Review* 61:219-30.
- Portes, A., and S. Shafer (2006), “Revisiting the enclave hypothesis: Miami twenty-five years later”, *The Sociology of Entrepreneurship*, 25, pp. 177-190
- Ravenstein, E. G. (1889) “The laws of Migration”. *Journal of the Royal Statistical Society*. Vol 52 (2), p. 241-305.
- Raijman, R. and M. Tienda. (1999). “Immigrants’ Socioeconomic Progress Post-1965: Forging Mobility or Survival?” Pp. 239–56 in *The Handbook of International*

- Migration: The American Experience*, edited by C. Hirschman, P.Kuznitz, and J.DeWind. NewYork: Russell Sage.
- Rios-Neto, Eduardo L.G. *Managing migration: the Brazilian case*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005, (Texto para discussão, n.249).
- Ribeiro, C. A. C. *Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil*. Bauru: Edusc, 2007.
- Rocha, Marcos Aurélio A. e Campos, Maria de Fátima Sales de Souza. “A inserção dos indivíduos de cor amarela no Paraná: uma investigação econométrica a partir do censo de 2000.” *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)*. Caxambu – MG, 2006.
- Ripoll, E. M. “O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 2008, 25(1), 151-65.
- Sala, Gabriela A. “Características sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil”. Tese de doutorado defendida no Cedeplar – no departamento de demografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.
- Sales, T. Eles vestem o avental da América. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 20 mar Caderno Aliás, 2005, p. J4-5.
- Sales, T. Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Revista Brasileira de estudos de população*, 1991, 8(1/2), jan./dez. p. 21-32
- Sales, T. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. *Revista Brasileira de estudos de população*. 9(1), jan./dez. 1992, p. 50-64.
- Sales, T. Brasil migrante, Brasil clandestino. *São Paulo em Perspectiva*, 1994, 8(1), 107-115.
- Sanders, Jimy e Victor Nee. "Limits of Eth-nic Solidarity in the Enclave Economy." *Ameri-can Sociological Review*, 1987, 52:745-73.
- Sanders, J. M., Nee, V. e Sernau, S. Asian Immigrants' Reliance on Social Ties in a Multiethnic Labor Market, *Social Forces*, 2002, 81, 281-314.
- Santos Junior, Enertor da R. dos;Menezes-Filho, Nércio; Ferreira, Pedro C. “Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil”. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 2005, v. 35, n. 3, pp. 299-332.
- Sasaki, Elisa. A imigração para o Japão. *Estudos Avançados*, São Paulo, 2006, v. 20, n. 57.

- Sassen, S. *The mobility of labor and capital*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- Sayad, Abdelmalek. *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- Santos, C. ; Ferreira, P. C. “Migração e distribuição regional de renda no Brasil”. Rio de Janeiro: FGV, 2007. (Texto para discussão).
- Santos Junior, E. D. R. D.; Menezes-Filho, N.; Ferreira, P. C. Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 35, n. 3, p. 299-332, 2005.
- Santos, J. A. F. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. *RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2009, v. 24, n. 70, p. 37-60.
- Santos, J. A. F. *Estruturas e posição de classe no Brasil*. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2002, v. 1. 362p .
- Schwartzman, S. Brain drain: pesquisa multinacional? in Edson de Oliveira Nunes, organizador, *A Aventura Sociológica - Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, Biblioteca de Ciências Sociais, pp. 67-85.
- Schrover, Marlou, van der Leun, Joanne e Quispel, Chris. Niches, Labour Market Segregation, Ethnicity and Gender. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Vol. 33, No. 4, May 2007, pp. 529-540
- Schermerhorn, R. A. *Comparative Ethnic Relations*. New York: Random House, 1970.
- Silva, N. D. V. “Cor e o processo de realização sócio-econômica”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 1981, v. 24, n. 3, p. 391-409.
- Silva, S. Costureiros hoje e amanhã? indagações sobre a questão da mobilidade econômica e social entre os imigrantes bolivianos em São Paulo. Encontro Nacional sobre Migração , 1. Curitiba, novembro 1997. Anais... Curitiba, p. 383-394, 1998.
- Silva, S. A. D. *Costurando sonhos: etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. 290p (Mestrado). Departamento de Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- Silva, Uvander Vitor (2008). *Velhos caminhos, novos destinos: migrantes nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentada no departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Silva, S. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, São Paulo, 2006, v. 20, n. 57.

- Singer, Paul “Migrações internas no Brasil: considerações teóricas sobre o seu estudo”. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1973.
- Stryker, Sheldon. "Social structure and prejudice." *Social Problems*, 1959, vol. 6 pp. 340-54.
- Soares, S. O perfil da discriminação no mercado de trabalho – homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Brasília: *Ipea*, 2000, 25 p. Texto para discussão, n. 769.
- Soares, W. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. *Anais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, 2002.
- Solé, C. “Discriminación racial en el mercado de trabajo”. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas – CIS, 1995.
- Thuno, Mette. “Chinese in Denmark.” In: Gregor Benton and Frank N. Pieke, cdi, 1998, *The Chinese in Europe*. Basingstoke: Macmillan.
- Truzzi, Oswaldo and Sacomano Neto, Mário. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *Rev. adm. empres.* [online]. 2007, vol.47, n.2 [cited 2012-11-19], pp. 1-12
- Truzzi, O. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1991.
- Van Tubergen, Maas, Ineke e Flap, Henk, “The economic incorporation of immigrants in 18 western societies: origin, destination, and community effects”. *American Sociological Review* [S.I.], 2004, v. 69, n. 5, pp. 704-727.
- Vilela, E. M. Imigração internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro. (Doutorado). Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- Vilela, E. M. Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 2011, v. 54, n. 1, p. 89-129.
- Vilela, E. M, Lopes, L.B.F, Balanço da produção acadêmica sobre Migração Internacional no Brasil. *BIB*, São Paulo, 2011, nº72, 2º semestre, p. 55-88.
- Vilela, E. M.; Collares, A. C. ; Noronha, C. L. A. A situação socioeconômica de minorias étnico/raciais no mercado de trabalho brasileiro. In: *36 Encontro Anual da ANPOCS*, Águas de Lindóia. 36 Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2012.
- Vilela, E. M e Xavier, F. *Imigrantes internacionais e as localizações intermediárias de classe*. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, no prelo.

- Vilela, E. M.; Noronha, C. L. A. Trabalhadoras argentinas, bolivianas, paraguaias, peruanas e uruguaias: minorias étnicas/nacionais discriminadas no Brasil?. In: XXIX Congresso ALAS, 2013, Santiago.
- Villen, Patricia. Polarização do mercado de trabalho e a nova imigração internacional no Brasil. *Revista Estudos do Trabalho*, São Paulo, 2011.
- Xie, Yu, e Margaret Gough. Ethnic Enclaves and the Earnings of Immigrants. *PSC Research Report* No. 09-685, 2009.
- Waldinger, Roger. “The ethnic enclave debate revisited.” *International Journal of Urban and Regional Research*., 1993, vol. 3 pp. 444–452.
- Wilson, Franklin. “Ethnic Concentrations and Labor-market Opportunities”. Bean, Frank d. e Stephanie Bell-Rose Editors. *Immigration and opportunity: race, ethnicity, and employment in the United States*. New York: Russel Sage Foundation, 1999, p. 106-140.
- Wilson, Kenneth and Alejandro Portes. “Immigrant Enclaves: An Analysis of the Labor Market Experiences of Cubans in Miami.” *American Journal of Sociology* 86(September), 1980, pp. 295-319
- Zavala, E. M.; Morales, O. W. Participación laboral y autoempleo de las mujeres mexicanas en Phoenix, Arizona. El caso de las estilistas. In: Aragonés A. M. O. (Ed.). *Mercado de trajo y migración internacional*. México, 2011. p.195-232.
- Zavodny, Madeline “Determinants of immigrant selectivity and skills.” *Research Department Federal Reserve Bank of Atlanta*. 2001, Cod. J61.
- Zeng, Zhen and Yu Xie “ Asian Americans’s Earnings Disadvantage Reexamined: The Role of Place of Education”. *AJS*, 2004, vol. 109 (5). Pages 1075-1108.
- Zhou, Yu “How do places matter? A comparative study of Chinese ethnic economies in Los Angeles and New York City”. *Urban Geography*, 1998, vol. 19(6). Pages 531-553.
- Zhou, Min. “Revisiting Ethnic Entrepreneurship: Convergencies, Controversies, and Conceptual Advancements”, *International Migration Review*, 2004, 38 (3), pp. 1040-1074.
- Zhou, Min.. *New York's Chinatown: The Socioeconomic Potential of an Urban Enclave*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

APÊNDICES – Tabelas referêntes aos resultados dos modelos de regressões rodados.

Apêndice 1 – Resultado da regressão hierárquica logística binomial do modelo 1

```

Mixed-effects ML regression          Number of obs    =    10681
Group variable: radiccnp            Number of groups =     2353

                                     Obs per group: min =         1
                                     avg =             4.5
                                     max =             139

                                     Wald chi2(39)     =     318.34
Log likelihood = -4623.9772         Prob > chi2      =     0.0000
    
```

| empem311 | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] | |
|----------------|-----------|-----------|-------|-------|----------------------|-----------|
| econet_dummy | -.0170602 | .0169419 | -1.01 | 0.314 | -.0502658 | .0161454 |
| idadecen | -.0002781 | .0003618 | -0.77 | 0.442 | -.0009871 | .000431 |
| fund_incomp | -.0718775 | .021196 | -3.39 | 0.001 | -.1134209 | -.0303342 |
| EFcomp_EMincom | -.0587769 | .017427 | -3.37 | 0.001 | -.0929331 | -.0246207 |
| EMcomp | -.0379633 | .0119372 | -3.18 | 0.001 | -.0613598 | -.0145667 |
| ESincomp | .0230656 | .0200667 | 1.15 | 0.250 | -.0162645 | .0623957 |
| lnhrtrab | .0140411 | .0331759 | 0.42 | 0.672 | -.0509825 | .0790647 |
| portdefc | .0547058 | .0382585 | 1.43 | 0.153 | -.0202794 | .129691 |
| branco | .0214088 | .013121 | 1.63 | 0.103 | -.0043078 | .0471254 |
| horascon | -.0011828 | .0017406 | -0.68 | 0.497 | -.0045943 | .0022287 |
| indhoraes | .0614412 | .0105302 | 5.83 | 0.000 | .0408024 | .0820801 |
| priemp | .1239974 | .0124528 | 9.96 | 0.000 | .0995904 | .1484045 |
| CLT | .0663899 | .0325127 | 2.04 | 0.041 | .0026662 | .1301136 |
| indsindi | .0420323 | .0166753 | 2.52 | 0.012 | .0093494 | .0747153 |
| tempoempr | .0003723 | .000053 | 7.03 | 0.000 | .0002684 | .0004761 |
| ggocup_2 | -.0019376 | .0111436 | -0.17 | 0.862 | -.0237787 | .0199035 |
| ggocup_3 | -.0097404 | .0140651 | -0.69 | 0.489 | -.0373075 | .0178267 |
| ggocup_4 | -.0080553 | .015065 | -0.53 | 0.593 | -.0375822 | .0214715 |
| ggocup_5 | -.0404279 | .019022 | -2.13 | 0.034 | -.0777103 | -.0031456 |
| ggocup_6 | .1002612 | .0741722 | 1.35 | 0.176 | -.0451136 | .245636 |
| ggocup_7 | -.0318676 | .0167972 | -1.90 | 0.058 | -.0647894 | .0010543 |
| ggocup_8 | -.0502043 | .0280043 | -1.79 | 0.073 | -.1050918 | .0046831 |
| ggocup_9 | -.0539604 | .0287252 | -1.88 | 0.060 | -.1102607 | .0023399 |
| argentino | -.0316491 | .0152594 | -2.07 | 0.038 | -.0615571 | -.0017412 |
| boliviano | -.0835883 | .0185778 | -4.50 | 0.000 | -.1200001 | -.0471764 |
| chileno | -.0107199 | .0171524 | -0.62 | 0.532 | -.0443379 | .0228981 |
| paraguaio | -.0693505 | .0234456 | -2.96 | 0.003 | -.1153031 | -.023398 |
| uruguaio | -.0001393 | .0214512 | -0.01 | 0.995 | -.0421828 | .0419043 |
| alemao | -.0353402 | .0195806 | -1.80 | 0.071 | -.0737175 | .0030371 |
| espanhol | -.0326047 | .0234066 | -1.39 | 0.164 | -.0784808 | .0132713 |
| norte_america | -.0670666 | .0198539 | -3.38 | 0.001 | -.1059795 | -.0281536 |

| | | | | | | | |
|----------|--|-----------|----------|-------|-------|-----------|-----------|
| frances | | -.0562062 | .0198504 | -2.83 | 0.005 | -.0951123 | -.0173001 |
| italia | | -.0130985 | .0209408 | -0.63 | 0.532 | -.0541417 | .0279447 |
| japao | | -.0595585 | .0193624 | -3.08 | 0.002 | -.0975081 | -.0216089 |
| china | | -.0192062 | .0230406 | -0.83 | 0.405 | -.0643649 | .0259524 |
| norte | | .005228 | .0276455 | 0.19 | 0.850 | -.0489563 | .0594122 |
| c_oeste | | .0450602 | .0245003 | 1.84 | 0.066 | -.0029594 | .0930799 |
| sul | | -.0135321 | .0137791 | -0.98 | 0.326 | -.0405387 | .0134744 |
| nordeste | | -.0384985 | .0222667 | -1.73 | 0.084 | -.0821405 | .0051435 |
| _cons | | .7529429 | .0724685 | 10.39 | 0.000 | .6109073 | .8949784 |

```

-----
Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]
-----+-----
radiccnp: Identity      |
      sd(_cons)         | .1078008 .0066608 .0955054 .1216792
-----+-----
      sd(Residual)     | .3615031 .0027371 .356178 .3669078
-----

```

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 146.61 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice 2 – Resultado da regressão hierárquica logística binomial do modelo 2

```

Mixed-effects ML regression              Number of obs   =   4584
Group variable: radiccnp                Number of groups =    816

                                         Obs per group: min =    1
                                         avg =    5.6
                                         max =   137

                                         Wald chi2(39)   =   155.36
Log likelihood = -1970.9215              Prob > chi2     =    0.0000

```

| empem311 | | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] |
|----------------|--|-----------|-----------|-------|-------|----------------------|
| situl | | -.0270173 | .0309251 | -0.87 | 0.382 | -.0876293 .0335947 |
| idadecen | | .0002325 | .0006045 | 0.38 | 0.700 | -.0009522 .0014173 |
| fund_incomp | | -.1030161 | .050258 | -2.05 | 0.040 | -.2015199 -.0045122 |
| EFcomp_EMincom | | -.0228626 | .0377004 | -0.61 | 0.544 | -.0967541 .0510288 |
| EMcomp | | -.0186147 | .0180505 | -1.03 | 0.302 | -.053993 .0167636 |
| ESincomp | | .0389059 | .0329749 | 1.18 | 0.238 | -.0257237 .1035355 |
| lnhrtrab | | -.0589963 | .1063399 | -0.55 | 0.579 | -.2674188 .1494261 |
| portdefc | | .1175101 | .0682437 | 1.72 | 0.085 | -.0162451 .2512653 |
| branco | | .0237574 | .0244688 | 0.97 | 0.332 | -.0242005 .0717153 |
| horascon | | .0030346 | .0047795 | 0.63 | 0.525 | -.006333 .0124022 |
| indhora | | .0432002 | .0219375 | 1.97 | 0.049 | .0002035 .0861968 |

| | | | | | | | |
|--------------|--|-----------|----------|-------|-------|-----------|-----------|
| priemp | | .1794334 | .0183693 | 9.77 | 0.000 | .1434303 | .2154366 |
| CLT | | .0063509 | .0386717 | 0.16 | 0.870 | -.0694443 | .0821461 |
| indsindi | | .0253998 | .0401941 | 0.63 | 0.527 | -.0533792 | .1041788 |
| tempoempr | | .0003936 | .0000879 | 4.48 | 0.000 | .0002213 | .0005659 |
| ggocup_2 | | .0027817 | .015687 | 0.18 | 0.859 | -.0279643 | .0335278 |
| ggocup_3 | | -.0292883 | .0226942 | -1.29 | 0.197 | -.0737681 | .0151915 |
| ggocup_4 | | -.018388 | .0228898 | -0.80 | 0.422 | -.0632512 | .0264752 |
| ggocup_5 | | -.0881981 | .0390887 | -2.26 | 0.024 | -.1648105 | -.0115857 |
| ggocup_6 | | .1693597 | .3739579 | 0.45 | 0.651 | -.5635842 | .9023037 |
| ggocup_7 | | -.0434407 | .0332206 | -1.31 | 0.191 | -.1085518 | .0216704 |
| ggocup_8 | | .0139449 | .0548677 | 0.25 | 0.799 | -.0935939 | .1214836 |
| ggocup_9 | | .0609892 | .0525548 | 1.16 | 0.246 | -.0420164 | .1639948 |
| argentino | | -.0157454 | .0243484 | -0.65 | 0.518 | -.0634674 | .0319765 |
| boliviano | | -.029742 | .0809849 | -0.37 | 0.713 | -.1884694 | .1289854 |
| chileno | | .0013578 | .0412836 | 0.03 | 0.974 | -.0795566 | .0822721 |
| paraguaio | | .0750146 | .0813396 | 0.92 | 0.356 | -.0844081 | .2344374 |
| uruguaio | | .0259734 | .0498399 | 0.52 | 0.602 | -.071711 | .1236578 |
| alemao | | -.0445664 | .0270054 | -1.65 | 0.099 | -.0974961 | .0083633 |
| espanhol | | -.0170217 | .0347806 | -0.49 | 0.625 | -.0851904 | .051147 |
| norte_americ | | -.0522695 | .028581 | -1.83 | 0.067 | -.1082874 | .0037483 |
| frances | | -.0545953 | .0271822 | -2.01 | 0.045 | -.1078715 | -.0013192 |
| italia | | .0158203 | .0321603 | 0.49 | 0.623 | -.0472128 | .0788533 |
| japao | | -.0692454 | .0270706 | -2.56 | 0.011 | -.1223028 | -.016188 |
| china | | -.0132668 | .0332012 | -0.40 | 0.689 | -.07834 | .0518064 |
| norte | | -.0126635 | .0344902 | -0.37 | 0.713 | -.080263 | .054936 |
| c_oeste | | .008258 | .0454218 | 0.18 | 0.856 | -.0807671 | .0972831 |
| sul | | -.0172522 | .0230525 | -0.75 | 0.454 | -.0624342 | .0279298 |
| nordeste | | -.0211708 | .0335593 | -0.63 | 0.528 | -.0869459 | .0446044 |
| _cons | | .8925271 | .2274828 | 3.92 | 0.000 | .446669 | 1.338385 |

```

-----
Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]
-----+-----
radiccnp: Identity |
      sd(_cons) | .0834249 .0093023 .0670476 .1038027
-----+-----
      sd(Residual) | .3647965 .0040336 .3569759 .3727885
-----
LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 42.70 Prob >= chibar2 = 0.0000

```

Apêndice 3 – Resultado da regressão hierárquica logística binomial do modelo 3

| | | | |
|-----------------------------|--------------------|---|------|
| Mixed-effects ML regression | Number of obs | = | 6097 |
| Group variable: radiccnp | Number of groups | = | 1678 |
| | Obs per group: min | = | 1 |
| | avg | = | 3.6 |
| | max | = | 78 |


```

Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]
-----+-----
radiccnp: Identity      |
      sd(_cons) | .1248327 .0086329 .1090092 .1429533
-----+-----
      sd(Residual) | .3553971 .0037411 .3481398 .3628057
-----+-----
LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 96.36 Prob >= chibar2 = 0.0000

```

Apêndice 4 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 4

```

Mixed-effects ML regression              Number of obs      =      8786
Group variable: radiccnp                Number of groups   =      2251

                                         Obs per group: min =       1
                                         avg =                 3.9
                                         max =                 114

                                         Wald chi2(40)     =     8966.41
Log likelihood = -8439.1012              Prob > chi2       =     0.0000

```

```

-----+-----
lnSal |      Coef.  Std. Err.   z   P>|z|   [95% Conf. Interval]
-----+-----
econet_dumy | -.6363823   .048612  -13.09  0.000   - .73166  -.5411045
idadecen   | .0098169   .0007025   13.98  0.000   .0084401 .0111937
idadecen2  | -.0007016  .0000394  -17.79  0.000  - .0007789 -.0006243
fund_incomp | -.7153422  .0421411  -16.97  0.000  - .7979372 -.6327472
EFcomp_EMincom | -.6257451 .0340663  -18.37  0.000  - .6925138 -.5589765
  EMcomp    | -.4805264  .0217387  -22.10  0.000  - .5231334 -.4379193
  ESincomp  | -.3426273  .0347476   -9.86  0.000  - .4107314 -.2745232
  lnhrtrab  | .557335    .0652107   8.55   0.000   .4295244 .6851457
portdefc   | -.1594897  .0623235   -2.56  0.010  - .2816414 -.037338
  branco    | .1338645   .0259248   5.16   0.000   .0830529 .1846761
horascon   | -.0036993  .0035266   -1.05  0.294  - .0106114 .0032127
indhoraes | -.2441229  .0202989  -12.03  0.000  - .2839079 -.2043378
  priemp    | -.0495623  .0218834   -2.26  0.024  - .092453  -.0066716
  CLT       | -.2984457  .0678383   -4.40  0.000  - .4314063 -.165485
indsindi   | -.047564   .0313188   -1.52  0.129  - .1089478 .0138198
tempoempr  | .0009782   .0000958   10.21  0.000   .0007904 .0011659
ggocup_2   | -.4412162  .0202947  -21.74  0.000  - .4809932 -.4014393
ggocup_3   | -.5763297  .0254058  -22.68  0.000  - .6261243 -.5265352
ggocup_4   | -.7876157  .0272699  -28.88  0.000  - .8410636 -.7341678
ggocup_5   | -.999562   .0377941  -26.45  0.000  -1.073637  -.9254869
ggocup_6   | -.9915865  .1486037   -6.67  0.000  -1.282844  -.7003287
ggocup_7   | -.8741081  .0325871  -26.82  0.000  - .9379776 -.8102385
ggocup_8   | -.7681403  .0523417  -14.68  0.000  - .8707281 -.6655524
ggocup_9   | -.6041126  .0530975  -11.38  0.000  - .7081819 -.5000434

```

| | | | | | | | |
|---------------|--|-----------|----------|-------|-------|-----------|-----------|
| argentino | | .2157429 | .0303091 | 7.12 | 0.000 | .1563381 | .2751477 |
| boliviano | | -.1152561 | .0399688 | -2.88 | 0.004 | -.1935935 | -.0369187 |
| chileno | | -.0166008 | .0330671 | -0.50 | 0.616 | -.0814112 | .0482096 |
| paraguaio | | -.2281485 | .0550082 | -4.15 | 0.000 | -.3359626 | -.1203343 |
| uruguaio | | -.0353109 | .0432836 | -0.82 | 0.415 | -.1201453 | .0495235 |
| alemao | | .3498862 | .0404974 | 8.64 | 0.000 | .2705128 | .4292595 |
| espanhol | | .3061623 | .0451728 | 6.78 | 0.000 | .2176253 | .3946993 |
| norte_america | | .3198999 | .0409358 | 7.81 | 0.000 | .2396671 | .4001327 |
| frances | | .3445495 | .0413972 | 8.32 | 0.000 | .2634125 | .4256865 |
| italia | | .2048022 | .0428624 | 4.78 | 0.000 | .1207934 | .288811 |
| japao | | .1948607 | .0467258 | 4.17 | 0.000 | .1032798 | .2864416 |
| china | | -.2861479 | .0558656 | -5.12 | 0.000 | -.3956424 | -.1766533 |
| norte | | -.0837683 | .0609004 | -1.38 | 0.169 | -.2031308 | .0355942 |
| c_oeste | | -.2506551 | .0553917 | -4.53 | 0.000 | -.3592208 | -.1420895 |
| sul | | -.2570551 | .0313404 | -8.20 | 0.000 | -.3184812 | -.1956289 |
| nordeste | | -.1984553 | .0509396 | -3.90 | 0.000 | -.298295 | -.0986156 |
| _cons | | 7.577214 | .1421994 | 53.29 | 0.000 | 7.298508 | 7.85592 |

```
-----
-----
Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]
-----+-----
radiccnp: Identity |
sd(_cons) | .5949981 .012853 .5703325 .6207304
-----+-----
sd(Residual) | .5224096 .0046519 .5133711 .5316073
-----
```

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 2505.59 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice 5 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 5

```
Mixed-effects ML regression          Number of obs    =    3780
Group variable: radiccnp            Number of groups =    792

Obs per group: min =    1
                  avg =    4.8
                  max =   112

Wald chi2(40)    =   3007.45
Prob > chi2      =    0.0000

Log likelihood = -3487.8725
```

| lnSal | | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] |
|-------------|--|-----------|-----------|--------|-------|----------------------|
| situ1 | | -.7789537 | .0953036 | -8.17 | 0.000 | -.9657452 - .5921621 |
| idadecen | | .01223 | .0011463 | 10.67 | 0.000 | .0099834 .0144766 |
| idadecen2 | | -.0010937 | .0000699 | -15.65 | 0.000 | -.0012306 -.0009567 |
| fund_incomp | | -.611514 | .0945139 | -6.47 | 0.000 | -.7967579 -.4262701 |

| | | | | | | | |
|----------------|--|-----------|----------|--------|-------|-----------|-----------|
| EFcomp_EMincom | | -.6238128 | .070781 | -8.81 | 0.000 | -.7625411 | -.4850845 |
| EMcomp | | -.3459439 | .0320663 | -10.79 | 0.000 | -.4087926 | -.2830951 |
| ESincomp | | -.276574 | .0551644 | -5.01 | 0.000 | -.3846942 | -.1684538 |
| lnhrtrab | | .735944 | .1983998 | 3.71 | 0.000 | .3470876 | 1.1248 |
| portdefc | | -.1594331 | .1075653 | -1.48 | 0.138 | -.3702571 | .0513909 |
| branco | | .0988555 | .0469445 | 2.11 | 0.035 | .006846 | .1908651 |
| horascon | | -.0190125 | .0096014 | -1.98 | 0.048 | -.0378309 | -.0001942 |
| indhora | | -.3746269 | .0384817 | -9.74 | 0.000 | -.4500496 | -.2992042 |
| priemp | | -.0729611 | .0294234 | -2.48 | 0.013 | -.1306299 | -.0152922 |
| CLT | | -.3665165 | .0740002 | -4.95 | 0.000 | -.5115542 | -.2214788 |
| indsindi | | -.2006943 | .0715179 | -2.81 | 0.005 | -.3408667 | -.0605219 |
| tempoempr | | .0003483 | .0001549 | 2.25 | 0.025 | .0000446 | .0006519 |
| ggocup_2 | | -.4149689 | .0272453 | -15.23 | 0.000 | -.4683687 | -.3615692 |
| ggocup_3 | | -.5514133 | .0383594 | -14.37 | 0.000 | -.6265964 | -.4762303 |
| ggocup_4 | | -.5787278 | .0388165 | -14.91 | 0.000 | -.6548068 | -.5026487 |
| ggocup_5 | | -.8428109 | .0722404 | -11.67 | 0.000 | -.9843995 | -.7012222 |
| ggocup_6 | | .4744788 | .5983156 | 0.79 | 0.428 | -.6981981 | 1.647156 |
| ggocup_7 | | -.5495111 | .0573557 | -9.58 | 0.000 | -.6619262 | -.4370959 |
| ggocup_8 | | -.6934397 | .092565 | -7.49 | 0.000 | -.8748638 | -.5120156 |
| ggocup_9 | | -.491173 | .0858272 | -5.72 | 0.000 | -.6593912 | -.3229548 |
| argentino | | .3020741 | .0548233 | 5.51 | 0.000 | .1946225 | .4095258 |
| boliviano | | -.0962163 | .2110289 | -0.46 | 0.648 | -.5098253 | .3173927 |
| chileno | | .0438217 | .0880152 | 0.50 | 0.619 | -.128685 | .2163284 |
| paraguaio | | -.7350405 | .2856803 | -2.57 | 0.010 | -1.294964 | -.1751174 |
| uruguaio | | -.0307007 | .1100996 | -0.28 | 0.780 | -.2464919 | .1850906 |
| alemao | | .4195403 | .0634965 | 6.61 | 0.000 | .2950894 | .5439912 |
| espanhol | | .3258592 | .0807458 | 4.04 | 0.000 | .1676004 | .484118 |
| norte_americ | | .4155042 | .0655162 | 6.34 | 0.000 | .2870947 | .5439136 |
| frances | | .4800525 | .0666875 | 7.20 | 0.000 | .3493474 | .6107576 |
| italia | | .3013626 | .0796663 | 3.78 | 0.000 | .1452195 | .4575057 |
| japao | | .2898842 | .0824351 | 3.52 | 0.000 | .1283145 | .4514539 |
| china | | -.57093 | .1097932 | -5.20 | 0.000 | -.7861208 | -.3557393 |
| norte | | -.111608 | .0782797 | -1.43 | 0.154 | -.2650333 | .0418174 |
| c_oeste | | -.2145497 | .1041304 | -2.06 | 0.039 | -.4186416 | -.0104578 |
| sul | | -.2980025 | .0516819 | -5.77 | 0.000 | -.3992972 | -.1967079 |
| nordeste | | -.3410714 | .0812127 | -4.20 | 0.000 | -.5002453 | -.1818974 |
| _cons | | 7.862358 | .4093968 | 19.20 | 0.000 | 7.059955 | 8.664761 |

| Random-effects Parameters | | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] |
|---------------------------|--|----------|-----------|----------------------|
| radiccnp: Identity | | | | |
| sd(_cons) | | .6102524 | .0217455 | .5690863 .6543964 |
| sd(Residual) | | .5098704 | .0067556 | .4968002 .5232845 |

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 935.80 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice 6 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 6

Mixed-effects ML regression
 Group variable: radiccnp

Number of obs = 5006
 Number of groups = 1596

Obs per group: min = 1
 avg = 3.1
 max = 73

Wald chi2(40) = 4960.21
 Prob > chi2 = 0.0000

Log likelihood = -4774.5001

| lnSal | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] |
|----------------|-----------|-----------|--------|-------|----------------------|
| situ2 | -.5484329 | .0540598 | -10.14 | 0.000 | -.6543881 -.4424777 |
| idadecen | .0074562 | .0008718 | 8.55 | 0.000 | .0057475 .0091649 |
| idadecen2 | -.0004809 | .0000473 | -10.17 | 0.000 | -.0005736 -.0003882 |
| fund_incomp | -.7509584 | .0479534 | -15.66 | 0.000 | -.8449453 -.6569715 |
| EFcomp_EMincom | -.6215894 | .040309 | -15.42 | 0.000 | -.7005935 -.5425853 |
| EMcomp | -.5367998 | .0293134 | -18.31 | 0.000 | -.5942531 -.4793465 |
| ESincomp | -.3571305 | .0439249 | -8.13 | 0.000 | -.4432217 -.2710393 |
| lnhrtrab | .502905 | .0674002 | 7.46 | 0.000 | .3708031 .6350069 |
| portdefc | -.1667394 | .0749719 | -2.22 | 0.026 | -.3136817 -.0197971 |
| branco | .1366177 | .0301022 | 4.54 | 0.000 | .0776184 .1956169 |
| horascon | -.0001729 | .0037032 | -0.05 | 0.963 | -.007431 .0070852 |
| indhora | -.1295036 | .0235687 | -5.49 | 0.000 | -.1756974 -.0833099 |
| priemp | -.0503295 | .0314565 | -1.60 | 0.110 | -.1119831 .0113241 |
| CLT | -.1421112 | .1572489 | -0.90 | 0.366 | -.4503135 .166091 |
| indsindi | .0192523 | .034145 | 0.56 | 0.573 | -.0476707 .0861752 |
| tempoempr | .0015515 | .0001205 | 12.88 | 0.000 | .0013153 .0017876 |
| ggocup_2 | -.4303117 | .0351236 | -12.25 | 0.000 | -.4991528 -.3614707 |
| ggocup_3 | -.5784091 | .0390806 | -14.80 | 0.000 | -.6550058 -.5018125 |
| ggocup_4 | -.9292431 | .0423088 | -21.96 | 0.000 | -1.012167 -.8463194 |
| ggocup_5 | -1.096458 | .0503892 | -21.76 | 0.000 | -1.195219 -.9976969 |
| ggocup_6 | -1.096907 | .150372 | -7.29 | 0.000 | -1.391631 -.8021836 |
| ggocup_7 | -.9955943 | .0463446 | -21.48 | 0.000 | -1.086428 -.9047605 |
| ggocup_8 | -.811749 | .0659821 | -12.30 | 0.000 | -.9410715 -.6824266 |
| ggocup_9 | -.7042517 | .0702705 | -10.02 | 0.000 | -.8419793 -.5665241 |
| argentino | .2094119 | .0397736 | 5.27 | 0.000 | .1314571 .2873666 |
| boliviano | -.0901349 | .0427702 | -2.11 | 0.035 | -.1739629 -.0063069 |
| chileno | -.0238777 | .0379515 | -0.63 | 0.529 | -.0982613 .0505059 |
| paraguaio | -.1996237 | .0571774 | -3.49 | 0.000 | -.3116893 -.0875581 |
| uruguaio | -.0496605 | .0484303 | -1.03 | 0.305 | -.1445821 .0452611 |
| alemao | .2285179 | .0627044 | 3.64 | 0.000 | .1056196 .3514162 |
| espanhol | .2522677 | .0574709 | 4.39 | 0.000 | .1396268 .3649087 |
| norte_americ | .2205524 | .059428 | 3.71 | 0.000 | .1040756 .3370291 |
| frances | .1707814 | .0645287 | 2.65 | 0.008 | .0443076 .2972553 |
| italia | .1402691 | .0537235 | 2.61 | 0.009 | .034973 .2455653 |
| japao | .081694 | .0598733 | 1.36 | 0.172 | -.0356555 .1990435 |
| china | -.1828568 | .0684429 | -2.67 | 0.008 | -.3170024 -.0487113 |

| | | | | | | | |
|----------|--|-----------|----------|-------|-------|-----------|-----------|
| norte | | -.0438525 | .0974057 | -0.45 | 0.653 | -.2347641 | .1470591 |
| c_oeste | | -.2548458 | .0632734 | -4.03 | 0.000 | -.3788594 | -.1308322 |
| sul | | -.2382284 | .0380927 | -6.25 | 0.000 | -.3128888 | -.163568 |
| nordeste | | -.1373943 | .0638285 | -2.15 | 0.031 | -.2624959 | -.0122927 |
| _cons | | 7.376058 | .205616 | 35.87 | 0.000 | 6.973058 | 7.779058 |

| Random-effects Parameters | | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] |
|---------------------------|--|----------|-----------|----------------------|
| -----+ | | | | |
| radiccnp: Identity | | | | |
| sd(_cons) | | .5500253 | .014542 | .5222494 .5792785 |
| -----+ | | | | |
| sd(Residual) | | .5075244 | .0062307 | .4954583 .5198844 |

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 1335.57 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice 7 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 - Alemães

| | | | |
|-----------------------------|--------------------|---|--------|
| Mixed-effects ML regression | Number of obs | = | 561 |
| Group variable: radiccnp | Number of groups | = | 166 |
| | Obs per group: min | = | 1 |
| | avg | = | 3.4 |
| | max | = | 40 |
| | Wald chi2(27) | = | 440.90 |
| Log likelihood = -528.65831 | Prob > chi2 | = | 0.0000 |

| lnSal | | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] |
|----------------|--|-----------|-----------|-------|-------|----------------------|
| econet_dummy | | -.6582674 | .2501141 | -2.63 | 0.008 | -1.148482 -.1680527 |
| idadecen | | .0086256 | .0033547 | 2.57 | 0.010 | .0020506 .0152006 |
| idadecen2 | | -.0008955 | .0002253 | -3.97 | 0.000 | -.0013371 -.0004538 |
| fund_incomp | | -.7624683 | .4435231 | -1.72 | 0.086 | -1.631758 .106821 |
| EFcomp_EMincom | | -.3089812 | .2804786 | -1.10 | 0.271 | -.8587092 .2407468 |
| EMcomp | | -.4534101 | .107235 | -4.23 | 0.000 | -.6635869 -.2432334 |
| ESincomp | | -.3583907 | .2101097 | -1.71 | 0.088 | -.7701981 .0534167 |
| lnhrtrab | | 1.019566 | .3199895 | 3.19 | 0.001 | .3923983 1.646734 |
| portdefc | | -.0650997 | .2212461 | -0.29 | 0.769 | -.4987341 .3685348 |
| branco | | -.248549 | .2513535 | -0.99 | 0.323 | -.7411928 .2440947 |
| horascon | | -.0217261 | .0176204 | -1.23 | 0.218 | -.0562614 .0128093 |
| indhoraes | | -.2032971 | .0946834 | -2.15 | 0.032 | -.388873 -.0177211 |
| priemp | | .0634348 | .0835675 | 0.76 | 0.448 | -.1003545 .2272241 |
| CLT | | -.4465689 | .2165195 | -2.06 | 0.039 | -.8709394 -.0221985 |
| indsindi | | -.163706 | .1999887 | -0.82 | 0.413 | -.5556766 .2282646 |
| tempoempr | | .0003642 | .0004202 | 0.87 | 0.386 | -.0004593 .0011877 |
| ggocup_2 | | -.6021744 | .0686322 | -8.77 | 0.000 | -.736691 -.4676579 |

| | | | | | | | |
|-----------|--|-----------|----------|--------|-------|-----------|-----------|
| horascon | | .0010371 | .0104356 | 0.10 | 0.921 | -.0194163 | .0214905 |
| indhorae | | -.4121235 | .0630119 | -6.54 | 0.000 | -.5356245 | -.2886225 |
| priemp | | -.1160606 | .0621232 | -1.87 | 0.062 | -.2378199 | .0056987 |
| CLT | | .2248199 | .2314286 | 0.97 | 0.331 | -.2287718 | .6784116 |
| indsindi | | -.1558359 | .1113875 | -1.40 | 0.162 | -.3741514 | .0624797 |
| tempoempr | | .0013249 | .0004422 | 3.00 | 0.003 | .0004582 | .0021915 |
| ggocup_2 | | -.543265 | .0558911 | -9.72 | 0.000 | -.6528095 | -.4337205 |
| ggocup_3 | | -.6443612 | .0724707 | -8.89 | 0.000 | -.7864011 | -.5023213 |
| ggocup_4 | | -.9861473 | .0750255 | -13.14 | 0.000 | -1.133195 | -.8391 |
| ggocup_5 | | -1.335126 | .1227629 | -10.88 | 0.000 | -1.575736 | -1.094515 |
| ggocup_6 | | -.6421735 | .4140455 | -1.55 | 0.121 | -1.453688 | .1693408 |
| ggocup_7 | | -.9370729 | .0940688 | -9.96 | 0.000 | -1.121444 | -.7527015 |
| ggocup_8 | | -.7427563 | .1312976 | -5.66 | 0.000 | -1.000095 | -.4854176 |
| ggocup_9 | | -.6014339 | .1864275 | -3.23 | 0.001 | -.9668251 | -.2360426 |
| norte | | -.6428217 | .4306473 | -1.49 | 0.136 | -1.486875 | .2012315 |
| c_oeste | | -.3988044 | .1509356 | -2.64 | 0.008 | -.6946328 | -.1029759 |
| sul | | -.4087401 | .0701005 | -5.83 | 0.000 | -.5461345 | -.2713457 |
| nordeste | | -.03368 | .1430301 | -0.24 | 0.814 | -.314014 | .2466539 |
| _cons | | 7.742031 | .3966676 | 19.52 | 0.000 | 6.964577 | 8.519485 |

```
-----
Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]
-----+-----
radiccnp: Identity      |
      sd(_cons)         | .6045439 .0331813 .5428856 .6732051
-----+-----
      sd(Residual)     | .5393263 .0141696 .5122573 .5678258
-----
```

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 207.99 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice 9 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Bolivianos

```
Mixed-effects ML regression      Number of obs      =      801
Group variable: radiccnp        Number of groups   =      276

Obs per group: min =          1
                  avg =          2.9
                  max =          42

Wald chi2(27) =      898.25
Prob > chi2   =      0.0000

Log likelihood = -499.07508
```

```
-----
lnSal |      Coef.  Std. Err.   z   P>|z|   [95% Conf. Interval]
-----+-----
econet_dummy | -0,3007693 .0791306  -3.80  0.000  - .4558625  -.1456762
idadecen | .0049956 .0016027  3.12  0.002  .0018543  .0081368
idadecen2 | -.0001031 .000093  -1.11  0.268  -.0002855  .0000792
-----
```


| | | | | | | | |
|----------------|--|-----------|-----------|--------|-------|-----------|-----------|
| fund_incomp | | -.9310484 | .0981976 | -9.48 | 0.000 | -1.123512 | -.7385846 |
| EFcomp_EMincom | | -.8570348 | .0859881 | -9.97 | 0.000 | -1.025568 | -.6885012 |
| EMcomp | | -.8095037 | .0788157 | -10.27 | 0.000 | -.9639796 | -.6550277 |
| ESincomp | | -.5355498 | .1116031 | -4.80 | 0.000 | -.7542879 | -.3168118 |
| lnhrtrab | | .6612708 | .1814021 | 3.65 | 0.000 | .3057291 | 1.016812 |
| portdefc | | -.6147759 | .2486307 | -2.47 | 0.013 | -1.102083 | -.1274686 |
| branco | | .029375 | .0361029 | 0.81 | 0.416 | -.0413854 | .1001354 |
| horascon | | -.0102177 | .0085288 | -1.20 | 0.231 | -.0269338 | .0064984 |
| indhora | | .0295262 | .0476706 | 0.62 | 0.536 | -.0639064 | .1229589 |
| priemp | | -.1175952 | .0502843 | -2.34 | 0.019 | -.2161506 | -.0190397 |
| CLT | | -.1183321 | .2241954 | -0.53 | 0.598 | -.5577469 | .3210828 |
| indsindi | | -.0347774 | .0871822 | -0.40 | 0.690 | -.2056515 | .1360966 |
| tempoempr | | .0015939 | .0003911 | 4.08 | 0.000 | .0008274 | .0023604 |
| ggocup_2 | | .0759998 | .1224636 | 0.62 | 0.535 | -.1640244 | .316024 |
| ggocup_3 | | -.0111113 | .1248151 | -0.09 | 0.929 | -.2557444 | .2335219 |
| ggocup_4 | | -.6950966 | .1349265 | -5.15 | 0.000 | -.9595477 | -.4306454 |
| ggocup_5 | | -.8616514 | .1559722 | -5.52 | 0.000 | -1.167351 | -.5559514 |
| ggocup_6 | | 0 | (omitted) | | | | |
| ggocup_7 | | -.5862781 | .1245698 | -4.71 | 0.000 | -.8304304 | -.3421258 |
| ggocup_8 | | -.5662665 | .1824325 | -3.10 | 0.002 | -.9238277 | -.2087053 |
| ggocup_9 | | -.325599 | .1900342 | -1.71 | 0.087 | -.6980593 | .0468612 |
| norte | | -.338443 | .1807229 | -1.87 | 0.061 | -.6926533 | .0157674 |
| c_oeste | | -.4136793 | .1782507 | -2.32 | 0.020 | -.7630442 | -.0643143 |
| sul | | -.2216966 | .1623056 | -1.37 | 0.172 | -.5398097 | .0964165 |
| nordeste | | -.0571942 | .2189019 | -0.26 | 0.794 | -.4862341 | .3718457 |
| _cons | | 6.716602 | .4345774 | 15.46 | 0.000 | 5.864846 | 7.568358 |

| Random-effects Parameters | | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] |
|---------------------------|--|----------|-----------|----------------------|
| radiccnp: Identity | | | | |
| sd(_cons) | | .4490465 | .0273804 | .3984645 .5060495 |
| sd(Residual) | | .3436637 | .0110175 | .3227341 .3659505 |

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 248.23 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice10 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Chilenos

| | | | |
|-----------------------------|--------------------|---|--------|
| Mixed-effects ML regression | Number of obs | = | 682 |
| Group variable: radiccnp | Number of groups | = | 282 |
| | Obs per group: min | = | 1 |
| | avg | = | 2.4 |
| | max | = | 13 |
| | Wald chi2(27) | = | 591.33 |
| Log likelihood = -709.65646 | Prob > chi2 | = | 0.0000 |

Obs per group: min = 1
 avg = 5.2
 max = 112

Wald chi2(27) = 383.10
 Prob > chi2 = 0.0000
 Log likelihood = -336.60399

| lnSal | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] |
|----------------|------------|-----------|-------|-------|----------------------|
| econet_dummy | -0,6745512 | .1621325 | -4.16 | 0.000 | -.9923251 -.3567772 |
| idadecen | .0087559 | .0021941 | 3.99 | 0.000 | .0044555 .0130564 |
| idadecen2 | -.0005857 | .0001438 | -4.07 | 0.000 | -.0008675 -.0003039 |
| fund_incomp | -.5121421 | .1394121 | -3.67 | 0.000 | -.7853848 -.2388993 |
| EFcomp_EMincom | -.2549687 | .1234483 | -2.07 | 0.039 | -.496923 -.0130145 |
| EMcomp | -.1148968 | .0416214 | -2.76 | 0.006 | -.1964733 -.0333203 |
| ESincomp | -.1063589 | .0833544 | -1.28 | 0.202 | -.2697306 .0570127 |
| lnhrtrab | 1.364928 | .2620735 | 5.21 | 0.000 | .8512738 1.878583 |
| portdefc | -1.841161 | .8156437 | -2.26 | 0.024 | -3.439793 -.2425286 |
| branco | .1355841 | .0902137 | 1.50 | 0.133 | -.0412315 .3123997 |
| horascon | -.0344994 | .0144601 | -2.39 | 0.017 | -.0628407 -.0061581 |
| indhoraes | -.0813928 | .0630132 | -1.29 | 0.196 | -.2048965 .0421109 |
| priemp | -.1589327 | .0401467 | -3.96 | 0.000 | -.2376188 -.0802465 |
| CLT | -.0349711 | .2760783 | -0.13 | 0.899 | -.5760746 .5061323 |
| indsindi | -.25296 | .2153216 | -1.17 | 0.240 | -.6749826 .1690627 |
| tempoempr | .0037602 | .0006268 | 6.00 | 0.000 | .0025317 .0049887 |
| ggocup_2 | -.182104 | .0408253 | -4.46 | 0.000 | -.2621201 -.1020879 |
| ggocup_3 | -.2432313 | .0501499 | -4.85 | 0.000 | -.3415233 -.1449394 |
| ggocup_4 | -.2648943 | .0515793 | -5.14 | 0.000 | -.3659879 -.1638006 |
| ggocup_5 | -.5061027 | .0883797 | -5.73 | 0.000 | -.6793238 -.3328816 |
| ggocup_6 | 0 | (omitted) | | | |
| ggocup_7 | -.3719041 | .0879975 | -4.23 | 0.000 | -.544376 -.1994322 |
| ggocup_8 | -.8861523 | .2471334 | -3.59 | 0.000 | -1.370525 -.4017797 |
| ggocup_9 | -.3166012 | .1514816 | -2.09 | 0.037 | -.6134995 -.0197028 |
| norte | .0298508 | .1178359 | 0.25 | 0.800 | -.2011033 .2608048 |
| c_oeste | -.1712224 | .1445759 | -1.18 | 0.236 | -.4545859 .1121412 |
| sul | .1305181 | .1841269 | 0.71 | 0.478 | -.230364 .4914001 |
| nordeste | -.0553493 | .2229866 | -0.25 | 0.804 | -.492395 .3816963 |
| _cons | 4.65887 | .6446219 | 7.23 | 0.000 | 3.395434 5.922305 |

| Random-effects Parameters | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] |
|---------------------------|----------|-----------|----------------------|
| radiccnp: Identity | | | |
| sd(_cons) | .7728167 | .0557711 | .6708859 .8902342 |
| sd(Residual) | .3145915 | .0099811 | .2956247 .3347752 |

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 482.63 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice12 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Franceses

```

Mixed-effects ML regression              Number of obs      =      600
Group variable: radiccnp                 Number of groups   =      157

                                           Obs per group: min =       1
                                           avg =              3.8
                                           max =              59

                                           Wald chi2(26)     =    599.23
                                           Prob > chi2       =    0.0000
Log likelihood = -511.78834

```

| lnSal | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] | |
|----------------|-------------|-----------|-------|-------|----------------------|-----------|
| econet_dummy | -1.161963 | .1707803 | -6.80 | 0.000 | -1.496686 | -.8272401 |
| idadecen | .0213355 | .0027366 | 7.80 | 0.000 | .0159719 | .026699 |
| idadecen2 | -.0014822 | .0001783 | -8.31 | 0.000 | -.0018316 | -.0011328 |
| fund_incomp | 0 (omitted) | | | | | |
| EFcomp_EMincom | .3202825 | .3839311 | 0.83 | 0.404 | -.4322087 | 1.072774 |
| EMcomp | -.4305351 | .1107759 | -3.89 | 0.000 | -.6476518 | -.2134184 |
| ESincomp | -.8437904 | .2774279 | -3.04 | 0.002 | -1.387539 | -.3000417 |
| lnhrtrab | 1.047649 | .2980209 | 3.52 | 0.000 | .4635391 | 1.63176 |
| portdefc | .3819212 | .5853683 | 0.65 | 0.514 | -.7653796 | 1.529222 |
| branco | .5879319 | .1190291 | 4.94 | 0.000 | .3546391 | .8212246 |
| horascon | -.0154699 | .0145897 | -1.06 | 0.289 | -.0440651 | .0131252 |
| indhoraes | -.2541519 | .1090343 | -2.33 | 0.020 | -.4678551 | -.0404486 |
| priemp | .0126083 | .0650477 | 0.19 | 0.846 | -.1148829 | .1400996 |
| CLT | -.4177113 | .2063546 | -2.02 | 0.043 | -.8221589 | -.0132637 |
| indsindi | -.2463852 | .2068401 | -1.19 | 0.234 | -.6517843 | .1590139 |
| tempoempr | .0002481 | .0005898 | 0.42 | 0.674 | -.0009079 | .0014041 |
| ggocup_2 | -.3958838 | .0618117 | -6.40 | 0.000 | -.5170326 | -.2747351 |
| ggocup_3 | -.5713356 | .0954523 | -5.99 | 0.000 | -.7584186 | -.3842526 |
| ggocup_4 | -.4211285 | .1101921 | -3.82 | 0.000 | -.6371011 | -.2051559 |
| ggocup_5 | -.4783508 | .2015765 | -2.37 | 0.018 | -.8734335 | -.083268 |
| ggocup_6 | 0 (omitted) | | | | | |
| ggocup_7 | -.5083072 | .3169404 | -1.60 | 0.109 | -1.129499 | .1128845 |
| ggocup_8 | -.3964329 | .1564858 | -2.53 | 0.011 | -.7031394 | -.0897263 |
| ggocup_9 | -.551678 | .2580988 | -2.14 | 0.033 | -1.057542 | -.0458136 |
| norte | .1173906 | .3104935 | 0.38 | 0.705 | -.4911655 | .7259466 |
| c_oeste | -.2587718 | .285588 | -0.91 | 0.365 | -.8185139 | .3009704 |
| sul | -.1863275 | .139095 | -1.34 | 0.180 | -.4589487 | .0862936 |
| nordeste | -.5683949 | .1907923 | -2.98 | 0.003 | -.9423409 | -.194449 |
| _cons | 6.598301 | .6406958 | 10.30 | 0.000 | 5.34256 | 7.854041 |

```

-----
Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]

```

```

-----+-----
radiccnp: Identity      |
                    sd(_cons) | .4641233 .0432659 .3866194 .5571639
-----+-----
                    sd(Residual) | .4792047 .0167112 .4475456 .5131034
-----+-----
LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 86.32 Prob >= chibar2 = 0.0000

```

Apêndice13 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Italianos

```

Mixed-effects ML regression      Number of obs      =      430
Group variable: radiccnp        Number of groups   =      160

                                Obs per group: min =       1
                                avg =       2.7
                                max =       18

                                Wald chi2(27)      =      224.83
                                Prob > chi2        =      0.0000

Log likelihood = -464.67206

```

```

-----+-----
                lnSal |      Coef.  Std. Err.      z    P>|z|    [95% Conf. Interval]
-----+-----
econet_dummy | -1.346208   .2505871   -5.37  0.000   -1.837349   -.8550658
idadecen    |  .0153949   .0043307    3.55  0.000    .0069069   .0238828
idadecen2   | -.0008476   .0001947   -4.35  0.000   -.0012293   -.0004659
fund_incomp | -.3034433   .2892791   -1.05  0.294   -.8704199   .2635332
EFcomp_EMincom | -.1609976   .1991553   -0.81  0.419   -.5513348   .2293396
EMcomp      |  -.28714    .0983657   -2.92  0.004   -.4799332   -.0943469
ESincomp    | -.0295482   .1491588   -0.20  0.843   -.321894    .2627976
lnhrtrab    |  .2760869   .2025576    1.36  0.173   -.1209188   .6730925
portdefc    |  .2498001   .2938145    0.85  0.395   -.3260657   .8256659
branco      |  .0511817   .1483011    0.35  0.730   -.2394831   .3418466
horascon    |  .0046839   .0122774    0.38  0.703   -.0193793   .0287471
indhoraes   | -.3260272   .1198813   -2.72  0.007   -.5609902   -.0910641
priemp      | -.1417268   .1297285   -1.09  0.275   -.39599    .1125363
CLT         | -.4227235   .2470864   -1.71  0.087   -.9070039   .0615569
indsindi    |  .0738809   .1732366    0.43  0.670   -.2656567   .4134185
tempoempr   |  .0003593   .0003545    1.01  0.311   -.0003354   .0010541
ggocup_2    | -.3826817   .0966487   -3.96  0.000   -.5721097   -.1932538
ggocup_3    | -.6252921   .1180116   -5.30  0.000   -.8565906   -.3939936
ggocup_4    | -.5550736   .1283187   -4.33  0.000   -.8065735   -.3035736
ggocup_5    | -.3273645   .2227016   -1.47  0.142   -.7638516   .1091226
ggocup_6    |           0 (omitted)
ggocup_7    | -.5094703   .1706488   -2.99  0.003   -.8439358   -.1750048
ggocup_8    | -.9912378   .2936093   -3.38  0.001   -1.566702   -.4157741
ggocup_9    | -.4437459   .2404734   -1.85  0.065   -.9150651   .0275733
norte       | -.2456418   .6254478   -0.39  0.695   -1.471497   .9802135
c_oeste     | -.2826311   .2602809   -1.09  0.278   -.7927724   .2275102

```

| | | | | | | | |
|----------|--|-----------|----------|-------|-------|-----------|-----------|
| sul | | -.4645208 | .2221861 | -2.09 | 0.037 | -.8999975 | -.0290441 |
| nordeste | | -.7598692 | .2472816 | -3.07 | 0.002 | -1.244532 | -.2752062 |
| _cons | | 8.699878 | .4477746 | 19.43 | 0.000 | 7.822256 | 9.5775 |

```
-----
Random-effects Parameters | Estimate Std. Err. [95% Conf. Interval]
-----+-----
radiccnp: Identity      |
      sd(_cons)         | .7516157 .0574847 .6469858 .8731664
-----+-----
      sd(Residual)      | .5140885 .0231798 .4706066 .5615879
-----
```

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 133.29 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice14 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Japoneses

| | | | |
|-----------------------------|--------------------|---|-----|
| Mixed-effects ML regression | Number of obs | = | 707 |
| Group variable: radiccnp | Number of groups | = | 161 |
| | Obs per group: min | = | 1 |
| | avg | = | 4.4 |
| | max | = | 44 |

| | | | |
|-----------------------------|---------------|---|--------|
| | Wald chi2(28) | = | 524.07 |
| Log likelihood = -509.23479 | Prob > chi2 | = | 0.0000 |

```
-----
lnSal | Coef. Std. Err. z P>|z| [95% Conf. Interval]
-----+-----
econet_dummy | -.718794 .2209211 -3.25 0.001 -1.151791 -.2857967
idadecen | .0104511 .0022428 4.66 0.000 .0060553 .0148469
idadecen2 | -.0012932 .0001343 -9.63 0.000 -.0015563 -.00103
fund_incomp | -.0121464 .1555561 -0.08 0.938 -.3170308 .292738
EFcomp_EMincom | -.5335001 .1305882 -4.09 0.000 -.7894482 -.277552
EMcomp | -.2200548 .0537082 -4.10 0.000 -.325321 -.1147886
ESincomp | -.0954079 .0940528 -1.01 0.310 -.279748 .0889322
lnhrtrab | 6.581231 1.864443 3.53 0.000 2.92699 10.23547
portdefc | .0745071 .3397846 0.22 0.826 -.5914585 .7404727
branco | -.0022115 .0936089 -0.02 0.981 -.1856815 .1812585
horascon | -.1749907 .0593672 -2.95 0.003 -.2913483 -.0586332
indhoraes | -.2696669 .069316 -3.89 0.000 -.4055238 -.13381
priemp | -.0231858 .0511824 -0.45 0.651 -.1235016 .0771299
CLT | -.4810418 .101875 -4.72 0.000 -.6807132 -.2813704
indsindi | -.1696203 .1181552 -1.44 0.151 -.4012003 .0619596
tempoempr | .0002923 .0002462 1.19 0.235 -.0001903 .0007748
ggocup_2 | -.1994268 .0522873 -3.81 0.000 -.301908 -.0969456
ggocup_3 | -.5394949 .0882258 -6.11 0.000 -.7124143 -.3665755
ggocup_4 | -.5744662 .0829102 -6.93 0.000 -.7369672 -.4119651
-----
```


| | | | | | | | |
|-----------|--|-----------|-----------|-------|-------|-----------|-----------|
| horascon | | -.0075058 | .0126645 | -0.59 | 0.553 | -.0323277 | .017316 |
| indhorae | | -.5316277 | .1172964 | -4.53 | 0.000 | -.7615244 | -.3017311 |
| priemp | | .0869738 | .0743356 | 1.17 | 0.242 | -.0587214 | .2326689 |
| CLT | | -.0177179 | .2921083 | -0.06 | 0.952 | -.5902397 | .5548039 |
| indsindi | | .1014989 | .2331391 | 0.44 | 0.663 | -.3554454 | .5584432 |
| tempoempr | | .0003357 | .0004903 | 0.68 | 0.494 | -.0006253 | .0012968 |
| ggocup_2 | | -.4807247 | .0682402 | -7.04 | 0.000 | -.614473 | -.3469764 |
| ggocup_3 | | -.6070312 | .1122058 | -5.41 | 0.000 | -.8269505 | -.3871119 |
| ggocup_4 | | -.3957751 | .1182772 | -3.35 | 0.001 | -.6275942 | -.1639561 |
| ggocup_5 | | -.972652 | .4635954 | -2.10 | 0.036 | -1.881282 | -.0640216 |
| ggocup_6 | | 0 | (omitted) | | | | |
| ggocup_7 | | -.5194257 | .2185192 | -2.38 | 0.017 | -.9477154 | -.091136 |
| ggocup_8 | | -.9019146 | .2030587 | -4.44 | 0.000 | -1.299902 | -.5039268 |
| ggocup_9 | | -.2602776 | .4950762 | -0.53 | 0.599 | -1.230609 | .7100539 |
| norte | | -.5604411 | .3554791 | -1.58 | 0.115 | -1.257167 | .1362851 |
| c_oeste | | .1318441 | .2606164 | 0.51 | 0.613 | -.3789547 | .6426428 |
| sul | | -.230751 | .1547762 | -1.49 | 0.136 | -.5341068 | .0726047 |
| nordeste | | -.6445987 | .2608895 | -2.47 | 0.013 | -1.155933 | -.1332648 |
| _cons | | 7.33292 | .4972966 | 14.75 | 0.000 | 6.358236 | 8.307603 |

| Random-effects Parameters | | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] |
|---------------------------|--|----------|-----------|----------------------|
| radiccnp: Identity | | | | |
| sd(_cons) | | .6501311 | .0506163 | .5581234 .7573064 |
| sd(Residual) | | .4736076 | .0182368 | .4391797 .5107344 |

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 151.60 Prob >= chibar2 = 0.0000

Apêndice16 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Paraguaios

| | | | |
|-----------------------------|--------------------|---|--------|
| Mixed-effects ML regression | Number of obs | = | 434 |
| Group variable: radiccnp | Number of groups | = | 180 |
| | Obs per group: min | = | 1 |
| | avg | = | 2.4 |
| | max | = | 36 |
| | Wald chi2(27) | = | 453.67 |
| Log likelihood = -168.95801 | Prob > chi2 | = | 0.0000 |

| lnSal | | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] |
|--------------|--|-----------|-----------|-------|-------|----------------------|
| econet_dummy | | -.2906268 | .080571 | -3.61 | 0.000 | -.4485431 -.1327105 |
| idadecen | | .0028755 | .0018647 | 1.54 | 0.123 | -.0007793 .0065302 |
| idadecen2 | | -.0000257 | .0000991 | -0.26 | 0.795 | -.0002198 .0001685 |

| | | | | | | | |
|----------------|--|-----------|-----------|-------|-------|-----------|-----------|
| fund_incomp | | -.939431 | .096345 | -9.75 | 0.000 | -1.128264 | -.7505982 |
| EFcomp_EMincom | | -.8673808 | .0961745 | -9.02 | 0.000 | -1.055879 | -.6788823 |
| EMcomp | | -.8631301 | .0951352 | -9.07 | 0.000 | -1.049592 | -.6766686 |
| ESincomp | | -.6504772 | .1258615 | -5.17 | 0.000 | -.8971613 | -.4037931 |
| lnhrtrab | | -.3844136 | .7626833 | -0.50 | 0.614 | -1.879245 | 1.110418 |
| portdefc | | -.087923 | .1605023 | -0.55 | 0.584 | -.4025017 | .2266556 |
| branco | | .0321545 | .063353 | 0.51 | 0.612 | -.0920151 | .1563242 |
| horascon | | .0250857 | .0267997 | 0.94 | 0.349 | -.0274408 | .0776122 |
| indhora | | .1600482 | .0473083 | 3.38 | 0.001 | .0673256 | .2527707 |
| priemp | | -.1732017 | .0452155 | -3.83 | 0.000 | -.2618225 | -.084581 |
| CLT | | 1.282287 | .429353 | 2.99 | 0.003 | .4407703 | 2.123803 |
| indsindi | | .0877579 | .0801933 | 1.09 | 0.274 | -.0694181 | .2449339 |
| tempoempr | | .0030855 | .0008232 | 3.75 | 0.000 | .001472 | .0046989 |
| ggocup_2 | | -.0406331 | .1533768 | -0.26 | 0.791 | -.3412461 | .2599799 |
| ggocup_3 | | -.5713758 | .1295521 | -4.41 | 0.000 | -.8252932 | -.3174584 |
| ggocup_4 | | -.518248 | .1345874 | -3.85 | 0.000 | -.7820345 | -.2544615 |
| ggocup_5 | | -.5261445 | .12494 | -4.21 | 0.000 | -.7710224 | -.2812666 |
| ggocup_6 | | -.5526424 | .1596256 | -3.46 | 0.001 | -.8655029 | -.239782 |
| ggocup_7 | | -.4962853 | .1154211 | -4.30 | 0.000 | -.7225065 | -.2700641 |
| ggocup_8 | | -.5558505 | .1470509 | -3.78 | 0.000 | -.8440651 | -.267636 |
| ggocup_9 | | -.3514602 | .1641196 | -2.14 | 0.032 | -.6731287 | -.0297917 |
| norte | | 0 | (omitted) | | | | |
| c_oeste | | -.3719732 | .0890841 | -4.18 | 0.000 | -.5465748 | -.1973716 |
| sul | | -.2795895 | .0727929 | -3.84 | 0.000 | -.4222609 | -.1369181 |
| nordeste | | .2086703 | .4068959 | 0.51 | 0.608 | -.5888311 | 1.006172 |
| _cons | | 7.519222 | 1.801704 | 4.17 | 0.000 | 3.987948 | 11.0505 |

| Random-effects Parameters | | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] |
|---------------------------|--|----------|-----------|----------------------|
| radiccnp: Identity | | | | |
| sd(_cons) | | .336232 | .0261005 | .2887773 .3914848 |
| sd(Residual) | | .2636149 | .0122125 | .2407334 .2886712 |

LR test vs. linear regression: $\chi^2(01) = 122.24$ Prob $\geq \chi^2 = 0.0000$

Apêndice17 – Resultado da regressão hierárquica linear do modelo 7 – Uruguaios

| | | | |
|-----------------------------|--------------------|---|--------|
| Mixed-effects ML regression | Number of obs | = | 443 |
| Group variable: radiccnp | Number of groups | = | 208 |
| | Obs per group: min | = | 1 |
| | avg | = | 2.1 |
| | max | = | 10 |
| | Wald $\chi^2(28)$ | = | 854.70 |
| Log likelihood = -391.62476 | Prob > χ^2 | = | 0.0000 |

Obs per group: min = 1
 avg = 2.7
 max = 40

Log likelihood = -1534.3936
 Wald chi2(28) = 1306.96
 Prob > chi2 = 0.0000

| lnSal | Coef. | Std. Err. | z | P> z | [95% Conf. Interval] | |
|----------------|-----------|-----------|--------|-------|----------------------|-----------|
| econet_dummy | -0.749694 | .19168 | -3.91 | 0.000 | -1.12538 | -.3740081 |
| idadecen | .0016765 | .0023443 | 0.72 | 0.475 | -.0029182 | .0062713 |
| idadecen2 | -.0003726 | .0001026 | -3.63 | 0.000 | -.0005737 | -.0001715 |
| fund_incomp | -.8787451 | .0870214 | -10.10 | 0.000 | -1.049304 | -.7081863 |
| EFcomp_EMincom | -.7273011 | .0751081 | -9.68 | 0.000 | -.8745104 | -.5800919 |
| EMcomp | -.6005029 | .0555521 | -10.81 | 0.000 | -.7093831 | -.4916227 |
| ESincomp | -.4306854 | .0823837 | -5.23 | 0.000 | -.5921545 | -.2692163 |
| lnhrtrab | 1.363188 | .2092805 | 6.51 | 0.000 | .9530056 | 1.77337 |
| portdefc | -.0608347 | .1442051 | -0.42 | 0.673 | -.3434714 | .221802 |
| branco | .0273317 | .0739104 | 0.37 | 0.712 | -.11753 | .1721935 |
| horascon | -.0362377 | .0106235 | -3.41 | 0.001 | -.0570595 | -.0154159 |
| indhoraes | -.1749443 | .045857 | -3.82 | 0.000 | -.2648223 | -.0850663 |
| priemp | -.0508789 | .110719 | -0.46 | 0.646 | -.2678841 | .1661263 |
| CLT | -.5050033 | .2714868 | -1.86 | 0.063 | -1.037108 | .027101 |
| indsindi | -.0938628 | .0576611 | -1.63 | 0.104 | -.2068765 | .0191508 |
| tempoempr | .0015184 | .0001716 | 8.85 | 0.000 | .0011821 | .0018547 |
| ggocup_2 | -.5325845 | .058428 | -9.12 | 0.000 | -.6471013 | -.4180676 |
| ggocup_3 | -.6485401 | .0666198 | -9.73 | 0.000 | -.7791124 | -.5179677 |
| ggocup_4 | -.8764241 | .0640845 | -13.68 | 0.000 | -1.002027 | -.7508207 |
| ggocup_5 | -1.097366 | .0798161 | -13.75 | 0.000 | -1.253802 | -.940929 |
| ggocup_6 | -1.598826 | .4894915 | -3.27 | 0.001 | -2.558211 | -.63944 |
| ggocup_7 | -.9923065 | .0825169 | -12.03 | 0.000 | -1.154037 | -.8305763 |
| ggocup_8 | -.820786 | .1310105 | -6.27 | 0.000 | -1.077562 | -.5640102 |
| ggocup_9 | -.5925569 | .1328343 | -4.46 | 0.000 | -.8529072 | -.3322065 |
| norte | -.3059913 | .193535 | -1.58 | 0.114 | -.6853129 | .0733304 |
| c_oeste | .235847 | .1275025 | 1.85 | 0.064 | -.0140532 | .4857473 |
| sul | .0905819 | .0942953 | 0.96 | 0.337 | -.0942335 | .2753974 |
| nordeste | .0194042 | .1065027 | 0.18 | 0.855 | -.1893374 | .2281457 |
| _cons | 6.239248 | .4781274 | 13.05 | 0.000 | 5.302135 | 7.17636 |

| Random-effects Parameters | Estimate | Std. Err. | [95% Conf. Interval] | |
|---------------------------|----------|-----------|----------------------|----------|
| radiccnp: Identity | | | | |
| sd(_cons) | .5393997 | .0275983 | .4879317 | .5962966 |
| sd(Residual) | .5612078 | .0134739 | .5354111 | .5882473 |

LR test vs. linear regression: chibar2(01) = 253.79 Prob >= chibar2 = 0.0000